



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA E ENSINO - MEN

LAÍS CRISTINA OLIVEIRA AFONSO
RAFAELA REBELLO DUARTE
ROGERIO CRUZ PEREIRA

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
EJA
Desmistificando o mito da homogeneidade linguística**

FLORIANÓPOLIS – SC
2016

**LAÍS CRISTINA OLIVEIRA AFONSO
RAFAELA REBELLO DUARTE
ROGERIO CRUZ PEREIRA**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
EJA
Desmistificando o mito da homogeneidade linguística**

Relatório de Estágio de Docência apresentado ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada(o) em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas.

Orientadora: Professora Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

FLORIANÓPOLIS - SC

2016

Por Rafaela...

Dedico este trabalho, ainda que parcial, aos meus pais. Obrigada, Pai, pela tua paciência. Obrigada, Mãe, pela tua sabedoria.

Por Rogério...

Dedico este trabalho à minha companheira Daniele Prozczinski, que de uma forma muito especial e muito paciente, sempre me deu força, me apoiando e incentivando incondicionalmente, principalmente nos momentos de maior dificuldade, e, de forma especial, ao meu Pai e à minha Mãe (in memoriam), os quais eu agradeço a minha existência e a forma como eles me ensinaram a ver a vida.

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.”

(PAULO FREIRE)

RESUMO

Este relatório final abarca o processo final do estágio docência executado no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, na turma 392, de modalidade Ensino de Jovens e Adultos – EJA, do Ensino Fundamental – 9º ano, sob orientação da Prof. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott e acompanhamento da professora regente da classe Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos, como produto parcial da disciplina de Estágio em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura I, do curso de Letras – Português da Universidade Federal de Santa Catarina. O tema do projeto, e refletido ao longo deste relatório, baseia-se nos atributos da variação linguística, problematizando conceitos como preconceito linguístico e norma culta. Assume-se, neste relatório, que o objeto da aula de português é a língua, e que o conhecimento dela em suas várias instâncias permite ao aluno a isenção de um comportamento desrespeito face ao Outro, bem como a compreensão de que a língua é um fenômeno heterogêneo. Esse conhecimento só faz sentido quando articulado a textos que exponham as várias possibilidades de realização da língua, e atentando a isso, foram escolhidos os gêneros notícia e crônica para a contextualização da ideia de língua enquanto unidade heterogênea, de modo a desenvolver a competência linguística do aluno, que no projeto docência foi desenvolvida por escritas e reescritas textuais. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho, é o de mostrar aos alunos a língua como identidade cultural, formada por valores sociais, e apresentar a ideia de que há uma variação entre as formas linguísticas, a fim de possibilitar ao aluno o conhecimento e o uso da língua em contextos que serão exigidos em seu cotidiano. Além disso, constitui esse relatório o projeto extraclasse intitulado “O novo acordo ortográfico”, executado às sextas-feiras à noite, no colégio, cujo tema volta-se para as novas regras ortográficas, obrigatórias a partir do mês de janeiro de 2016.

Palavras-chave: variação linguística; estágio docência; projeto extraclasse; produção textual, heterogeneidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	10
1.1. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	10
1.1.1. A escola	10
1.1.2. O PPP da escola	13
1.1.3. A turma.....	14
1.1.4. A professora regente da turma.....	16
1.1.5. Relato crítico das aulas observadas.....	17
1.1.5.1. Análise crítica das aulas observadas pela estagiária Laís.....	17
1.1.5.2. Análise crítica das aulas observadas pela estagiária Rafaela	19
1.1.5.3. Análise crítica das aulas observadas pelo estagiário Rogerio.....	23
2. PROJETO DE DOCÊNCIA	25
2.1. Introdução	25
2.2. Problematização e escolha do tema.....	27
2.3. Justificativa	29
2.4. Referencial teórico	29
2.5. Objetivos.....	33
2.5.1. Objetivo geral.....	33
2.5.2. Objetivos específicos	33
2.6. Conhecimentos trabalhados.....	33
2.7. Metodologia/Procedimentos.....	34
2.8. Recursos utilizados	35
2.9. Avaliação	36
2.10. Planos de aula.....	37
2.10.1. Planos de aula das/o estagiárias/o	37
Desafiando a sorte.....	127
2. 11. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA.....	131
2.11.1. Relato das aulas da estagiária Laís	131
2.11.2. Relatos das aulas da estagiária Rafaela	133
2.11.3. Relatos das aulas do estagiário Rogerio.....	135

2.12. Reflexão sobre a prática pedagógica.....	137
3. DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE	140
3.1. O PROJETO EXTRACLASSE.....	140
3.1.1. Contextualização e escolha do tema.....	140
3.1.2. Reflexão teórica.....	141
3.1.3. Avaliação	143
3.1.4. Objetivos.....	144
3.1.5. Conhecimentos trabalhados.....	144
3.1.6. Metodologia	146
3.1.7. Recursos.....	147
3.1.8. Cronograma das aulas.....	148
3.1.9. Planos de aula dos encontros	153
3.1.10. Anexos dos planos de aula dos encontros do extraclasse	159
3.2. Relato da docência no projeto extraclasse.....	182
3.2.1. Reflexão sobre a prática pedagógica no extraclasse	184
4. ENSAIOS INDIVIDUAIS	185
4.1. ENSAIO DA ESTAGIÁRIA LAÍS CRISTINA OLIVEIRA AFONSO	185
4.2. ENSAIO DA ESTAGIÁRIA RAFAELA REBELLO DUARTE	186
4.3. ENSAIO DO ESTAGIÁRIO ROGERIO CRUZ PEREIRA.....	188
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
6. REFERÊNCIAS.....	193
7. ANEXOS.....	198

INTRODUÇÃO

Este relatório contempla todas as atividades exercidas durante o período de Estágio Curricular Obrigatório de Docência, da 9ª fase do curso de Letras – Português, da Universidade Federal de Santa Catarina. Sob a orientação da Prof. Dr. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, os estagiários Laís Cristina Oliveira Afonso, Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira, colocaram em prática, no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, localizado no bairro Kobrasol, na Grande Florianópolis. A turma escolhida pertence à modalidade Ensino de Jovens e Adultos – EJA, do ensino fundamental, turma de 9º ano, em que cada estagiário ficou responsável por 10h/aula. Inicialmente, os estagiários tiveram um contato com o espaço escolar, observando as aulas ministradas pela Prof. Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos, professora regente da classe. Para essa etapa dá-se o nome de período de observação. A etapa seguinte refere-se à elaboração do projeto docência, e então sua execução, conforme descrito a partir de agora.

Todo cidadão, que escolheu o campo da educação como fonte de atuação profissional, no que tange às ciências humanas, às ciências da natureza e às ciências exatas, entende que dentro de uma sala de aula há uma miscigenação de culturas e valores que advém dos contextos sociais em que os alunos estão inseridos, isto é, cada sujeito sentado à frente do professor carrega consigo uma herança cultural própria, um olhar subjetivo sobre o mundo e as pessoas. A bagagem histórica que cada aluno carrega reflete toda a sua ação enquanto sujeito sócio histórico, marcando características nas relações efetivadas entre o Eu e o Outro. Nessas relações, a língua enquanto entidade social se manifesta, e é a partir do ato linguístico em situações sociocomunicais que foi pensado em um projeto que abarcasse a língua enquanto fenômeno heterogêneo. Nesse sentido, acreditamos ser a língua o objeto das aulas de português, de modo que aluno conheça sua própria língua, e que saiba usá-la nos diversos eventos sociais nos quais estará presente. A proposta, portanto, está baseada na perspectiva de variação linguística, contemplada pelo conteúdo de variedades linguísticas que compõe a geografia do Brasil e que, conseqüentemente, será reflexo de cada cultura local, bem como a percepção de que as línguas mudam no percurso do tempo, de que não há uma única língua homogênea. Dessa forma, tomando como eixo central o tema variação linguística, julgou-se importante contemplar durante a abordagem do projeto as implicações em torno do preconceito linguístico e a importância da norma culta, alinhadas ao gênero notícia e crônica, a fim de que seja refletido sobre os (des)usos linguísticos.

No campo do preconceito linguística julga-se importante enfatizar a língua como sistema heterogêneo e cultural, de modo que seja compreendido as variedades dialetais e o aluno passe a

respeitar a singularidade do Outro. Assim, entende-se que desmitificar a ideia de língua pura e idealizada seja papel fundamental quando é abordado o tema variação linguística no campo educacional. Se a escola, enquanto incentivadora das habilidades e competências, prepara o aluno para exercer o papel o *sujeito-cidadão* na sociedade, cabe a ela também desenvolver o respeito entre as diferenças atribuídas às pessoas, isto é, o respeito à diferença quando o assunto é linguagem. Em relação à norma culta, entende-se que uma das funções da escola, nas aulas de português, seja a de apresentar ao aluno o domínio de uma norma pertence ao grupo social dos letrados, que possui maior prestígio social, e que será requerida em eventos mais formais de seus cotidianos, como uma entrevista de emprego, por exemplo. Mas, paralelo a isso, conscientizando os de que suas línguas maternas, isto é, a primeira língua com a qual exercem contato – a língua do ambiente familiar – não é “errada”, pois também é um tipo de norma que caracteriza um grupo social. Dessa forma, estará consciente o aluno de que há várias normas sociais que permeiam os ambientes sociais, e que saber usar a língua de maneira correta é entender e dominar as variedades linguísticas. Essas questões só fazem sentido quando unidas aos gêneros textuais existentes, de modo que a prática do letramento seja desenvolvida. Acredita-se que o aluno que conhece sua língua – e não apenas a reconhece – dispõe de mecanismos mais hábeis para a elaboração de um texto, articulando melhor as ideias à atividade proposta.

Além disso, a elaboração de um projeto extraclasse também está inserido neste relatório, cujo tema foi “*O Novo Acordo Ortográfico*”, atentando à modalidade EJA, constituída por jovens e adultos que visam oportunidades de trabalho, bem como processos seletivos como vestibulares. Foram três encontros, às sextas-feiras, em período noturno. O projeto dispôs de uma estrutura mais dinâmica para que os alunos se envolvessem e participassem das atividades propostas.

Este relatório está assim dividido: na primeira seção, de cunho descritivo, encontram-se informações a respeito da estrutura escolar em qual foi executada o projeto docência, bem como os relatos críticos de observação feitos pelos três estagiários. Na seção dois consta a elaboração de todo o projeto docência aplicado aos alunos, com metodologia, objetivos, justificativa, isto é, etapas que compõem um projeto. Além disso, nessa seção, encontram-se também o relato de observações das aulas ministradas pelos estagiários. A seção três está reservada para o projeto extraclasse intitulado “*O novo acordo ortográfico*”, também com objetivos, metodologia, justificativas etc. Na seção quatro estão os ensaios escritos pelos estagiários Lais, Rafaela e Rogério referentes ao tema de docência. Na seção cinco estão as considerações finais, na seção 6 estão as referências que sustentam este relatório, e na seção 7 todos os anexos utilizados no processo de estágio docência.

1. DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

1.1. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

1.1.1. A escola

Esta seção dedica-se à breve história do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, localizado no bairro Kobrasol, na Grande Florianópolis, e fundado em 12 de novembro de 1988, que somente em 1989 passou exercer suas atividades. Isto é, há 26 anos o CMMLM forma crianças e jovens das comunidades locais, dada a demanda de alunos/as. A maioria dos estudantes que estudam no colégio moram em bairros próximos.

O espaço destina-se não somente para alocar o colégio, mas também para as atividades da Universidade de São José – USJ, que dispõe dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Pedagogia, Ciência da Religião e Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, dois cursos de pós-graduação: Docência na Educação Infantil e Docência nos Anos Iniciais.

A instituição recebeu esse nome em homenagem a mãe do prefeito Germano João Vieira (mandato de 1966-1970), Maria Luiza de Melo (1889-1934). O colégio é informalmente chamado de “*Melão*”, e atualmente agrega mais de 2 mil alunos/as no período anual.

A cidade de São José, de acordo com os dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – houve um considerável aumento da população desse município de 1980 para 2010, no que tange números de 87.822 para 209.804 habitantes, gerando um grande fluxo econômico, político e educacional independente.

ESTRUTURA FÍSICA DO COLÉGIO

A estrutura física do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo integra um amplo conjunto arquitetônico composto por 3 (três) edificações, ambas com três andares – bloco A com 3.840 m², bloco B com 2.871,17 m² e bloco C com 1.685,59 m² – conforme demonstrado na figura 1. Destaca-se ainda que, esse espaço, desde 2010, é dividido com o Centro Universitário Municipal de São José (USJ), o qual ocupa os blocos A, B e C, no período noturno, segundo dados do questionário do espaço escolar¹. Porém, conforme informação passada pela direção do colégio², encontra-se em desenvolvimento um projeto para transferência da USJ para outra área do município.

¹ Anexo 1.

² Conversa informal com a Coordenadora Ana Cristina Colombi de Paula.



Figura 1: lateral da escola - (blocos A, B e C)³

O colégio, atualmente, é dirigido pelas Diretoras Rosângela da Silva Hames e pela Diretora Karla Beatriz. Cabe salientar que a direção da escola é escolhida mediante eleições diretas, na qual participa toda a comunidade escolar, além dos pais e das mães dos/as alunos/as.

Conforme verificação realizada, junto à direção do colégio, mediante a aplicação de um questionário sobre o espaço escolar, toda a infraestrutura do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, o qual tem por objetivo, conforme exposto no PPP, oferecer educação de qualidade para todos, encontra-se estruturada da seguinte maneira:

DEPENDÊNCIAS

- ✚ 37 Salas;
- ✚ 1 Secretaria;
- ✚ 1 Biblioteca;
- ✚ 2 Laboratórios de informática;
- ✚ 1 Auditório;
- ✚ 1 Laboratório de ciências desativado;
- ✚ 1 Sala de vídeo;
- ✚ 26 Banheiros (sendo 1 adaptado);
- ✚ 1 Quadra de esportes;
- ✚ 1 Sala de hora-atividade;
- ✚ 1 Cozinha;

³ Imagem extraída do google Earth.

- + 1 Cantina;
- + 1 Secretaria escolar;
- + 1 Sala de recursos humanos;
- + 1 Sala de assessoria;
- + 1 Sala de direção;
- + 1 Sala de professores;
- + 3 Salas de supervisão escolar; e
- + 3 Salas de orientação educacional.

EQUIPAMENTOS

- + Computadores administrativos;
- + Computadores para alunos/as;
- + Aparelhos de televisão;
- + Aparelhos multimídia;
- + Copiadoras;
- + Equipamentos de som;
- + Impressoras; e
- + DVD.

INFRAESTRUTURA

- + 1 Elevador (para o acesso de alunos/as com deficiência física);
- + Água filtrada;
- + Água da rede pública;
- + Energia da rede pública;
- + Lixo destinado à coleta periódica;
- + Esgoto da rede pública; e
- + Internet banda larga.

PESSOAL

CORPO DOCENTE

- + 113 Professores;
- + Professores na EJA: não informado;

- ✚ 10 Professores de Língua Portuguesa;
- ✚ 10 Auxiliares de ensino; e
- ✚ 1 Intérprete de libras.

CORPO DISCENTE

- ✚ 35 Turmas de ensino fundamental regular dos anos iniciais;
- ✚ 32 Turmas de ensino fundamental regular dos anos finais;
- ✚ 2 Turmas de ensino fundamental na EJA;
- ✚ 3 Turmas de ensino médio regular;
- ✚ 5 Turmas de ensino médio na EJA;
- ✚ 1923 Alunos/as matriculados no ensino fundamental regular;
- ✚ 68 Alunos/as matriculados no ensino fundamental na EJA;
- ✚ 90 Alunos/as matriculados no ensino médio regular;
- ✚ 194 Alunos/as matriculados no ensino médio na EJA;
- ✚ 22 alunos/as com necessidades especiais no ensino fundamental regular;
- ✚ 1 Aluno com necessidades especiais no ensino fundamental na EJA

CORPO DE FUNCIONÁRIOS

- ✚ 231 Funcionários, sendo:
- ✚ 120 ACT;
- ✚ 111 Efetivos; e
- ✚ As merendeiras são terceirizadas.

1.1.2. O PPP da escola

O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Maria Luiza de Melo, aprovado em 2012, destaca como objetivo:

Contribuir para a efetivação de uma educação mais justa, pública e democrática, que de fato assegure ao máximo a socialização do saber escolar como um instrumento cultural indispensável para que o educando possa agir na sua prática social como um cidadão consciente e participante das transformações sociais. (OLIVEIRA, 1996, p. 28, apud PPP, p.1)

Isto é, a formação de um “cidadão participativo, consciente de seus direitos e deveres, que vivencie atitudes de respeito, solidariedade, cooperação, responsabilidade social e repúdio às injustiças sociais.” (PPP, p. 3).

Segundo o PPP, o colégio almeja ainda alguns pontos, dentre eles: que a inclusão social seja promovida com educação de qualidade; e que a evasão e repetência sejam combatidas.

Outra reflexão trazida no documento diz respeito à avaliação do processo de ensino e aprendizagem, que é compreendida da seguinte maneira: como um processo permanente de ação-reflexão-ação; um instrumento dialético de diagnóstico; uma inclusão de todos os educandos no processo de ensino-aprendizagem garantindo o sucesso de todos; e uma apropriação do conhecimento do ponto de vista individual e socialmente significativos. (PPP, p. 4). Entretanto, não é apresentada no documento nenhuma atividade que seja desenvolvida para que esse objetivo seja alcançado.

O PPP elenca também o regimento interno do colégio (PPP, p. 5), composto pelos direitos, deveres e o que é vetado aos estudantes; e os direitos e deveres dos profissionais da educação.

O documento explicita ainda as visões de cultura, educação, mundo, ser humano e sociedade, partilhadas pelo colégio.

1.1.3. A turma

Esta seção foi respondida com base em um questionário aplicado à turma⁴, com o total de trinta e três alunos/as, sendo quinze mulheres e dezesseis homens. Considerando que alguns/mas alunos/as não foram à aula no dia da aplicação do questionário sócio cultural, o número de alunos/as previsto inicialmente era de quarenta e um. No final do estágio, a frequência na aula, girava em torno 27 alunos/as. A turma escolhida para o período do estágio docência não faz parte do ensino regular, configurando-se como estatuto de Educação de Jovens e Adultos do nível Ensino Fundamental, cuja idade mínima do/a aluno/a inserido nesta modalidade é de quinze anos. Segundo a Lei nº 9.394/1996 – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Artigo 37º a “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” (BRASIL, 1996). Essa informação nos remete, portanto, à realidade do estudante da EJA: pessoas que possuem suas rotinas de trabalho, e que por uma necessidade maior reconhecem o valor da educação para sua evolução enquanto sujeito social.

Embora seja voltada para um público adulto reiniciando seus estudos, o questionário sobre a realidade sociocultural dos/as alunos/as revelou⁵ que de quinze pessoas do gênero

⁴ Anexo 2.

⁵ Anexo 3 (Resumo do questionário sociocultural).

feminino, com idade entre 16 e 40 anos, 5 trabalham e 10 não possuem alguma atividade profissional. Diferentemente, de 16 pessoas do gênero masculino, com idades entre 16 e 60 anos, em que 11 trabalham e 4 não exercem nenhuma função profissional. Em outras palavras, os questionários nos mostram que nem todos os/as alunos/as da modalidade EJA trabalham, e que há uma proporção inversa entre os gêneros feminino e masculino.

Pelo grande número de alunos/as, pode-se afirmar que a turma se configura como sendo muito heterogênea e crítica. A realidade dessa classe em relação à quantidade de alunos/as é consequência do baixo índice de alunos/as matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental Regular, migrando eles para a EJA. Das respostas que obtivemos a mais relevante refere-se ao curso superior, em que todos responderam que objetivam um curso de graduação. A maioria dos alunos residem na cidade de São José, o que facilita seus acessos ao colégio.

Outro aspecto relevante foi o de qual a importância da língua portuguesa para eles, respondendo que ela aperfeiçoa a forma como eles se expressam e se comunicam com o próximo.

Quando indagados sobre o hábito de ler, as alunas mostraram mais interesse e frequência nesse hábito. Sobre as atividades que mais apreciam nas aulas de Língua Portuguesa a produção textual se mostrou relevante, bem como a interpretação de texto e leituras. Em suma, trata-se de uma turma muito singular, que aprecia as aulas expositivas e as aulas sobre discussão de um texto, ou seja, atividades em que eles possam expressar suas opiniões de alguma forma. Assim, em alguns momentos, a turma revela-se muito dinâmica e ativa, divergindo algumas vezes em questões comportamentais e, de certo modo, limitando o andamento das aulas.



Figura 2: foto com parte da turma 392

1.1.4. A professora regente da turma

A professora de Português regente da turma 391, 9º ano, é formada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. A professora leciona há 14 anos no Colégio Maria Luiza de Melo, em regime efetivo, e atualmente trabalha neste colégio 37 horas semanais, dentre elas, 7 dedicadas a trabalhos extraclases e 10 à EJA.

Questionada⁶ acerca de sua metodologia, a professora responde que procura variar bastante as suas aulas, a fim de que estas sejam mais interessantes. Não há um planejamento completo e detalhado para o mês, bimestre ou semestre. As aulas são elaboradas dia após dia, isto é, a aula anterior é que dá encaminhamento às aulas seguintes.

Com relação aos materiais e espaços utilizados durante as aulas, apesar de a docente destacar idas à biblioteca, uma vez por semana, temos informações da direção de que, no período noturno, a biblioteca do colégio é utilizada apenas pelos/as alunos/as da faculdade que ali também funciona. Assim sendo, acreditamos que a professora pode ter se baseado no período matutino para responder à questão 4 do questionário.

Observamos também que a professora não utiliza livro didático, mas leva diversas atividades xerocadas para os/as alunos/as e vez ou outra leva também para sala de aula dicionários e gramáticas para pesquisa durante a realização de exercícios.

Quanto à oralidade e leitura, a professora procura dar ênfase a atividades de interpretação de textos, com leituras silenciosa e, em seguida, voz alta. Já a escrita e análise linguística se dão por meio de produção textual, atividade gramatical concernente a aspectos que precisam ser revistos e melhorados e a reescrita.

Apesar de não ter realizado preparação específica para trabalhar com a EJA, a professora demonstra ter habilidade para lidar com as peculiaridades desta modalidade de ensino e desta turma e descreve a experiência como um desafio gratificante, tendo em vista que ela orienta alunos/as de diversas faixas etárias.

Ao final do questionário, a regente salienta a importância da integração dos/as alunos/as com os estagiários, pois estes motivam e atualizam conceitos e, de certa forma, dinamizam as aulas.

⁶ Anexo 4.

1.1.5. Relato crítico das aulas observadas

1.1.5.1. Análise crítica das aulas observadas pela estagiária Laís

O período de observação compreendeu a primeira etapa do estágio de docência. Durante 10h/a, os estagiários puderam conhecer os alunos para os quais iriam lecionar, a didática da professora regente e a realidade escolar.

A professora mostrou-se bastante receptiva, dedicada e paciente, tanto com os estagiários quanto com os alunos. Embora a docente não tenha tido uma preparação específica para lidar com o modelo da EJA, ela mostrou bastante domínio para lidar com as peculiaridades da turma 392, tendo em vista que a turma possui desde alunos de 16 anos a 60 anos e tanto alunos interessados quanto alunos totalmente desinteressados.

Em relação ao espaço físico da sala, este não era suficiente para comportar todos os alunos matriculados na turma, haja vista que era um espaço para receber, no máximo, 25 alunos, e recebeu 45, além de ter cadeiras baixas, utilizadas por alunos mais novos do período diurno. Como o espaço era pequeno, favorecia a proximidade dos alunos e, conseqüentemente, as conversas paralelas. Não havia espelho de classe na turma, cada aluno podia se sentar em qualquer lugar. Por conta das conversas, do barulho, a aprendizagem às vezes se tornava mais difícil.

No que concerne à metodologia, a Professora, não possuía um planejamento completo do que abordaria no semestre. As aulas eram pensadas de modo que a anterior daria uma noção do que seria trabalhado na seguinte.

Embora o período em que a professora regente tratou a morfologia – formação de palavras por meio dos radicais latinos e gregos tenha parecido extenso, causando uma certa indignação em alguns alunos⁷, o tema abordado foi ao encontro do que propõe a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014, p. 132):

Trata-se de entender gramática como a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica das línguas, que não são regras prescritivistas que constam em livros de gramática normativa; são, sim, níveis que constituem as línguas como sistemas que se prestam aos usos. É preciso, também, considerar que tais vocabulário e estrutura gramatical só existem por conta da sociointeração e não fazem sentido fora dela. Desse modo, educar para a reflexão sobre os usos das línguas é também tarefa dos professores e precisa ser realizada [...].

Entretanto, conforme defende Geraldi, a aula deve sempre partir do texto, o que não ocorreu quando a professora regente abordou os radicais latinos e gregos.

⁷ Na última aula de observação, quando a Professora regente retomou os radicais das palavras, um aluno murmurou: “Ah, não, professora, radicais de novo não!!!”

Pensando nos 4 eixos que guiam a aula de Língua Portuguesa: oralidade, leitura, escrita e análise linguística, este último não ocorreu nas aulas durante o período de observação. A leitura de um texto propriamente dito ocorreu no penúltimo dia de observação. A professora entregou a crônica e solicitou que os alunos fizessem uma leitura silenciosa, em seguida, dois alunos fizeram a leitura em voz alta. Ao terminarem a leitura oral, foi feita uma rápida discussão dos fatos ocorridos naquela história e, logo depois, responderam às cinco primeiras questões de interpretação e perguntas diretas, as quais foram corrigidas no dia seguinte.

Para Irlandé Antunes (2003, p. 28), a atividade de interpretação de texto deve ir além de “recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto. Quase sempre esses elementos privilegiam aspectos apenas pontuais do texto (alguma informação localizada num ponto qualquer), deixando de lado os elementos de fato relevantes para sua compreensão global [...]”. Geraldi (1997, p. 170), em *Portos de Passagem*, segue na mesma linha de pensamento, afirmando que se tem feito do texto “um meio de estimular operações mentais e não um meio de, operando mentalmente, produzir conhecimentos. Não há perguntas prévias para se ler. Há perguntas que se fazem porque se leu.”.

Com relação aos exercícios e à escrita propostos nas aulas, estes foram compreendidos como “exercícios de fixação”, muitas vezes soltos e descontextualizados. Antunes (2003, p. 24, 26), ao elencar algumas constatações que ela considera serem menos positivas nas atividades de ensino do português, pontua não ser tão interessante a seguinte:

a prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em “exercícios” de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases. Tais palavras e frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem as coisas que têm a dizer. [...] os princípios básicos da textualidade são violados, porque o que se diz é reduzido a uma sequência de frases desligadas umas das outras, sem qualquer perspectiva de ordem ou de progressão e sem responder a qualquer tipo particular de contexto social.

A oralidade foi brevemente trabalhada no primeiro dia de aula, quando os alunos entregaram o trabalho que haviam iniciado na aula anterior sobre os países que falam a Língua Portuguesa. Dois alunos se dispuseram a apresentar à turma, a frente da sala, o que fizeram no trabalho. Tendo em vista que os alunos não realizaram outra produção de textos, senão esta, a análise linguística poderia aqui ser trabalhada. O trabalho corrigido poderia ser devolvido, a professora realizaria uma aula que abordaria assuntos que os alunos tiveram mais dificuldade, o que não ocorreu.

Partindo das considerações apresentadas até aqui e tendo em vista que “leitura de textos, oralidade, produção de textos e análise linguística” são os quatro eixos os quais, segundo Geraldi, devem embasar as atividades de Língua Portuguesa, faz-se necessário refletir sobre a

atividade docente e a metodologia utilizada - geralmente composta por exercícios descontextualizados e textos sem a devida reflexão prévia e posteriormente à leitura.

1.1.5.2. Análise crítica das aulas observadas pela estagiária Rafaela

Esta subseção está dedicada a refletir, de um ponto de vista crítico, sobre os seis encontros, com um total de 10h/a, realizados no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo – CMMLM. A descrição foi feita por uma jovem estudante do curso de Letras – Português, da Universidade Federal de Santa Catarina, que entende o papel da Educação como fonte de autonomia, que possibilita aos sujeitos experienciar o mundo com contemplação, conscientes de suas singularidades e heranças culturais. Acredita que seu compromisso, além de tantos outros, é o de propiciar ao indivíduo as experiências entre o Eu e o Outro, de forma que essa interação contribua criticamente para a construção e constituição individual de cada um. A educação é, sobretudo, uma fonte de liberdade. Pelas palavras de Faraco (2003, p. 19) esse percurso sociocultural dos sujeitos se dá no “mundo da vida”, onde a história se constrói a cada dia a partir de comportamentos desencadeadores de ações ímpares e singulares; não há abstração, há experiências reais.

A professora, quando foi indagada sobre o que é sujeito, responde como “um ser social, movido de inteligência, que tem como papel agir no seio da sociedade como integrante ativo dela com autonomia para tomar decisões” a qual converge com a perspectiva do sujeito no plano teórico educacional. Assim, segundo LDB (1996), Art. 2º, “a educação [...] inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania [...]”. Sob a perspectiva de aprendizagem, na prática escolar, diz o Art. 3º, Parágrafo II, que o ensino se volta para a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar cultura, o pensamento, a arte e saber”.

Quando iniciado na vida escolar o aluno leva consigo todo um aparato cultural abstraído das experiências pelas quais passou, sendo dever da escola transformá-lo em conhecimento. Entende-se, aqui, conhecimento como a capacidade de responder criticamente pela própria existência, em que os sujeitos sejam conscientes de suas ações enquanto cidadãos. Contudo, a realidade parece ser outra, e que parece advir de fatores bem recorrentes. O primeiro deles, encontrado em Geraldi (1984, p.40) e ainda contumaz no plano educacional:

Sabemos e vivemos as condições de trabalho do professor; principalmente dos professores do primeiro e segundo graus. Sabemos que a educação “tem muitas vezes sido relegada à inércia administrativa, a professores mal pagos e mal remunerados, a verbas escassas e aplicadas com tal falta de racionalidade que nem mesmo a lógica do sistema poderia explicar (Mello, 1979).

Passados trinta e dois anos do argumento elaborado pelo autor, a situação permanece igual, senão pior, àquela criticada por ele. Considerando os feitos políticos do nosso país, a educação é sempre posta de lado em primazia de um público restrito. A metáfora que melhor define a total falta de interesse do sistema político pela educação parece semelhante ao que foi dito ao Secretário Nacional de Educação, Calazans Fernandes, em 1963, sobre a alfabetização de adultos, método de Paulo Freire: “Meu jovem, você está engordando cascavéis nesses sertões.”⁸

O segundo fator, sob uma perspectiva mais metodológica, está associado à falta de planejamento do professor em relação às suas aulas, uma crítica já feita por Antunes (2003, p.108) sobre “o que fazer” na aula de português, uma vez que o professor aprendeu a não criar e inventar seus planejamentos, de modo que apenas reproduza o conhecimento e não, de fato, produza o conhecimento⁹. É inconcebível a ideia de um professor, em pleno estatuto da profissão, ministrar suas aulas sem o instrumento de trabalho físico que, naquele momento, é decisivo para a organização do saber: o plano de aula. O professor precisa ter a consciência de que esse instrumento norteia a sequência das aulas, guiando ao objetivo estabelecido para o processo de ensino aprendizagem. Acredita-se, assim como Antunes (2003, p. 20), que “é evidente que fatores internos à própria escola condicionam a qualidade e relevância dos resultados alcançados”, como a ausência de uma supervisora escolar no período noturno, por exemplo.

Esses fatores parecem ser os principais para o não condicionamento de uma proposta de ensino aprendizagem, principalmente em um plano mais eventivo: a sala de aula. A partir de agora será relatado como aconteceram as aulas de português. O primeiro conceito observado – dado seu perfil sociolinguístico, que tanto contribui para a desconstrução do conceito de língua pautado em um sistema de regras – foi o da Língua como objeto de ensino. No questionário aplicado à professora foi perguntado sobre sua concepção de língua e, de modo muito satisfatório para os que tomam a língua como objeto de ensino nas aulas de português, ela responde: “um fenômeno marcante de um povo; é o retrato de sua cultura”. Assim, a concepção de língua interpretada pela docente foge das concepções normativas das quais as escolas costumeiramente fazem uso. Nesse sentido, ela se distancia, e com razão, da língua enquanto instrumento normativo, homogêneo, elaborada por um plano político elitizado. Conforme Mattos e Silva (*apud* Coelho e Görski, 2009, p. 84):

⁸ Esta frase está disponível em Fernandes & Terra (1994). A frase foi retirada do texto “*Prisão e Anistia de Paulo Freire: documentos reveladores.*” Disponível em: <http://boletim.unifreire.org/edicao02/2013/09/05/prisao-e-anistia-de-paulo-freire-documentos-reveladores/>

⁹ A crítica feita por Antunes (2003) faz referência, sobretudo, ao uso do livro didático como metodologia para as aulas de língua portuguesa, o que, felizmente, não foi constatado na aula da professora regente.

os professores de português, por necessidades exigidas por nossa sociedade discriminatória, têm de explicitar a seus estudantes que certos usos variáveis são censurados em certas situações socioculturais. [...] (o professor) se tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar, por exercícios, o valor social das variantes de um elemento variável no português do Brasil. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 282)

A questão sobre língua homogênea e variação linguística recai sobre o que Zilles, à luz de Bourdieu, escreve na apresentação escrita por ela em Faraco (2008): “as escolas são muito mais eficientes em ensinar que existe a língua legítima (seu reconhecimento) do que em ensinar a usar tal língua (seu conhecimento).” Em outras palavras, o “reconhecimento” seria, conforme Bezerra (2010), a língua como reflexo de um ensino de português antigo pautado em uma variedade tida como culta e superior, o que denota, conseqüentemente, a língua como objeto de poder.

Porém, a crítica do “reconhecimento” trazida aqui não é literal, serve somente para denotar que, sem uma orientação metodológica, isto é, a falta de um planejamento, essa concepção sociolinguística rompedora de conceitos normativos parece permanecer apenas no plano da oralidade. Tendo em vista que os próprios alunos reconhecem a língua como entidade homogênea, ou seja, apenas exercem o “reconhecimento da língua”, seria papel do professor desconstruir essa ideia, aplicando estratégias de fixação desses valores atribuídos à variação linguística. Assim, os alunos chegariam ao estágio de “conhecimento” da língua, ou melhor, da sua língua. Não feito isso, todo esse empenho sociolinguístico permanece na teoria. Segundo Mattos e Silva (2004, p.35):

(...) aqueles que encaminhassem o ensino/aprendizagem para o cultivo da expressão de cada um, para desenvolver já na criança, de qualquer camada social e de qualquer região, a segurança de que é capaz de dominar várias formas de se manifestar em sua língua e de compreendê-las. [...] Essa pedagogia voltada para o todo da língua e não para algumas de suas formas, decerto socialmente privilegiados, levará o indivíduo a, desde o momento em que começa a refletir sobre a língua – o que se processa desde a alfabetização –, ter consciência de que sabe falar a língua que fala todo dia, mas que precisa saber mais sobre ela e que esse saber pode crescer com ele por toda a vida.

Além da língua como objeto de ensino, a professora abordou o gênero crônica em sala, abordando os eixos leitura/oralidade/escrita. Partindo do pressuposto que a tipologia do gênero textual, segundo Marcuschi (2010) não está na forma, nem nos aspectos estruturais ou linguísticos, mas sim caracterizada por aspectos sociocomunicativos, ou seja, aspectos sociodiscursivos, a docente muito bem trabalhou os aspectos funcionais na crônica. Sobre o gênero crônica pode-se refletir sua essência como sendo histórica. Percebe-se que há uma linha tênue entre os sujeitos em sociedade e as tipologias de gêneros que circulam nela, parecendo ser os gêneros reflexos do comportamento social dos sujeitos. Como exemplo, pode-se falar sobre os diversos gêneros textuais que surgiram com a expansão da internet: blogs, mensagens virtuais,

email etc, cada um deles com características que os definem com regimento de gênero, atuando como “moldes comunicativos”.

Nesse sentido, ainda com Marcuschi (2010, p. 35), “os gêneros distribuem-se pelas suas modalidades num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana.” Bakhtin, um dos precursores dessa perspectiva, os define em primários e secundários, e suas realizações se relacionam com o contexto em que o indivíduo está inserido, isto é, os gêneros se relacionam com diferentes esferas da atividade humana, onde cada uma delas possui uma linguagem, uma forma de enunciação. Num sentido de progressão é necessário que antes que se tenha contato com o gênero secundário – e por isso chama-se secundário, porque há um primário –, o professor trabalhe com os alunos os gêneros primários, pois são esses que estão presentes em seus cotidianos. Todo professor que leciona aulas de português aos seus alunos sabe da importância do gênero na prática do letramento. Assim, se a função é a de “gerar expectativas e compreensão mútua” (MARCUSCHI, 2010), como podemos de fato expô-las em um plano mais concreto?

A prática da escrita derivada dos gêneros é fundamental para a associação de informações que foram geradas a partir da oralidade. Pode-se dizer que a produção textual feita em cima de um determinado gênero reflete todo o processo de ensino aprendizagem que advém do aluno. Além disso, além de refletir esse processo, culmina em uma das características mais belas e notórias do aluno: a identidade. É a partir do texto que o professor capta a constituição do sujeito à sua frente. Para toda expressão oral ou escrita, o sujeito manifesta as experiências em si constituídas. Segundo Geraldi (1997, p. 136):

Na produção de discursos, o sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação discursiva, dela não é decorrência mecânica, seu trabalho sendo mais do que mera reprodução: se fosse apenas isso os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam. Minha aposta não significa que o sujeito, para se constituir como tal, deva criar o novo. [...] É precisamente o fato de o sujeito comprometer-se com sua palavra e de sua articulação individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente.

A proposta da crônica mostrou-se muito positiva, satisfazendo o que foi dito anteriormente: o gênero com função sociocomunicativa, refletindo em exposições e interpretações críticas em torno do assunto. Contudo, a associação dessas informações foi feita por meio de exercícios que, embora interpretativos, localizam-se no âmbito da sistematicidade. Essa crítica foi levantada por Antunes (2003, p. 24) sobre como é feito o trabalho com a escrita nas aulas de português. Uma delas ressalta a prática da escrita apenas como forma de exercitação, sem valor interacional, o que acaba por romper com a intenção da perspectiva da linguagem nas aulas de português: a

relação leitor e mundo. Embora a crônica tenha função sociocomunicacional, de nada vale se o aluno ficar preso a um sistema de regras interpretativas.

Outra crítica levantada pela autora faz referência à função das listas ou palavras soltas que são dadas em prol de uma produção escrita superficial, opondo-se à criação de textos cujas palavras são dotadas de sentido e intenção. Nesse sentido, se a prática de escrita apenas como valor de respostas for o método para uma produção textual, todo o suporte teórico que se destina a aproximar o leitor à escrita, isto é, aprimorar a prática do letramento, é posta de lado.

Por fim, Schnewly e Dolz (2004, p. 97 e 98) ressaltam a necessidade de um procedimento de “sequência didática”, isto é, “um conjunto de atividades escolares organizadas em torno de um gênero textual oral ou escrito.” A finalidade, portanto, está no “acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente dominadas”. Com isso, língua e texto poderão ser articulados a fim de que o aluno fique consciente da língua que usa, e saiba exercer o conhecimento que dela obteve, produzindo textos adequados a cada situação de escrita, seja em situações formais ou informais.

1.1.5.3. Análise crítica das aulas observadas pelo estagiário Rogerio

Ao iniciar o período de observação, das aulas ministradas para a turma do 9º ano do EJA (392), do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, o professor estagiário, imerso na realidade escolar, tem por objetivo entender o que é ensinar. Para isso, além de participar da observação de 10 h/aula, as quais descreve detalhadamente, foi aplicado um questionário/entrevista¹⁰ com a professora regente da turma, objetivando buscar elementos que possam subsidiar uma reflexão acerca da relação “professor x aluno/a x ensinar”. Ou seja, o professor estagiário, a partir desses elementos, investiga qual a concepção de ensino/aprendizagem é desenvolvida em sala de aula e quais os seus efeitos. Se não, vejamos o que diz Oliveira, em *Em Coisa que todo professor de português precisa saber – a teoria na prática*:

[...] a forma como o professor vê a língua determina a maneira como ele ensina português. Ela tem implicações diretas no planejamento das aulas, na escolha do material didático, na forma de avaliar a produção dos alunos e no reconhecimento dos dialetos trazidos por seus alunos para a sala de aula, por exemplo. (OLIVEIRA, 2010, p.32)

Perguntada sobre a sua concepção de língua, a professora regente respondeu o seguinte: “Penso que é um fenômeno marcante de um povo; é o retrato de sua cultura.”, ou seja, em princípio há um entendimento no qual somente o meio ambiente é capaz de exercer

¹⁰ Anexo 4.

influência no processo de aprendizagem. Como consequência desse entendimento behaviorista¹¹ de língua, o professor é visto como único possuidor de conhecimento e o aluno como alguém desprovido totalmente de conhecimentos prévios, o qual necessita que o professor lhe “transfira” conhecimentos. Diz Oliveira:

Uma evidência da impossibilidade de transferência de conhecimento, por exemplo, é o fato de o aprendizado não ocorrer de maneira uniforme em uma turma com 40 alunos, que usam o mesmo livro didático e que têm as mesmas aulas com o professor na mesma sala de aula. E por que o aprendizado não ocorre de maneira uniforme? Simplesmente, e exatamente, porque os alunos são pessoas diferentes, com histórias de vida pessoal distintas; porque o conhecimento do professor não pode ser transferido para a cabeça do aluno; porque o aluno participa mais ou menos ativamente (ou não participa) do processo de aprendizagem. (OLIVEIRA, 2010, p.27)

Somado a isso, temos a questão do método de ensino. A professora regente da turma, ao ser questionada como realiza o planejamento de suas aulas, informou que o planejamento ocorre no dia a dia, após cada aula ministrada, onde, normalmente, uma aula dá encaminhamento a outra. Corroborando com essa informação, pudemos observar, durante 10 h/aulas, que a professora não desenvolvia as aulas a partir de um planejamento. Palavras dela: “Durante uma aula, eu observo quais são suas maiores dificuldades e, a partir daí, desenvolvo a próxima aula. Ou seja, não existe um planejamento prévio que balize o caminho a ser seguido e os objetivos a serem alcançados. As aulas eram pensadas de acordo com alguma dificuldade e/ou desconhecimento apresentados pelos/as alunos/as durante a realização das tarefas propostas. *Em Coisa que todo professor de português precisa saber – a teoria na prática*, Luciano Amaral Oliveira afirma que “Ensinar requer um método”. (2010, p. 30).

Método esse que, de acordo com Oliveira (2010, pp. 30 e 31), engloba três partes:

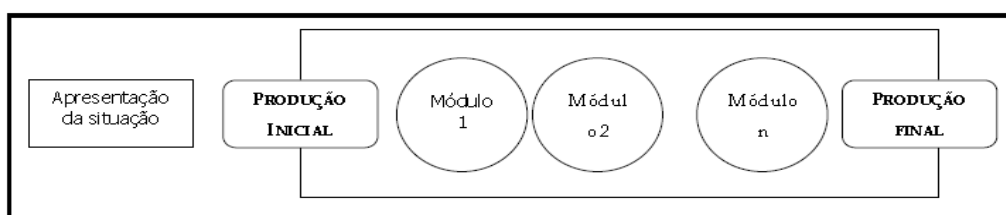
- Abordagem: é o sustentáculo teórico do método. Composto pela teoria da língua e pela teoria da aprendizagem;
- Projeto: se constitui no delineamento organizacional da disciplina. Abrange os objetivos, o conteúdo programático, os tipos de atividades, os papéis dos alunos e do professor e os papéis dos materiais didáticos; e
- Procedimento: é o conjunto de ações práticas que implementam o projeto. Formado pelas técnicas e pelos comportamentos.

Diferentemente dessas questões conceituais e metodológicas, entendemos, respectivamente, baseado em Oliveira (2010, p. 28) e Marcuschi (2008, p. 64) que devemos entender a aprendizagem dentro de uma concepção interacionista, pois, de acordo com o próprio Oliveira “O interacionismo vê o aprendizado como um processo de interação que envolve três

¹¹ “[...] esse mecanismo leva o aprendiz a adquirir um conjunto de bons hábitos, *i.e.*, hábitos que contribuem para o sucesso na aprendizagem, e elimina os maus hábitos, *i.e.*, que contribuem para o insucesso na aprendizagem”. (OLIVEIRA, 2010, p.25)

fatores fundamentais: o aprendiz, os elementos de sua natureza biológica e o meio ambiente social em que ele está inserido.”, e, a língua como, segundo Marcuschi, “uma atividade social, histórica e cognitiva, desenvolvida de acordo com as práticas socioculturais e, como tal, obedece a convenções de uso fundadas em normas socialmente instituídas”.

Dentro dessas concepções, continuamos entendendo, como lembra João Wanderley Geraldi (1984, p. 77), que o ensino de língua portuguesa deve centrar-se em três práticas: a prática de leitura de textos, a prática de produção de textos e a prática de análise linguística. Para isso, torna-se imprescindível a realização de uma didática que demonstre, com planejamento e clareza, de onde pretende sair e onde pretende chegar a aula de língua portuguesa. Assim sendo, conforme apresentado no Relatório de observação – Ensino Médio (ROGERIO, 2016.1, p. 17), Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly afirmam que “Uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. (2004, p. 96). Ademais, para eles, a estrutura de base de uma sequência didática pode ser representada pelo seguinte esquema:



Esquema da sequência didática

Ou seja, partindo de uma situação concreta, como por exemplo a leitura de um texto, o/a aluno/a realiza a sua primeira escrita. Na sequência, o professor realiza uma análise linguística com foco nas maiores dificuldades apresentadas pelos/as alunos/as, continuando propõe uma reescrita com o objetivo de estimular o domínio da norma culta. Com isso, pretende-se também fugir da artificialidade das produções escolares. Pois, conforme diz Geraldi (1984, p. 78), “na escola não se escreve textos, produzem-se redações. E esta nada mais é do que simulação do uso da língua escrita. Na escola não se leem texto, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos.” Segundo pudemos constatar nas aulas de observação.

2. PROJETO DE DOCÊNCIA

2.1. Introdução

Este projeto teve por objetivo, a partir da perspectiva sociolinguística, inserir o aluno na cultura do letramento. Essa inserção, ao nosso ver, foi feita pelo aprimoramento das práticas de oralidade e das práticas de escrita. O trabalho foi desenvolvido juntamente aos alunos e às

alunas da turma do 9º ano da Educação de Jovens e Adultos – EJA, do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, cujo percurso metodológico foi feito a partir dos conhecimentos sobre variação linguística, preconceito linguístico e tipos de normas e aplicados à (re)produção de textos baseados em dois gêneros textuais: notícia e crônica. Além disso, o projeto buscou, sobretudo, cumprir o papel mais importante para todo professor de língua portuguesa. A respeito disso, Bagno (2007, p. 53) esclarece que “uma das funções mais importantes do ensino é precisamente dotar os alunos e alunas de recursos que lhes permitam produzir textos (orais e escritos) mais monitorados estilisticamente, textos que ocupam os níveis mais altos na escala do prestígio social.”

Todo o trabalho desenvolvido durante o projeto de docência visou, principalmente, instrumentalizar alunos e alunas com os mecanismos linguísticos necessários para que possam dominar a oralidade e a escrita da norma linguística mais valorizada na sociedade. E, paralelamente a isso, entender que a língua é um contínuo que sofre variações ao longo do tempo e que todas as formas de falar e escrever devem ser respeitadas e valorizadas como mais uma variante do português brasileiro.

O projeto se justificou diante da necessidade demonstrada pela turma durante o período de observação e pela solicitação da professora regente da turma. Ademais, os Parâmetros Curriculares Nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 58 e 59) recomendam que

a escola organize o ensino de modo que o aluno possa desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, sabendo: • ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; • expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; • refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua.

Para essa reflexão sobre os fenômenos da linguagem, entendemos que seria necessário que os/as alunos/as passassem pelo que Bagno (2007) chama de reeducação sociolinguística. Ou seja, o professor deve “valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem”. (BAGNO, 2007, p. 82)

Consciente da complexidade dessa dinâmica social, o projeto apropriou-se dos gêneros textuais com o objetivo de aproximá-los dos/as estudantes. Pois, de acordo com Marcuschi (2008, p. 155), o gênero textual

refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas,

sociais, institucionais e técnicas.

Ou seja, os gêneros textuais são os textos que utilizamos concretamente no nosso dia a dia durante as diversas interações sociais orais ou escritas.

Por fim, o projeto propôs aos/às alunos/as, a partir das suas próprias produções textuais, uma análise linguística que pudesse superar as limitações apresentadas durante as correções tradicionais, as quais buscam apenas apresentar os “erros” produzidos por esses/as estudantes durante as simulações de escritas das costumeiras redações. Diferentemente disso, o que se realizou, de acordo com Geraldi (1984), foi uma análise linguística que possibilitasse aos/às alunos/as analisar e escolher intuitivamente as suas preferências linguísticas durante as suas produções orais e textuais.

Para tanto, o projeto foi pensado e desenvolvido para ser executado durante 30h/aula. Sendo 10h/aula para cada professor estagiário, num total de 19 encontros.

2.2. Problematização e escolha do tema

Sob um olhar histórico, sabe-se que o Brasil é um país habitado por indivíduos pertencentes a várias culturas, tendo em vista o grande fluxo de imigração no século passado, bem como o processo de colonização. A miscigenação cultural, aqui, não se limita somente à cor, raça, grupos étnicos, mas abrange também o âmbito linguístico, o que resulta em uma pluralidade de falares. A realidade vista em sala de aula nos dias de hoje refere-se à heterogeneidade dos alunos que nela estão inseridos. Originados de valores distintos, os alunos levam para a escola um leque de informações e experiências absorvidas e vivenciadas em seus cotidianos, que refletirão no emprego que farão da língua. Assim, conforme Coelho e Görski (2009, p. 79), “interessa-nos, particularmente, destacar o fato de que a língua é historicamente situada e heterogênea”.

Nesse sentido, atentando à pluralidade cultural presente nas escolas, foi pensado em um projeto que tratasse, portanto, da língua enquanto entidade social e cultural, i. e, a língua nos moldes da variação linguística. A proposta de apresentar aos alunos do que trata a variação linguística abriu caminho para dois temas fundamentais no processo de ensino aprendizagem: a oralidade e a escrita. Nossa proposta assemelha-se à de Callou (2014, p. 28):

É fundamental em sala de aula fazer o aluno ter contato com a língua falada e escrita e fazê-lo produzir textos os mais variados, levando-o sempre à compreensão do sentido global do texto e dos mecanismos produtores desse sentido. Os parâmetros curriculares chamam a atenção para o fato de o ensino de língua ser baseado no texto e que a língua não é só uma estrutura abstrata, mas um fenômeno sócio histórico; não apenas código, mas também fonte de ensino. [...] O reconhecimento das diferenças entre as normas da fala e da escrita, das diferenças entre os vários textos, literário, jornalístico, científico etc., irá contribuir para tornar o falante mais capaz de se situar no mundo.

Objetivamos com este projeto de docência que o aluno conhecesse a língua em suas mais variadas esferas de uso, desconstruindo a concepção de um “certo” e “errado” e isentando-os de um discurso pautado em uma língua abstrata e preconceituosa, que, infelizmente, parece estar engessado nas práticas escolares do ensino de português. Contrários ao conceito de uma língua idealizada e discriminatória, acreditamos, assim como Bortoni-Ricardo (2004, p. 42), “que da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos, diante da realização de uma regra não-padrão pelo aluno, a estratégia do professor deve incluir dois componentes: a identificação da diferença e a conscientização da diferença.” Entretanto, esse é um passo a ser dado com muita cautela. O professor precisa conhecer, de fato, do que se trata a variação linguística e suas condições enquanto prática de ensino. Caso contrário, aplicando tais componentes de maneira superficial, pode-se atenuar ainda mais a ideia de uma língua homogênea. Assim, conforme Mattos e Silva (*apud* Coelho e Görski, 2009, p. 84):

os professores de português, por necessidades exigidas por nossa sociedade discriminatória, têm de explicitar a seus estudantes que certos usos variáveis são censurados em certas situações socioculturais. [...] (o professor) se tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar, por exercícios, o valor social das variantes de um elemento variável no português do Brasil. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 282)

Essa questão nos leva a compreender, à luz de Faraco (2008, p. 42), que não existe uma norma pura, uma vez que elas absorvem características umas das outras em um processo de entrecruzamentos. Limitá-las a uma absoluta nitidez e precisão é desconsiderar seu caráter histórico. As normas são, portanto, hibridizadas.

Tendo em vista que cada comunidade de fala dispõe de normas regentes, julga-se importante levar ao conhecimento do aluno “o domínio da norma culta, sem estigmatização, contudo, das variedades linguísticas adquiridas no processo natural de socialização.” (CALLOU, 2014, p. 15). O aluno precisa ter a consciência de que há várias normas que permeiam na sociedade e que é preciso saber fazer uso delas para aplicá-las em situações sociais que lhes sejam exigidas. Em suma, acredita-se que desconstruir a língua normativa seja o ponto de partida para a desmitificação do preconceito linguístico.

A ideia de ser trabalhada a variação linguística deriva, justamente, dessa falsa concepção de língua como unidade homogênea, da qual os mais de duzentos e quatro milhões de brasileiros “deveriam” fazer uso pleno. Assim, conforme o PCN (1998, p.7), terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, temos como principal objetivo ensinar ao aluno a

“utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação”.

Acreditamos que a Sociolinguística muito tem a contribuir para o ensino da língua portuguesa.

2.3. Justificativa

O projeto justifica-se, inicialmente, por buscar atender à proposta de ensino aprendizagem do Colégio Maria Luiza de Melo, onde “O processo de ensino-aprendizagem se dá a partir da realidade cultural e social dos alunos e professores [...]” (PPP, p. 4). Além disso, acreditamos que, ao trabalharmos variação e preconceito linguístico, poderíamos ajudar os alunos a quebrarem certos paradigmas impostos de que existe somente um modelo de língua “certo”, o qual deve ser seguido por todos em todas as esferas da comunicação.

Entendemos também que tudo o que falamos e escrevemos está incorporado em gêneros textuais. Eles são, conforme Marcuschi (2002), “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (p. 19) e “apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (p. 22, grifos do autor). Sendo assim, a escolha pelos gêneros neste projeto se justifica ao buscar desenvolver nos(as) alunos(as) suas capacidades comunicativas de ler e escrever notícias e crônicas.

2.4. Referencial teórico

Todo profissional da educação entende que à sua frente estão sujeitos constituídos pelas múltiplas relações dadas no processo de interação com o universo, e reconhece que estes são sujeitos heterogêneos e sócio históricos. Na esfera social do sujeito todos os aspectos que o constituem manifestam-se de formas singulares, concretizando-se a partir do entrecruzar de pensamentos com o Outro. Pode-se dizer, assim como Molon (1995), que o sujeito sócio histórico é constituído, pelo viés interacionista, na e pela linguagem, ocorrência das relações estabelecidas entre o Eu-Outro. O sujeito é altamente ativo em suas atitudes sociais e não se constitui individualmente. A língua possui história porque pertence ao sujeito, que dela faz uso. Segundo Faraco (2015), “a experiência de vida é, portanto, sociolinguisticamente heterogênea.”

No âmbito escolar, pensar que essa heterogeneidade será desfeita é um grande engano. No que tange ao ensino de língua portuguesa, essa diversidade torna-se muito mais complexa, dado todos os sujeitos com suas línguas e usos particulares. Segundo Callou (2014, p. 27 e 28), a respeito dos usos linguísticos, pensar que o ensino de língua portuguesa se dará de forma homogênea, a fim de que haja uma globalização linguística, é uma utopia. A escola e o professor precisam estar preparados para acatar as variedades linguísticas que virão, sendo suas funções a de desenvolver a competência comunicativa do aluno de modo que ele saiba utilizar

apropriadamente a sua língua em situações formais e informais, podendo refletir sobre sua capacidade linguística e o funcionamento da língua. Para isso, sugere a autora que a aula de português deva acontecer por meio de exercícios de descrição e análise desse instrumento de comunicação – a língua. Fica como função do professor utilizar de estratégias que conscientizem os alunos sobre as variações presentes em cada comunidade de fala.

Essa reflexão sobre a língua deve ir além da observação do que é “certo” e “errado”. A prática de leitura e da escrita será fundamental para atingir os objetivos, pois fará com que o indivíduo entre em contato com uma pluralidade de normas, além da sua própria. [...] O ensino da língua deveria centrar-se menos em exercícios gramaticais, de ensino de metalinguagem e mais possibilitar ao aluno o domínio das várias modalidades de uso e da modalidade culta da comunidade de que ele faz parte. (CALLOU, 2014, p. 28).

Nessa mesma perspectiva, reconhecem os PCN (1998, p. 82), terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, “que o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno”.

A autora Bortoni-Ricardo (2004, p. 72 e 73) levanta uma discussão em torno das competências linguística e comunicativa do aluno. Sabe-se que todo falante possui conhecimento de sua língua materna, seja uma língua urbana, seja rural e suas demais variedades. Essa língua materna é de domínio de cada falante e cada sentença formada independe das normatizações feitas pela língua padrão. Os falantes de uma língua rural como o personagem Chico Bento, por exemplo, dominam as regras básicas que permeiam sua comunidade de fala, isto é, conhecem as regras de suas línguas maternas. Para a autora, não se pode confundir o conceito de sentenças bem formadas com a noção de erro que as gramáticas normativas legitimam como sendo “na ótica prescritiva dos gramáticos normativos, toda sentença que não siga as regras da chamada língua padrão é ‘errada’.”

Entende-se que, quando vai à escola, o aluno leva consigo sua língua materna, sendo competente por essa língua à qual foi exposto no período de aquisição. O papel da escola, portanto, na efetivação das práticas de letramento, seria a de ampliar a competência comunicativa que o aluno dispõe e oferecer recursos necessários para que eles ampliem e desempenhem essa competência. Assim, sua função seria a de desenvolver uma competência comunicativa que atenda “às convenções sociais, que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, a cada tarefa comunicativa, a cada tipo de interação. Os usos da língua são práticas sociais e muitas delas são extremamente especializadas, isto é, exigem vocabulário específico.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 75).

Partindo do pressuposto que o sujeito constitui-se culturalmente pela sua inserção nas diferentes esferas sociais, podemos dizer que a língua da qual ele fará uso será reflexo de suas relações sociocomunicativas. Nesse sentido, é inegável tratar a língua enquanto entidade homogênea e abstrata. Pode-se afirmar que a língua, na prática escolar, é um instrumento de

comunicação que efetiva os laços sociais e que permite ao falante utilizá-la mediante suas variedades, devendo atentar o seu uso às situações apresentadas. Contudo, há uma dificuldade por parte dos professores de português, de modo geral, em reconhecer a língua como objeto passível de variação.

Essa inflexibilidade, muitas vezes inconsciente, possui raízes no século XIX, período em que um grupo social conservador – os escritores, literários – julgou necessária uma padronização entre oralidade e escrita, idealizada em uma concepção de língua lusitana. Essa concepção de língua idealizada referenciada em uma norma literária de purismos estreitos visa desconfigurar os pressupostos sociolinguísticos de língua mutável, dinâmica e histórica. Segundo Callou (2014, p. 19):

A norma não pode ser rígida, monolítica, a língua muda, as normas gramaticais se modificam e nada é mais prejudicial que um purismo estreito, quase sempre baseado em um conhecimento deficiente da própria língua. Legisla-se, na verdade, sem real conhecimento da complexidade dos fatos que caracterizam cada falar, cada variedade, cada variante. Toda a língua, em qualquer país, em qualquer cidade, possui sua própria norma culta, sua própria linguagem comum, que não coincide totalmente com a norma literária, ideal, e funciona, por sua vez, apenas como ponto de referência e como força unificadora e conservadora.

Foi a partir dessa padronização de língua que surgiu o conceito de norma, entendido por Faraco (2008, p. 40) como um “conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação.” Pelos conhecimentos da sociolinguística, sabe-se que não há uma norma em vigor, pois toda comunidade linguística dispõe de suas próprias normas. Assim, há a norma das comunidades rurais, as normas de cidades urbanas, as normas das periferias. Essas normas são identitárias, isto é, nada mais são que a identidade de um grupo social, determinadas por fenômenos e expressões linguísticas compartilhadas naquela comunidade de fala. Considerando que o sujeito não pertence somente a um grupo social, pode-se afirmar que há o domínio de mais de uma norma linguística. Segundo Faraco (2008, p. 40):

Como as normas são em geral um fator de identificação do grupo, podemos afirmar que o senso de pertencimento inclui o uso das formas de falar características das práticas e expectativas linguísticas do grupo. Nesse sentido uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas: ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas.

No que tange aos aspectos de sociolinguística e ensino, é fundamental observar como a variação linguística é tratada nos Parâmetros Curriculares Nacionais. O documento reconhece que há um processo da variação linguística presente na língua, e que se manifesta como variedades geográfica e social. Além disso, reconhece que essas variedades muitas vezes causam preconceito linguístico originado de grupos de maior prestígio social. Em relação ao preconceito linguístico, Roncarati (2008, p. 54), em seu artigo “Prestígio e Preconceito Linguísticos”, onde

cita um trabalho desenvolvido por Cyranka, aplicado a alunos da rede municipal de Juiz de Fora, Minas Gerais, confere que:

os alunos demonstram alto grau de inibição relativamente à própria competência de uso da língua: consideram que não falam nem escrevem bem, e condicionam tal comportamento à deficiência de aprendizagem de regras gramaticais e ortográficas. Já os professores tendem a rejeitar a variedade de seus alunos, contribuindo, assim, para reforçar a incapacidade de expressão de seus alunos segundo os padrões escolares esperados; os formandos em Letras, ao contrário, demonstram menor grau de preconceito linguístico.

Tenhamos em mente que o ensino da LP deveria pautar-se na desconstrução de uma língua “certa” ou “errada”, ensinando ao/à aluno/a que há contextos adequados para determinados usos da língua. Infelizmente, ainda, atribui-se à língua do falante um status social dos indivíduos que a utilizam. Acredita-se que, se o aluno tiver esse conhecimento de que existe um processo de variação linguística e de que as formas empregadas à língua são usadas conforme a situação que lhe é exigida, haverá por parte dele um domínio das práticas de ensino no que tange à oralidade e à escrita. Segundo o documento (PCN, 1997):

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença.

Por fim, sob um ponto de vista teórico, no que concerne ao campo da sociolinguística, adotado neste trabalho a partir dos pressupostos da teoria da variação e mudança¹² (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, [1968]), entende-se que todo o sistema linguístico que rege uma comunidade de fala dispõe de elementos categóricos e variáveis, isto é, a língua possui uma estrutura não homogênea. Nesse sentido, a proposta dos autores baseia-se em romper a identificação da estruturalidade com a homogeneidade. Assim, elabora-se o fundamento do axioma da heterogeneidade ordenada, que descarta a possibilidade de se tomar a língua do indivíduo como legítimo objeto da linguística, e acata-se o estudo das características de uma determinada comunidade de fala, onde estão presentes variantes que competem por uma posição, dadas pelas regras variáveis.

Se para Saussure havia uma incompatibilidade entre a função da língua e o processo de mudança, para a TVM o sistema linguístico continua funcionando enquanto muda, de forma gradual e contínua. Sendo assim, a mudança não seria disfuncional, como acreditava Saussure. Consideram os autores, portanto, que a variação e mudança está na funcionalidade da língua. Segundo Coelho et al. (2015, p. 59), “a língua é um sistema organizado, formado por regras

¹² Doravante, TVM.

categoricas e regras variáveis. [...] Uma língua ao mesmo tempo que possui estrutura também é dotada de variabilidade, ou seja, trata-se de um sistema heterogêneo.” .

À da luz da teoria TVM, conclui-se que o sistema linguístico é heterogêneo e ordenado, uma vez que há forças internas e externas que atuam sobre ele, postulando-se, portanto, que “a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas.” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, [1968], p. 125).

2.5. Objetivos

2.5.1. Objetivo geral

Refletir sobre a língua e o preconceito linguístico, compreendendo que as variações linguísticas ocorrem, dentre outros motivos, devido à região, aos níveis de escolaridade e socioeconômico do falante, e desenvolver as práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística dos(as) alunos(as), através dos gêneros textuais notícia e crônica.

2.5.2. Objetivos específicos

- Compreender o que é a variação linguística;
- Conhecer as diferentes variedades lexicais do Brasil;
- Refletir sobre o preconceito linguístico;
- Entender a língua como objeto heterogêneo;
- Desconstruir os conceitos de “certo” e “errado”;
- Explicar os tipos de normas existentes no Brasil: culta, padrão e gramatical;
- Praticar os três eixos de ensino da Língua Portuguesa: oralidade/escuta, leitura/escrita e análise linguística, por meio dos gêneros notícia e crônica;
- Reconhecer as características dos gêneros notícia e crônica; e
- Conhecer e praticar a reescrita.

2.6. Conhecimentos trabalhados

- Reflexão sobre o que é língua e suas variações;
- Variação linguística: tipos e níveis;

- Preconceito linguístico;
- Norma culta;
- Práticas de leitura, oralidade, produção e reescrita de textos;
- Gênero notícia; e
- Gênero crônica.

2.7. Metodologia/Procedimentos

O projeto constituiu-se de 30h/a, o qual foi desenvolvido no período de 4 de outubro a 17 de novembro. Inicialmente, fizemos a introdução das temáticas que nortearam nosso percurso: variação linguística, norma culta e preconceito linguístico e, em seguida, tratamos dos gêneros textuais notícia e crônica e alternamos com as temáticas iniciais.

Seguindo a proposta de ensino sugerida por Geraldi (1984), trabalhamos as práticas de leitura de textos, produção de textos e análise linguística. A leitura sempre ocorreu após os professores-estagiários fazerem perguntas prévias relacionadas ao texto, dentro da perspectiva de mundo do(a) aluno(a) para, em seguida, os(as) alunos(as) realizarem uma leitura silenciosa e outra em voz alta. Sempre após as leituras, realizou-se uma discussão do que foi lido e, na sequência uma atividade de interpretação e/ou escrita. Os gêneros notícia e crônica foram trabalhados separadamente, com enfoque na organização e no estilo que compõem tais gêneros.

Apresentados a temática variação linguística, norma culta e preconceito linguístico e como se organiza o gênero textual notícia (o mesmo acontecerá com a crônica), foi solicitada uma primeira produção textual, a qual teve caráter de treinamento, para que fosse verificado se o(a) aluno(a) compreenderam a temática e a composição do gênero solicitado. A partir desta produção textual, os estagiários fizeram uma análise do que ficou falho quanto à estrutura do gênero escrito pelos(as) alunos(as) e a aspectos relativos à gramática. Para isso, foram ministradas aulas de análise linguística a fim de mostrar a eles/elas como poderiam melhorar a primeira escrita para, num próximo momento, realizarem a reescrita.

Após a reescrita, a ideia era que os gêneros circulassem da seguinte maneira: as notícias seriam expostas no colégio e as crônicas constituiriam um livro de crônicas da turma. Por motivos operacionais e de tempo, essas atividades não foram realizadas.

A intenção foi trabalhar com aulas expositivo-dialogadas, com discussões acerca dos objetivos de cada aula e desenvolver as práticas de leitura, oralidade, escrita e reescrita dos(as) alunos(as).

Apresentamos abaixo uma síntese do cronograma planejado para o período de docência:

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

Data	Conteúdo	H/A	Local	Estagiário(a)
04/10	Apresentação dos estagiários e do projeto; e Variação lexical	2	Sala	Laís
05/10	Variação linguística	2	Sala	Rafaela
06/10	Variação lexical – exercício	1	Sala	Laís
11/10	Preconceito linguístico	2	Sala	Rafaela
13/10	Normas	1	Sala	Rafaela
18/10	O gênero notícia impressa	2	Sala	Rogério
19/10	Produção textual – notícia	2	Sala	Laís
20/10	Atividade	1	Sala	Rafaela
25/10	Análise linguística	2	Sala	Rogério
26/10	Produção textual – reescrita	2	Sala	Rogério
27/10	Exercícios de análise linguística	1	Sala	Rogério
1º/11	Gênero crônica	2	Sala	Laís
3/11	Gênero crônica	1	Sala	Laís
8/11	Produção textual	2	Sala	Laís
9/11	Análise linguística	2	Sala	Rafaela
10/11	Produção textual – reescrita	1	Sala	Rogério
16/11	Revisão	2	Sala	Rogério
17/11	Prova	1	Sala	Rafaela
22/11	Entrega das atividades e socialização sobre o projeto desenvolvido	2	Sala	Rafaela

2.8. Recursos utilizados

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco e apagador;
- Data-show;

- Fotocópias dos textos, os quais estão especificados nas referidas aulas;
- Folhas A4 para chamada e para produções textuais;
- Computador; e
- Gramáticas.

2.9. Avaliação

Todo o processo de avaliação dos alunos e das alunas foi pensado dentro de uma perspectiva processual. Sobre isso, Libâneo (1990, p. 195) escreve que:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. [...]

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação as quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Ou seja, o projeto procurou romper com aquilo que Luckesi (2008) chama de prática pedagógica conservadora para uma sociedade conservadora. Para ele, devemos romper com essa prática e proporcionar aos nossos estudantes uma prática pedagógica que esteja comprometida com a transformação social.

Para isso, houve, no decorrer do projeto de docência, três momentos de avaliação, no primeiro momento os/as alunos/as foram avaliados pelas suas respectivas participações e interações durante as diversas atividades propostas pelos professores estagiários, e foi verificado, além da realização das tarefas ao final de cada aula, o comprometimento/respeito ou não dos/as alunos/as com a aula, com os/as outros/as alunos/as e com o professor estagiário. Na sequência, ocorreu o segundo momento de avaliação, durante o qual os/as estudantes foram avaliados pelas suas reescritas dos gêneros notícia e crônica, depois de passarem por uma escrita e por uma análise linguística. A terceira avaliação foi a realização de uma prova valorativa, onde os/as alunos/as foram avaliados quanto à compreensão e à assimilação do conteúdo ministrado durante todo o projeto de docência.

Assim, as avaliações realizadas durante o projeto de docência com a turma do 9º ano da EJA, do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, procuraram ir ao encontro do pensamento de Libâneo (1990, p. 200) que:

[...] as provas escritas e outros instrumentos de verificação são meios necessários de obtenção de informação sobre o rendimento dos alunos. A escola, os professores, os alunos e os pais necessitam da comprovação quantitativa e qualitativa dos resultados do ensino e da aprendizagem para abalizar e avaliar o trabalho desenvolvido. Além disso, por mais que o professor se empenhe na motivação interna dos alunos, nem sempre

conseguirá deles o desejo espontâneo para o estudo. As crianças precisam de estimulação externa, precisam sentir-se desafiadas a fim de mobilizarem suas energias físicas e intelectuais.

Para isso, a nota final dos alunos e das alunas foi qualificada e quantificada da seguinte maneira:

- Participação nas aulas (realização das atividades e comprometimento);
- Nota final para cada reescrita (notícia e crônica); e
- Avaliação final dos conteúdos (prova).

AVALIAÇÃO	NOTA	PESO
Participação nas aulas	1	0 a 10
Reescrita da notícia	2	0 a 10
Reescrita da crônica	3	0 a 10
Avaliação final dos conteúdos (prova)	4	0 a 10

Obs.: a média final foi de responsabilidade da professora regente da turma.

2.10. Planos de aula

2.10.1. Planos de aula das/o estagiárias/o

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)**

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso

AUXILIARES: Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA

TURMA: 392

CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)

HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05

DATA: 4/10/2016, terça-feira

PLANO DE AULA I

(Aulas 1 e 2)

TEMA: Apresentação pessoal dos estagiários e do projeto

OBJETIVOS

GERAL: Apresentar o projeto e os professores estagiários e introduzir o conteúdo Variação Linguística – lexical.

ESPECÍFICO:
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar os professores; • Apresentar o projeto e o cronograma (Anexo 1); • Deixar clara a importância da participação dos(as) alunos(as) nas aulas; • Apresentar as formas de avaliação com as quais eles serão avaliados; • Iniciar o conteúdo Variação Linguística – Lexical, por meio de uma crônica (Anexo 2); • Exercitar a oralidade em situação de interação na sala de aula; e • Discutir o tema da crônica¹³ com os(as) alunos(as), a partir de perguntas pré-formuladas, feitas oralmente.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none"> • Variação Linguística – lexical.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none"> 1. As aulas acontecerão na própria sala de aula e serão expositivo-dialogadas; 2. Fazer a chamada; 3. Entregar aos(às) alunos(as), com auxílio dos professores estagiários, um cronograma (a ser colado no caderno de cada aluno/a), onde constarão informações sobre o período que os estagiários lecionarão as aulas, dúvidas que podem surgir durante todas as aulas, como: horário, pontualidade, notas, utilização de caneta nas atividades, etc.; e fazer a leitura deste oralmente (Anexo 1); 4. Sorteio das duplas, com intuito de que um aluno possa auxiliar o outro durante as aulas. Levaremos números duplos, assim, os(as) alunos(as) com números iguais formarão uma dupla. A organização será feita a partir da ordem das carteiras, da esquerda para direita, da frente para trás; 5. Serão distribuídas fotocópias da crônica “Pechada” (Anexo 2), para que os(as) alunos(as) façam uma leitura silenciosa desta; 6. Em seguida, será feita a leitura oral, da seguinte maneira: cada aluno/a lerá uma pequena parte do texto. O(A) aluno(a) que se opor a ler será avisado sobre sua nota de participação; e 7. Ao final da aula será realizado um debate sobre a crônica lida, a partir de perguntas feitas oralmente: **Do que trata o texto? **Alguma experiência pessoal em relação ao texto? **Vocês conhecem outras palavras que possuem mais de uma forma de escrita/falar? **Por que vocês acham que existe essa variação nas formas de falar? **Vocês concordam com a ideia de que o uso de determinada expressão pode causar algum tipo de preconceito? **Qual tipo de preconceito?
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco, caneta para quadro branco e apagador; • Saquinho com números duplos para o sorteio das duplas; e • Fotocópias do cronograma e da crônica.
AVALIAÇÃO

¹³ A proposta desta aula é introduzir o conteúdo Variação Linguística, sem tratar do gênero crônica.

Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com a sua participação na aula, concentração nas leituras e envolvimento na discussão proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Pechada.** Disponível em: <
<http://atividadeslinguaportuguesa.blogspot.com.br/2013/08/pechada-luis-fernando-verissimo.html>
>. Acesso em: 18 set. 2016.

ANEXOS

Anexo 1

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORES ESTAGIÁRIOS: Laís Cristina Oliveira Afonso; Rafaela Rebello Duarte; e Rogerio Cruz Pereira.

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE PERÍODO DE DOCÊNCIA DOS PROFESSORES ESTAGIÁRIOS

1º Os(As) alunos(as) serão organizados(as) em duplas durante as aulas;

2º Todas as atividades realizadas pelos(as) alunos(as) deverão ser a caneta (cor azul ou preta);

3º No caso de o(a) aluno(a) escrever alguma palavra errada e precisar rasurar, deverá proceder da seguinte maneira: “~~Palava~~ Palavra errada”; e

4º Em algumas aulas, iremos reservar um tempo para leitura.

OBSERVAÇÕES

1º A avaliação ocorrerá de diversas formas: além de uma prova, os(as) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com a pontualidade, participação e envolvimento nas aulas, nas leituras e nas atividades; e

2º Em caso de atraso, o(a) aluno(a) deverá conversar com a(o) sua(seu) parceira(o) de dupla para se informar sobre o que ocorreu na aula no momento de sua ausência.

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

Data	Conteúdo
04/10/2016	Variação lexical.
05/10/2016	Variação linguística.

06/10/2016	Variação lexical – exercício.
11/10/2016	Preconceito linguístico.
13/10/2016	Normas.
18/10/2016	O gênero notícia impressa.
19/10/2016	Produção textual – notícia.
20/10/2016	Atividade.
25/10/2016	Análise linguística.
26/10/2016	Produção textual – reescrita.
27/10/2016	Exercícios de análise linguística.
1º/11/2016	O gênero crônica.
3/11/2016	O gênero crônica.
8/11/2016	Produção textual.
9/11/2016	Análise linguística.
10/11/2016	Produção textual – reescrita.
16/11/2016	Revisão.
17/11/2016	Prova.
22/11/2016	Entrega das atividades e socialização do projeto desenvolvido.

Anexo 2

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

PECHADA

O apelido foi instantâneo. No primeiro dia de aula, o aluno novo já estava sendo chamado de "Gaúcho". Porque era gaúcho. Recém-chegado do Rio Grande do Sul, com um sotaque carregado.

– Aí, Gaúcho!

– Fala, Gaúcho!

Perguntaram para a professora por que o Gaúcho falava diferente. A professora explicou que cada região tinha seu idioma, mas que as diferenças não eram tão grandes assim. Afinal, todos falavam português. Variava a pronúncia, mas a língua era uma só. E os alunos não achavam formidável que num país do tamanho do Brasil todos falassem a mesma língua, só com pequenas variações?

– Mas o Gaúcho fala "tu"! – disse o gordo Jorge, que era quem mais implicava com o novato.

– E fala certo - disse a professora. – Pode-se dizer "tu" e pode-se dizer "você". Os dois estão certos. Os dois são português.

O gordo Jorge fez cara de quem não se entregara.

Um dia o Gaúcho chegou tarde na aula e explicou para a professora o que acontecera.

– O pai atravessou a sinaleira e pechou.

– O quê?

– O pai. Atravessou a sinaleira e pechou.

A professora sorriu. Depois achou que não era caso para sorrir. Afinal, o pai do menino atravessara uma sinaleira e pechara. Podia estar, naquele momento, em algum hospital. Gravemente pechado. Com pedaços de sinaleira sendo retirados do seu corpo.

– O que foi que ele disse, tia? – quis saber o gordo Jorge.

– Que o pai dele atravessou uma sinaleira e pechou.

– E o que é isso?

– Gaúcho... Quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.

– Nós vinha...

– Nós vínhamos.

– Nós vínhamos de auto, o pai não viu a sinaleira fechada, passou no vermelho e deu uma pechada noutra auto.

A professora varreu a classe com seu sorriso. Estava claro o que acontecera? Ao mesmo tempo, procurava uma tradução para o relato do gaúcho. Não podia admitir que não o entendera. Não com o gordo Jorge rindo daquele jeito.

"Sinaleira", obviamente, era sinal, semáforo. "Auto" era automóvel, carro. Mas "pechar" o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que "pechar" vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o gordo Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido: Pechada.

- Aí, Pechada!
- Fala, Pechada!

Luís Fernando Veríssimo

Texto disponível em: <http://atividadeslinguaportuguesa.blogspot.com.br/2013/08/pechada-luis-fernando-verissimo.html>

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)**

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte
AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05
DATA: 5 de outubro – Quarta-feira

**PLANO DE AULA II
(Aulas 3 e 4)**

TEMA: O que é variação linguística?

OBJETIVOS

GERAL: Apresentar aos alunos o que é variação linguística, seus tipos e níveis.

- **ESPECÍFICO:**
- Compreender o que é a variação linguística;
- Refletir sobre as variações linguísticas existentes;
- Incitar ao senso crítico dos alunos no que tange à diversidade e identidade linguísticas;
- Conceituar os tipos de variação linguística;
- Compreender os níveis em que a variação ocorre; e
- Conhecer as diferentes variedades linguísticas do Brasil.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

<ul style="list-style-type: none"> • Tipos de variação linguística: <p>* Diatópica: variação lexical/regional</p> <p>* Diastrática: escolaridade/nível socioeconômico</p> <p>* Histórica (diacrônica): processo do nome “Você”.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Níveis em que ocorrem a Variação Linguística: <p>* Sintático: preenchimento do sujeito.</p> <p>* Morfológico: concordância de 1ª pessoa do plural – Nós</p> <p>* Semântico: léxico</p> <p>* Fonológico: pronúncia do fonema /r/.</p>
METODOLOGIA
<p>1. Será feita a chamada;</p> <p>2. Será retomada/revisada a aula anterior, a fim de que os alunos comentem sobre o que entenderam da crônica “Pechada”, de Luís Fernando Veríssimo;</p> <p>3. Em seguida, os alunos assistirão a três vídeos sobre variação linguística da série “Sotaques do Brasil¹⁴”, organizada pelo Jornal Hoje. A intenção é a de remeter seu conteúdo à crônica “Pechada”, de Veríssimo;</p> <p>4. Ao término dos vídeos seus conteúdos serão debatidos, isto é, os “falares diferentes” no Brasil. As perguntas feitas serão: O que vocês compreenderam dos vídeos? Vocês acham que o “falar diferente” é engraçado/estranho? Vocês acham que existe uma forma “certa” para se expressar? Quando você escreve o texto sua escrita difere da forma como você fala?;</p> <p>Obs: A Professora (estagiária) deixará claro sobre a necessidade de anotar no caderno as questões levantadas no debate;</p> <p>5. A Professora (estagiária) entregará um <i>handout</i> (Anexo 1) com as informações do próximo passo; e</p> <p>6. Terminado o debate a professora formalizará os tipos de variação: lexical/regional, escolaridade/socioeconômico, e histórica e seus respectivos níveis de ocorrência por meio de slides no power point (Anexo 2).</p>
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Projetor; e • laptop.
AVALIAÇÃO

¹⁴ Variação lexical: https://www.youtube.com/watch?v=WwP_b48TpgE

Variação Tu/Você: <https://www.youtube.com/watch?v=HwHfkuRCflc>

Variação fonológica: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>

Os alunos (as) serão avaliados (as) de acordo com a sua participação em sala de aula, interesse demonstrado pelas atividades e participação em torno do tema variação linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSO, Rodolfo; ILARI, Rodolfo. **O Português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo, 2007.

VERÍSSIMO, Luis Fernando Veríssimo. **Pechada**. Disponível em: www.atividadeslinguaportuguesa.blogspot.com

MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Org.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa**. Rio Grande do Norte, 2013.

COELHO, Izete. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COELHO, Izete. GÖRSKI. Edair. **Variação Linguística e Ensino de Gramática**. Revista Working Papers. Florianópolis, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. ZILLES, Ana Maria (Org.). **Pedagogia da variação Linguística: língua, diversidade e ensino**.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

Anexo 1 - Handout

1. Professora, o que é **Variação Linguística**?

- ✚ A variação linguística é um fenômeno que ocorre na língua, possibilitando a existência de vários falares diferentes em um mesmo lugar.
- ✚ Essa variação ocorre porque a língua é dinâmica, mutável e histórica. Ela se transforma no tempo em função das mudanças que também ocorrem na sociedade.
- ✚ A língua tem como função o ato da comunicação e a utilizamos em diferentes situações: na escola, no trabalho, na família, com os amigos etc.
- ✚ Em cada lugar as pessoas se expressam de formas diferentes: pelo som, pelas palavras, pela entoação etc.
- ✚ As variações linguísticas das quais fazemos uso dão pistas de onde viemos, nosso grau de

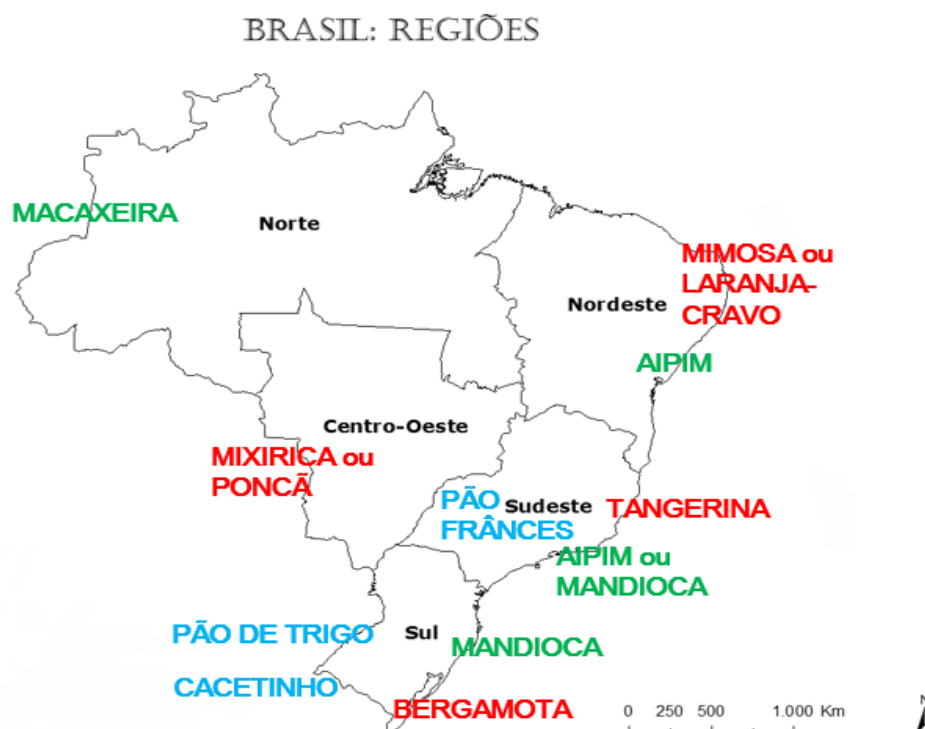
leitura, de onde nascemos, em qual grupo social estamos inseridos.

2. Quais são os **TIPOS DE VARIAÇÃO** existentes?

As variações podem ser definidas em três tipos:
✚ Variação Regional
✚ Variação Social
✚ Variação Histórica

✓ **Variação Regional**

- ✚ Esse tipo de variação é identificada, principalmente, pela possibilidade de caracterizarmos uma mesma palavra de diversas formas. Quando conversamos com um gaúcho, carioca, manezinho, mineiro etc., nós conseguimos identificar que eles não pertencem à nossa região. Nomeamos essas formas como **dialeto**.
- ✚ Ela existe a partir da imigração de determinados povos para algum lugar, como o caso dos açorianos em Santa Catarina, o contato entre paulistas e gaúchos na rota dos tropeiros para o comércio de gado no Sul, e imigrantes europeus a partir do século XIX.



✓ **Variação Social**

- ✚ Essa variação é caracterizada, principalmente, pelo **grau de escolaridade** ou pelo **nível socioeconômico** do falante. Por exemplo, uma pessoa que possui curso superior, dificilmente falará “nóis vai” ou “nóis foi”.
- ✚ Cada **grupo social** compartilha de um vocabulário particular para se comunicar e, por isso, são identificados a partir das formas como se expressam.

CHOPIS CENTIS – Mamonas Assassinas

Eu “di” um beijo nela
 E chamei pra passear.
 A gente fomos no shopping
 Pra “mode” a gente lanchar.
 Comi uns bicho estranho, com um tal de gergelim.
 Até que “tava” gostoso, mas eu prefiro aipim.
 Quantcha gente,
 Quantcha alegria,
 A minha felicidade é um crediário nas
 Casas Bahia.
 Esse tal Chopis Centis é muito legalzinho.
 Pra levar a namorada e dar uns “rolezinho”,
 Quando eu estou no trabalho,
 Não vejo a hora de descer dos andaime.
 Pra pegar um cinema, ver Schwarzneger
 E também o Van Damme.

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mamonas-assassinhas/chopis-centis.html>



Disponível em: <http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>

✓ Variação Histórica

- ✚ É importante termos em mente que a língua evolui e se modifica no tempo. Algumas palavras que usamos para nos expressarmos hoje não são as mesmas de 100 anos atrás. Dependendo de seu uso ela pode ou não mudar.
 Ex: A mudança do nome VOCÊ. Essa palavra era um pronome de tratamento com

base em VOSSA MERCÊ.

VOSSA MERCÊ > VANSUNCÊ > VACÊ > VOCÊ > OCÊ > CÊ.

PESSOAS	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2
P1	EU	EU
P2	TU	TU/VOCÊ
P3	ELE (A)	ELE (A)
P4	NÓS	NÓS/A GENTE
P5	VÓS	VOCÊS
P6	ELES (AS)	ELES (AS)

Tabela extraída de Coelho et al. (2014, p. 154)

[espaço]Senhora Dona Clara Felicia daRoza

Recebi aSua, evejo aResposta que medá edesculpa: Seu com
iSo [ilegível] fizeSe quem devo, Serta mente que não na amofinava.
Atempos falando naSua Carta que vossa mercê agora media que hem te-
orados mediSe oSenhor Capitão Francisco Machado que por todo omes
dedezembro [ilegível]
deapurar esta já SepaSou, ejuntamente ode Janeiro nesta forma Sou a
dizer, que deduas huma, ou mepague,ou não: por que já não poSo atu
rar Semelhantes [ilegível] Vossa Mercê ou oSenhor Seu defunto marido
bem Sabia que Seavia deCobrar este dinheiro, eSe elle ou Vossa Mercê devia
aoutros, Como ainda mais foi fazer esta divida? Senhora Semelhantes
Respostas não Semanda, enestes termos seja, oque Sedeve obrar,
nesteCazo.
[espaço]Euquero Ser emboçado doque Vossa Mercê medeve por [corroído]
eaSim veja como meade aRimar que tambem devo, [ilegível] [corroído]
meus acredores: aes cuza vossa mercê dizerme, que acata hé [corroído]
quando amesmo tempo Sei muito bem onde hé, eoque daqui [corroído]
[espaço]Deus a vossa mercê [corroído]
[ilegível]Marianna 2 de [ilegível] de 1778
[espaço]DE Vossa Mercê

Ano do documento: 1778 – século XVIII.

Local de origem do documento: Mariana – MG – Brasil.

Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Casa Setecentista do Pilar –
Ouro Preto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSO, Rodolfo; ILARI, Rodolfo. **O Português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

COELHO, Izete. GÖRSKI. Edair. **Variação Linguística e Ensino de Gramática**. Revista Working Papers. Florianópolis, 2009.

COELHO, Izete. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

Depósito de Tirinhas. Disponível em: <http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>


Projeto Para a História do Português Brasileiro. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>

Variação lexical. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WwP_b48TpgE. Acesso em: 25 set. 2016.

Variação Tu/Você. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HwHfkuRCflc>. Acesso em: 25 set. 2016.

Variação fonológica. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvendando-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>. Acesso em: 25 set. 2016.

Anexo 2 - SLIDES




O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

“Entre palavras – principalmente entre palavras – circulamos.”


Carlos Drummond de Andrade


Colégio Municipal Maria Luiza de Melo
Professora Regente: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
Professora Estagiária: Rafaela Rebello
Disciplina: Língua Portuguesa e Literatura
Turma: 392

1



O que é Variação Linguística?

- *A variação linguística é um fenômeno que ocorre na língua, possibilitando a existência de vários falares diferentes em um mesmo lugar.*
 - *Essa variação ocorre porque a língua é dinâmica, mutável e histórica. Ela se transforma no tempo em função das mudanças que também ocorrem na sociedade.*
 - *A língua tem como função o ato da comunicação e a utilizamos em diferentes situações: na escola, no trabalho, na família, com os amigos etc.*
 - *Em cada lugar as pessoas se expressam de formas diferentes: pelo som, pelas palavras, pela entoação etc.*
 - *As variações linguísticas das quais fazemos uso dão pistas de onde viemos, nosso grau de leitura, de onde nascemos, em qual grupo social estamos inseridos.*
- 



Professora, quais são os TIPOS de VARIAÇÃO existentes?

As variações podem ser definidas em três tipos:

- 1. Variação Regional*
 - 2. Variação Social*
 - 3. Variação Histórica*
- 

1. Variação Regional

- *Esse tipo de variação é identificada, principalmente, pela possibilidade de caracterizarmos uma mesma palavra de diversas formas. Quando conversamos com um gaúcho, carioca, manezinho, mineiro etc., nós conseguimos identificar que eles não pertencem à nossa região. Nomeamos essas formas como **dialeto**.*
- *Ela existe a partir da imigração de determinados povos para algum lugar, como o caso dos açorianos em Santa Catarina, o contato entre paulistas e gaúchos na rota dos tropeiros para o comércio de gado no Sul, e imigrantes europeus a partir do século XIX.*

4



5

2. Variação Social

- Essa variação é caracterizada, principalmente, pelo **grau de escolaridade** ou pelo **nível socioeconômico** do falante. Por exemplo, uma pessoa que possui curso superior, difícilmente falará “nóis vai” ou “nóis foi”.
- Cada **grupo social** compartilha de um vocabulário particular para se comunicar e, por isso, são identificados a partir das formas como se expressam.

6



Disponível em <http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>

IMPORTANTE:

É PRECISO TER CONSCIÊNCIA DE QUE AS PESSOAS QUE FALAM COMO O CHICO BENTO, MUITAS VEZES, NÃO TIVERAM A OPORTUNIDADE DE FREQUENTAR A ESCOLA. PORTANTO, NÃO DEVEMOS DESCRIMINÁ-LAS OU RIR DA MANEIRA COMO SE EXPRESSAM.

7

CHOPIS CENTI

Eu **di** um beijo nela
e chamei pra passear,
A gente fomos no shopping,
pra **mode** a gente lanchar.
Comi **uns bicho** estranho, com
um tal de gergelim.
Até que **tava** gostoso, mas eu
prefiro aipim.

Quantcha gente,
E quantcha alegria,
A minha felicidade
É um crediário
Nas Casas Bahia.

Esse tal **Chopis Centis** é muito
legalzinho,
Prá levar as namorada e dá uns
rolézinho.
Quando eu estou no trabalho,
Não vejo a hora de descer dos
andaimé
Prá pegar um cinema, do
Schwarzeneger
e também o Van Damme.

Mamonas Assassinas, 1995.

3. Variação Histórica

É importante termos em mente que a língua evolui e se modifica no tempo. As palavras que usamos para nos expressarmos hoje não são as mesmas de 100 anos atrás. Dependendo de seu uso ela pode ou não mudar. Um exemplo:

Ex: A mudança do nome VOCÊ. Essa palavra era um pronome de tratamento com base em VOSSA MERCÊ.

VOSSA MERCÊ > VANSUNCÊ > VACÊ > VOCÊ > OCÊ > CÊ.

8

[espaço]Senhora Dona Clara Felicia daRoza

Recebi aSua, eveje aResposta que medá edesculpa: Seu com iSo [ilegível] fizeSe aquem devo. **Seu** me dite que não na amofinava. Atempos falando naSua Carta que **vossa** mercê agora media que hem te-orados mediSe oSenhor Casimiro Francisco Machado que por todo omes dedezembro [ilegível] deapurar esta já SepaSou, ejuntamente ode Janeiro nesta forma Sou a dizer, que deduas humas mepegue,ou não: por que já não poSo atu rar Semelhantes [ilegível] **Vossa** Mercê ou oSenhor Sua de unto marido bem Sabia que Seavos deCobrar este dinheiro, eSe elle ou **Vossa** Mercê devia aoutros, Como ainda mais foi fazer esta divida? Senhora Semelhantes Respostas não Semanda, enestes termos seja, oque Sedeve obrar, nesteCazo.

[espaço]Euquero Ser embolçado doque **Vossa** Mercê medeve por [corroído] eaSim veja como meado Dinhar que tambem devo, [ilegível] [corroído] meus acredores: acuzza **vossa** mercê dizer me, que acata hé [corroído] quando amesmo tempo. Sei muito bem onde hé, eoque daqui [corroído]

[espaço]Deus a **vossa** mercê [corroído]

[ilegível]Marianna 2 de [ilegível] de 1778

[espaço]DE **Vossa** Mercê

Ano do documento:
1778 – século XVIII.

Local de origem do documento:
Mariana – MG – Brasil.

Local de depósito do documento:
Arquivo Histórico Casa Setecentista do Pilar, em Ouro Preto – Minas Gerais

9 Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>



OBSERVE A TIRINHA

No palanque, o candidato faz seu pronunciamento. Em seguida, seus eleitores parabenizam seu discurso. Quem são seus eleitores e qual a maneira que eles se expressam?

10

OS NÍVEIS DA LÍNGUA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Cada tipo de variação ocorre em um nível da língua. Os **níveis da língua** dizem respeito à estrutura como a nossa língua é organizada.

- i. **Nível Sintático:** preenchimento do sujeito: Ø Fui à praia. **EU** fui à praia.
- ii. **Nível Morfológico:** Nós **vamos** x Nós **vai**.
- iii. **Nível Fonológico:** a pronúncia/som das palavras: o fonema /r/.
- iv. **Nível Lexical:** os regionalismos.

11



i. *Nível Sintático*

Quando escrevemos uma frase temos a opção de OCULTAR ou MOSTRAR o sujeito. Por exemplo.

EU fui à praia ontem.
Ø Fui à praia ontem.

NÓS jogamos bola na estádio do Figueirense.
Ø jogamos bola no estádio do Figueirense.

VOCÊ SABE O QUE UM SUJEITO SINTÁTICO?

Querida Namorada,
EU Sinto muita saudade de você.



Lembra de quando nos sentávamos no parque e comíamos biscoitos com gotas de chocolate?



EU Não comi um único biscoito desde que você foi embora.



MENTIRINHA DE AMOR!



Disponível em: <http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>

12

ii. *Nível Morfológico*

Todo pronome (Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles) exerce função sobre o verbo. Mesmo que esteja OCULTO, como já vimos, o verbo concordará com o sujeito. Porém, há variações nesse tipo de concordância.

EXEMPLO:

NÓS TRABAAMO



Disponível em: <http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>

13

iii. Nível fonológico

O nível fonológico está associado à pronúncia dos sons das palavras. Quando escutamos uma pessoa pronunciar uma palavra cuja letra R seja mais forte, ou chiada, ou fraca, sabemos sua origem.

Outro forma de variação fonológica seria a queda do R no fim das palavras, como por exemplo:

- ANDAR = ANDÁ
- AMAR = AMÁ
- SAIR = SAÍ
- TRABALHAR = TRABALHÁ
- PULAR = PULÁ

14

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSO, Rodolfo; ILARI, Rodolfo. *O Português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

COELHO, Izete. GÓRSKI, Edair. *Variação Linguística e Ensino de Gramática*. Revista *Working Papers*. Florianópolis, 2009.

COELHO, Izete. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

Depósito de Tírinhas. Disponível em: <http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>

Projeto Para a História do Português Brasileiro. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>

Variação lexical. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WwP_b48TpgE. Acesso em: 25 set. 2016.

Variação Tu/Você. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HwHfkuRCflic>. Acesso em: 25 set. 2016.

Variação fonológica. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>. Acesso em: 25 set. 2016.

15

E AÍ, QUERIDOS!

ALGUMA DÚVIDA SOBRE O TEMA???



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso

AUXILIARES: Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA

TURMA: 392

CARGA HORÁRIA: 1 hora/aula (40 min.)

HORÁRIOS: 18h45 – 19h25

DATA: 6/10/16, quinta-feira

PLANO DE AULA III

(Aula 5)

TEMA: Variação Lexical
OBJETIVOS
GERAL: Fazer com que os(as) alunos(as) reflitam sobre a variação lexical, por meio da leitura de uma crônica e do exercício que será proposto.
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Compreender que uma palavra pode ser falada de diversas maneiras, dependendo da região do falante;• Promover o contato com o gênero crônica e o tema variação lexical;• Refletir sobre as variações; e• Realizar a atividade que será proposta.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Variação lexical.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none">1. A aula acontecerá na própria sala de aula e será expositivo-dialogada;2. Chamada¹⁵;3. Serão distribuídas fotocópias da crônica “Língua Brasileira” (Anexo 1);4. Em seguida, a professora estagiária fará a leitura oral da crônica para os(as) alunos(as);5. Haverá uma rápida discussão sobre o texto lido: **Sobre o que trata o texto? **Vocês ficaram com dúvida em alguma palavra?;6. Serão entregues cópias da atividade avaliativa (Anexo 2), a qual será feita em dupla, sendo uma para cada aluno. A atividade proposta abarcará a variação lexical, em que

¹⁵ Nos dias em que o encontro é de apenas uma aula, os professores auxiliares passarão uma lista para os(as) alunos(as) assinarem para otimizar o tempo.

<p>várias palavras passíveis dessa variação serão elencadas a fim de que o aluno escreva as variações e regiões onde se falam de tal forma; e</p> <p>7. A professora estagiária recolherá os exercícios ao final da aula.</p>
<p>RECURSOS DIDÁTICOS</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Folha A4 para assinatura dos(as) alunos(as) - chamada; • Quadro branco; • Caneta para quadro branco e apagador; e • Fotocópias do texto que será lido e da atividade.
<p>AVALIAÇÃO</p>
<p>Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula e na realização da atividade proposta.</p>
<p>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</p>
<p>RAMIL, Kledir. Língua brasileira. In: _____. Crônicas para se ler na escola. Seleção de Regina Zilberman. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 17-19.</p>

ANEXOS

Anexo 1

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

Língua brasileira

Outro dia eu vinha pela rua e encontrei um mandinho comendo bergamota, um guri desses que andam sem carpim, de bragueta aberta, soltando pandorga. Eu vinha de bici, descendo a lomba pra ir na lancheria...

Se você não é gaúcho, provavelmente não entendeu nada do que eu estava contando. No Rio Grande do Sul a gente chama tangerina de *bergamota* e carne moída de *guisado*. *Bidê*, que a maioria usa no banheiro, é o nome que nós demos pra mesinha de cabeceira, que em alguns lugares chamam de criado-mudo. E por aí vai. A privada nós chamamos de *patente*. Dizem que começou com a chegada dos primeiros vasos sanitários de louça, vindos da Inglaterra, que traziam impresso "Patent" número tal. E pegou.

Ir aos pés, no Rio Grande do Sul, é fazer cocô. Eu acho *trê* elegante, poético. "Com licença, vou aos pés e já volto."

O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de dialetos diferentes.

No Rio de Janeiro é “e aí, merrmão! CB, sangue bom!” Até eu entender que *merrmão* era “meu irmão” levou um tempo. Pra conseguir se comunicar, além de arranhar a garganta com o erre, você precisa aprender a chiar que nem chaleira velha: “Vai rolá umasch paradasch ischperrtasch.”

Em São Paulo, capital, eles botam um “i” a mais na frente do “n”: “Ôrra meu! Tô por deintro, mas não tô inteindeindo o que eu tô veindo.” E no *interiorr* falam um erre todo enrolado: “A Ferrnanda marrrcô a porrrreira.” Dá um nó na língua. A vantagem é que a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em *Mins*, quer dizer, em Minas, eles engolem letras e falam *Belzonte*, *Nossenhora*, *doidemais da conta*, *sô!* O mineiro, quando se perde, já tem uma frase pronta: “Eu não sei quemcossô, oncotô, doncovim e proncovô.” Qualquer objeto eles chamam de *trem*, como naquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou apontando as malas: “Muié, pega os trem que o bicho tá vindo.”

No Nordeste é tudo “meu rei, bicfinho, oxente”. Pai é *paínho*, mãe é *mainha*, vó é *vóinha*. E pra você conseguir falar com o acento típico da região, é só cantar a primeira sílaba de qualquer palavra numa nota mais aguda que as seguintes. As frases são sempre em escala descendente, ao contrário do sotaque gaúcho.

Mas o lugar mais interessante de todos é Florianópolis, um paraíso sobre a terra, abençoado por Nossa Senhora do Desterro. Os nativos tradicionais, conhecidos como *manezinhos da Ilha*, têm o linguajar mais simpático da nossa língua brasileira. Lagartixa, eles chamam de *crocodilinho de parede*. Helicóptero é *avião de rosca* (que deve ser lido *rôschca*). Carne moída é *boi ralado*. Se você quiser um pastel de carne precisa pedir um *envelope de boi ralado*. Telefone público, o popular orelhão, é conhecido como *poste de prosa*. Ovo eles chamam de *semente de galinha* e motel é *lugar de instantinho*.

Dizem que isso tudo vem da colonização açoriana, inclusive a pronúncia deliciosa de algumas expressões como "*si quéisch quéisch, si não quéisch, disch*".

Se você estiver por lá viajando de carro e precisar de alguma informação sobre a estrada pra voltar pra casa, deve perguntar pela *Briói*, como é conhecida a BR-101.

Tudo isso é muito engraçado, mas às vezes dá problema sério. A primeira vez que minha mãe, gaúcha do interior, foi ao Rio de Janeiro, entrou numa padaria e pediu: "Tchê, me dá um cacete!!!" *Cacete* pra nós é pão francês. O padeiro caiu na risada, chamou-a num canto e tentou contornar a situação. Ela ingenuamente emendou: "Mas o senhor não tem pelo menos um cacetinho?"

N. do T. — *mandinbo* é garoto, *carpim* é meia, *bragueta* é braguilha, *pandorga* é pipa, *bici* é bicicleta, *lomba* é ladeira, *lancheria* é lanchonete.

Kledir Ramil

RAMIL, Kledir. Língua brasileira. In: _____. **Crônicas para se ler na escola**. Seleção de Regina Zilberman. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 17-19.

Anexo 2

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

ALUNO(A): _____.

Exemplo	VARIAÇÕES	REGIÕES
Bergamota (Sul)	Mexerica Laranja-cravo	Sudeste Nordeste
Aipim		
Guria		
Guri		

Vina			
Sinaleira			
Carro			
Pão de trigo			
Chimia			

Cachaça			
Ônibus			
Biscoito			
Emprego			
Penal			
Cachorro			

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte
AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19:25 – 20:05
DATA: 11 de outubro – Terça-feira

PLANO DE AULA IV
(Aulas 6 e 7)

TEMA: Preconceito Linguístico

OBJETIVOS

GERAL: Apresentar aos alunos o que é o Preconceito linguístico objetivando uma produção escrita no gênero relato de opinião.

ESPECÍFICO:

- Ler o texto a fim de que seja desenvolvida a oralidade;
- Refletir sobre as práticas de preconceito;
- Debater os pontos principais do texto;
- Incitar o aluno à criticidade;
- Organizar as ideias levantadas no debate à produção escrita de um relato de opinião; e
- Entender a língua como objeto heterogêneo.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

- Prática de leitura;
- Oralidade;
- Entonação;
- Motivadores do preconceito linguístico;
- Língua heterogênea; e
- Produção escrita.

METODOLOGIA

- 1. A chamada será feita em forma de lista com o auxílio dos outros estagiários;
 - 2. Será distribuída aos alunos a notícia e feita leitura silenciosa (Anexo 1);
- * SCHERRE. Marta. **O preconceito linguístico deveria ser crime**. Fonte: Revista Galilleu.

<ul style="list-style-type: none"> • 3. Posteriormente, será feita novamente a leitura do texto, porém, em voz alta. Cada aluno lerá uma pequena parte do texto. O aluno que se opor será avisado sobre sua nota de participação; • 4. Após a leitura em voz aula será feito o debate sobre o texto: <ul style="list-style-type: none"> * Do que trata o texto? Quais suas opiniões sobre preconceito linguístico? Alguma experiência pessoal em relação ao texto? Vocês acham que o preconceito ocorre em todas as classes sociais? Você acredita que o preconceito linguístico é uma forma de preconceito assim como o racial, de gênero? O que pretende a pessoa que pratica o preconceito linguístico?; <p>5. A professora distribuirá aos alunos um <i>handout</i> (Anexo 2) sobre preconceito linguístico e o poder da mídia: a língua enquanto objeto de poder;</p> <p>6. Em seguida, a Professora (estagiária) explicará a influência que a mídia exerce em relação ao preconceito linguístico;</p> <p>7. Será explica a atividade como primeira avaliação valendo uma nota; e</p> <p>8. Escrita de relato de opinião sobre “O que é preconceito linguístico?”¹⁶.</p>
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco; • Caneta para quadro branco e apagador; • Cópias xerocadas; • Folha configurada pelos estagiários; • Laptop; e • Projetor.
AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Participação na leitura e produção textual.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<p>FARACO, Carlos Alberto. ZILLES, Ana Maria (Org.). Pedagogia da variação Linguística: língua, diversidade e ensino.</p> <p>COELHO, Izete. GÖRSKI. Edair. Varição Linguística e Ensino de Gramática. Revista Working Papers. Florianópolis, 2009.</p> <p>MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Org.). Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa. Rio Grande do Norte, 2013.</p> <p>MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES. Maria Alice. Ensino de Português e Sociolinguística.</p>

¹⁶ Anexo 5

Anexo 1

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

O preconceito linguístico deveria ser crime

por [Marta Scherre](#)



Basta ser homem, estar em sociedade e estar rodeado de pessoas falantes que a língua - este sistema de comunicação inigualável - emerge. Ela se instaura e toma conta de todos nós, de nossos pensamentos, de nossos desejos e de nossas ações. Falar faz parte do nosso cotidiano, de nossa vida. A troca por meio das formas linguísticas é a nossa dádiva maior, nossa característica básica. É por meio de uma língua que o ser humano se individualiza, em um movimento contínuo de busca de identidade e de distinção. É isso, enfim, que nos torna humanos e nos diferencia de todos os outros animais.

Não existe homem sem língua. Mesmo as pessoas com deficiências diversas adotam um sistema de comunicação. Quem é surdo, por exemplo, usa a linguagem de sinais. Sendo assim, não existe razão para que tenhamos preconceito com relação a qualquer variedade linguística diferente da nossa. Preconceito linguístico é o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala. O problema maior é que as variedades mais sujeitas a esse tipo de preconceito são, normalmente, as com características associadas a grupos de menos prestígio na escala social ou a comunidades da área rural ou do interior. Historicamente, isso ocorre pelo sentimento e pelo comportamento de superioridade dos grupos vistos como mais privilegiados, econômica e socialmente.

Então, há críticas negativas em relação, por exemplo, à falta de concordância verbal ou nominal (As coisa tá muito cara); ao "r" no lugar do "l" (Framengo); à presença do gerúndio no lugar do infinitivo (Eu vô tá verificano); ao "r" chamado de caipira, característico da fala de amplas áreas

mineiras, paulistas, goianas, mato-grossenses e paranaenses - em franca expansão, embora sua extinção tenha sido prevista por linguistas. Depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo.



O preconceito linguístico - o mais sutil de todos eles - atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de uma região ou de outra, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar.

A Constituição brasileira estabelece que "ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante". Sendo assim, interpreto eu que qualquer pessoa que for vítima de preconceito linguístico pode buscar a lei maior da nação para se defender. Até porque, sob essa ótica, o preconceito linguístico se configura como um tratamento desumano e degradante - uma tortura moral. Se necessário for, poderíamos até propor uma lei específica contra esse tipo de preconceito, apenas para ficar mais claro que qualquer pessoa tem o direito de buscar a justiça quando for vítima de qualquer iniciativa contra o seu modo de se expressar.

Sei que muitos devem achar que isso é bobagem, que todos devem deixar de falar errado. Mas todo mundo tem direito de se expressar, sem constrangimento, na forma em que é senhor, em que tem fluência, em que é capaz de expressar seus sentimentos, de persuadir, de manifestar seus conhecimentos. Enfim, de falar a sua língua ou a sua variante dela.

MARTA SCHERRE, linguista e pesquisadora do CNPQ

Anexo 2

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

O QUE É PRECONCEITO LINGUÍSTICO?

- ✚ O preconceito linguístico caracteriza-se pela não aceitação da forma como a outra pessoa fala. Geralmente, quem sofre esse tipo de preconceito são as pessoas sem escolaridade e de baixo nível econômico, pois são as que não tiveram oportunidade de frequentar a escola. Esse preconceito nasce da ideia de que existe apenas uma língua portuguesa, idealizada nos moldes lusitanos. A língua, enquanto atividade social, é dinâmica e mostra a sua verdadeira identidade.



Disponível em: <http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>

- ✚ É um preconceito assim como o racial, étnico, religioso etc. As pessoas que são rechaçadas pela forma como se comunicam e se expressam acabam anulando seu papel de cidadão, sentindo-se inferiores e humilhados perante os que julgam falar “correto”.
- ✚ No Brasil existem, atualmente, segundo o IBGE, mais de 206 milhões de habitantes. Imagine todos eles se comunicando impecavelmente igual, sem nenhum tipo de variação. É impossível. Para compreender o preconceito linguístico é preciso entender a diversidade cultural do nosso país. Um país com grande fluxo de imigração e migração não poderia limitar-se a regras do “bem falar”.
- ✚ Entender as limitações linguísticas da outra pessoa é, sobretudo, um ato de respeito e bom senso. Quando se busca a padronização da língua, anula-se a identidade de cada indivíduo, sua origem e valores.

Pare e pense: qual será o maior disseminador de preconceito linguístico que existe, atualmente, no Brasil?

✚ A MÍDIA. É ela que, na maioria das vezes, incita a sociedade a rir de pobres e analfabetos que não tiveram acesso à educação. Esse comportamento é reflexo de uma mídia (jornais, televisões) conservadora, padronizada e preconceituosa, intolerante com as variações linguísticas que existem na sociedade. Segundo a linguista Marta Scherre (2005, p. 43):

**“INFELIZMENTE, A LÍNGUA É TAMBÉM INSTRUMENTO DE PODER;
LÍNGUA É TAMBÉM INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO; LÍNGUA É
TAMBÉM INSTRUMENTO DE OPRESSÃO.”**



Foto retirada do livro "Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito." de Marta Scherre

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SCHERRE, Marta. Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito. Parábola Editorial: São Paulo, 2005.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)**

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte
AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 1 hora/aula (40 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25
DATA: 13 de outubro – Quinta-feira

**PLANO DE AULA V
(Aula 8)**

TEMA: Norma Culta no Português Brasileiro.

OBJETIVOS

- **GERAL:** Norma Linguística no Português do Brasil: a importância da norma culta.

ESPECÍFICO:

- Explicar o que é norma culta;
- Compreender a relação entre norma linguística e identidade;
- Conhecer a norma culta;
- Desconstruir o conceito de “certo” e “errado”;
- Refletir sobre o uso da língua em determinadas situações; e
- Refletir sobre o uso da língua em situações exigidas.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

- Reflexão sobre o que é a língua e suas variações;
- Consciência social de que o preconceito linguístico é excludente e taxativo;
- Conhecimento sobre a norma culta e qual seu valor;
- A importância do domínio da norma culta.

METODOLOGIA

<p>1. Aula expositiva-dialogada;</p> <p>2. A chamada será feita em forma de lista;</p> <p>3. A professora distribuirá uma folha onde estarão explicados os conceitos de norma e suas implicações na língua (Anexo 1). O foco será na norma culta; e</p> <p>4. Em seguida, a professora explicará sobre tais conceitos com foco na norma culta.</p>
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco; • Caneta para quadro branco e apagador; e • Handout.
AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Atenção do aluno ao tema abordado.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<p>FARACO, Carlos Alberto. Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós. São Paulo : Parábola Editorial, 2008, p. 12.</p> <p>COELHO, Izete. SEVERO, Cristine. MONGUILHOTT. Isabel. Norma Linguística do Português do Brasil. Florianópolis, 2014.</p> <p>COELHO, Izete. GÖRSKI. Edair. Variação Linguística e Ensino de Gramática. Revista Working Papers. Florianópolis, 2009.</p> <p>VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Ensino de Gramática: descrição e uso. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo, 2014.</p>

Anexo 1

<p>COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura TURMA: 392</p>

A importância da Norma Culta no Português Brasileiro

1. O que é uma norma?

Segundo Faraco (2008, p. 40) é um “conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos em

variação.” Há a norma das comunidades rurais, normas de cidades urbanas, normas das periferias. Essas normas são identitárias, isto é, nada mais são que a identidade de um grupo social, determinadas por fenômenos e expressões linguísticas compartilhadas naquela comunidade de fala. Considerando que o sujeito não pertence somente a um grupo social, pode-se afirmar que há o domínio de mais de uma norma linguística. Entretanto há uma norma, privilegiada socialmente, que pertence a um grupo social e escolarizado: chama-se norma culta.

NORMA PADRÃO X NORMAL CULTA

✚ NORMA PADRÃO:

Entende-se por norma padrão uma escrita baseada nos moldes lusitanos e literários, uma norma abstrata e idealizada. Muito tem a ver com projetos políticos de uniformidade, sendo considerada uma norma artificial. Geralmente, essa é a norma que dissemina preconceito linguístico, sendo seus adeptos pessoas extremamente conservadoras e inflexíveis.



WATTERSON, Bill. "O melhor de Calvin". O Estado de S. Paulo. São Paulo, 27/ago/2002.

Disponível em: <http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/>

✚ NORMA CULTA:

Sabemos que cada grupo social usa expressões próprias no momento em que se comunica e que não existe um “certo” ou um “errado”, apenas situações em que essas expressões precisam ser empregadas conforme exigências. Apesar de todas as normas existentes na sociedade, a norma culta é a mais prestigiada, sendo associada às pessoas com alto grau de escolaridade e letradas. Diferentemente da norma padrão (superficial e idealizada) a norma culta também sofre processo de variação. Por exemplo:

- No sul do Brasil os falantes letrados utilizam a 2ª pessoa do singular (TU) sem a concordância com o verbo: TU PEGOU. No sudeste (São Paulo e Minas Gerais) usa-se

VOCÊ PEGOU. Ambas as formas são aceitáveis.

Para a norma padrão somente a forma TU PEGASTE seria a correta. Ou seja, toda norma, sendo de maior ou menor prestígio, sofre processo de variação, uma vez que possui caráter histórico.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FARACO. Carlos Alberto. Norma Culta Brasileira. Parábola Editorial: São Paulo, 2008.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)**

<p>UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rafaela Rebello Duarte DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA TURMA: 392 CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.) HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05 DATA: 18/10/16, terça-feira</p>
--

PLANO DE AULA VI (Aulas 9 e 10)

TEMA: O gênero notícia impressa.
OBJETIVOS
GERAL: Identificar os elementos composicionais e as condições de produção do gênero notícia impressa.
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Ler o gênero notícia;• Perceber os elementos estruturais de uma notícia impressa;• Analisar a manchete de uma notícia impressa;• Identificar o local de produção de uma notícia escrita;• Saber em quais espaços circula o gênero notícia impressa;

- Exercitar a oralidade em situação de interação na sala de aula;
- Desenvolver trabalho em dupla; e
- Ouvir, respeitar e valorizar as opiniões dos outros, revendo ou reformulando novos conceitos.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

- Estrutura do gênero notícia escrita;
- Função da notícia;
- Contexto de produção; e
- Marcas linguísticas.

METODOLOGIA

1. As aulas serão expositivo-dialogadas;
2. Chamada;
3. Primeiramente será feita uma apresentação do conteúdo da aula;
4. A aula iniciar-se-á com o professor realizando várias perguntas aos/às alunos/as:
 - ** O que é uma notícia? ** Quais meios vocês utilizam para ter acesso à uma notícia?
 - ** Vocês têm o hábito de ler jornais, revistas, portal de notícias? ** Quais? Quais notícias mais os atraem? ** Por quê? Vocês leem toda a notícia ou limitam-se aos títulos da notícia? Qual notícia da mídia impressa vocês lembram de ter lido?;
5. Na sequência será entregue uma notícia retirada da internet (anexo 1);
6. Depois de entregue, será solicitado que os alunos/as façam uma leitura silenciosa da notícia;
7. Feita a leitura silenciosa será feita uma leitura em voz alta do texto entre os/as alunos/as e o professor estagiário;
8. Após a leitura do texto, o professor estagiário estimulará um debate sobre o tema abordado na notícia;
 - ** Vocês já tinham lido/escutado essa notícia? Em qual meio? ** Sobre o que fala o texto? ** Qual a opinião de vocês sobre esse assunto? **
9. Na sequência o professor estagiário entregará e lerá um resumo com o conceito do gênero notícia e com a estrutura da forma e do conteúdo do gênero; (Anexo 3)
10. Terminado, o professor estagiário, juntamente com os alunos, buscará no texto elementos composicionais do gênero notícia, além de elementos gramaticais que marcam o gênero estudado;
11. O estagiário professor entregará outra notícia (Anexo 3) para leitura. Feita a leitura os alunos deverão responder e entregar um questionário (Anexo 4) com as seguintes perguntas sobre a notícia (feito em duplas, porém cada aluno entregará as suas respostas):
 - ** Onde ocorreu o fato? ** Quando ocorreu? ** Quais as pessoas envolvidas? O que ocorreu? Como? Por quê? Tem subtítulo? Transcreva. ** Transcreva o LEAD/parágrafo guia/cabeça. Qual tempo verbal a notícia é desenvolvida?;

12. Os textos serão recolhidos para fins de constatação da realização da tarefa; e
13. Considerações finais.

RECURSOS DIDÁTICOS

- ❖ Quadro de branco;
- ❖ Caneta para quadro branco e apagador;
- ❖ Fotocópias dos textos que serão lidos;
- ❖ *Handout* do resumo; e
- ❖ Folha com o questionário para os alunos responderem.

AVALIAÇÃO

Os/As alunos/as serão avaliados/as de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula e na realização da atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERALDI, João Wanderley. **Prática da Leitura de textos na escola**. In: O texto na sala de aula. Org. por João Wanderley Geraldi. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. Série Princípios. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

Ana Denise Silva da Rosa, Normelio Zanotto. **Aplicação do gênero notícia no ensino**. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. 2009

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e Gêneros Textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. (Fonte: http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2516?locale=pt_BR)

DIVERSIDADE TEXTUAL: **os gêneros na sala de aula**. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Anexo 1

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

CartaCapital

ASSINE Política Economia Sociedade Cultura Internacional Blogs e columnistas Carta Educação

Você está aqui: [Página Inicial](#) / [Política](#) / [Presidenta ou presidente?](#)


Política

STF

Presidenta ou presidente?

Cármen Lúcia assume o STF e recusa-se ser chamada pelo feminino de presidente

por Redação — publicado 11/08/2016 19h32, última modificação 11/08/2016 19h36

 Recomendar 14 mil

 G+ 14

 Share 3

 Tweetar

A ministra Cármen Lúcia Rocha foi eleita ontem, quarta (11) para a presidência do Supremo Tribunal Federal para mandato de 2 anos, substituindo Ricardo Lewandowski –ela assume em setembro. Ela havia sido nomeada em 2006 por Lula. Foi uma eleição protocolar, pois o cargo é assumido em rodízio baseado no critério de antiguidade. Assume o ministro (ou ministra) mais antigo que ainda não presidiu a Corte.



Cármen Lúcia, presidente STF

A ministra chegou marcando distância da presidenta Dilma Rousseff –ao menos vocabular. Em meio a um julgamento ontem, Lewandowski, ao passar-lhe a palavra perguntou: “Concedo a palavra à ministra Cármen Lúcia, nossa presidenta eleita... ou presidente?”

Ela respondeu com ar sorridente: “Eu fui estudante e eu sou amante da língua portuguesa. Acho que o cargo é de presidente, não é não?”.

Mas a escolha não guarda relação com o fato de ela ter sido estudante ou considerar-se amante do vernáculo. As duas fórmulas são aceitas quando uma mulher assume a presidência de qualquer órgão ou do país. Presidenta ou presidente.

O ex-presidente José Sarney, que gosta de ser lembrado mais como escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, do que como senador, governador ou presidente da República, escreveu alguns meses depois da eleição de Dilma Roussef em 2010:

“Presidenta, segundo o ‘Aurélio’, é ‘mulher que preside ou mulher de um presidente’, distinta de presidente, que é ‘pessoa que preside’ ou ‘o presidente da República’. O ‘Houaiss’ fala em ‘mulher que preside (algo)’ ou ‘mulher que se elege para a presidência de um país’ para definir presidenta e, para presidente, em ‘título oficial do chefe do governo no regime presidencialista’ -substantivo de dois gêneros. A forma tradicional, comum de dois gêneros, não tem nenhum sentido discriminatório. Mas presidenta tem mais um peso político que linguístico.”

Recomendados para você



O Supremo fraudou a lei



Belas, ricas e casadas



O mundo assombrado de Rachel Sheherazade

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

Racismo rende indenização

Vítima de discriminação no trabalho ganha ação no valor de R\$ 10 mil em Minas Gerais

STEPHANIE TONDO

stephanie.tondo@odia.com.br

Discriminação racial no local de trabalho resultou em indenização de R\$ 10 mil para funcionário demitido. Empregado de uma rede de varejo de Minas Gerais entrou com ação por danos morais, e ganhou, na Vara do Trabalho de Manhuaçu (MG) contra a empresa, sob a alegação de que era tratado com arrogância por uma gerente. Ele reclamava ainda ter sido discriminado pela cor da pele. O trabalhador foi demitido, sem justa causa, quando a chefe chegou ao cargo de gerente.

As situações relatadas pela vítima foram confirmadas por testemunhas durante o processo. Segundo um dos depoimentos, a gerente teria dito a um coordenador que o rapaz e seu colega, ambos negros, não teriam o perfil da loja, passan-

do o dedo indicador sobre o braço em referência à cor da pele. O juiz Hitler Eustásio Machado Oliveira, responsável pela ação, considerou comprovados os danos morais e fixou indenização em R\$ 10 mil.

De acordo com o juiz, a conduta da gerente desrespeita os princípios da igualdade e dignidade humana, que devem nortear as relações de trabalho. Além disso, ele explicou que o valor da indenização precisa ser considerável “de forma a compensar os vexames e humilhações sofridos, reprimindo de fato a atitude da ofensora”.

Para entrar com processo contra atitudes de racismo, a maior prova é o depoimento de testemunhas, afirma o advogado especializado em Direitos Humanos, Sérgio Camargo. Além disso, não há um critério para caracterizar esse tipo de atitude. “Se a pessoa se sente ofendida, é consi-



Jogador italiano Balotelli recebe homenagem de Roberto Dinamite

derado racismo, mesmo que não haja intenção”, detalha.

PRECONCEITO NO FUTEBOL

Casos de racismo também acontecem no futebol. Vítima na Itália, o jogador Mario

Balotelli recebeu homenagem do presidente do Vasco da Gama, Roberto Dinamite. “O futebol brasileiro e mundial precisam estar unidos para que o preconceito não exista”, disse Dinamite.

PUNIÇÃO

Nova lei contra discriminação

■ O Estado do Rio pode ganhar lei que pune pessoas físicas e jurídicas por discriminação de cor, etnia, religião e procedência nacional. Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) aprovou ontem projeto que estabelece multas equivalentes a R\$ 3.192 e suspensão e cassação da licença estadual de funcionamento de estabelecimentos que pratiquem discriminação. A proposta do deputado Gilberto Palmares (PT) ainda será enviada para sanção do governador Sérgio Cabral.

Anexo 3

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392

O GÊNERO NOTÍCIA

CONCEITOS:

É o gênero básico do jornalismo, em que se relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião. É um gênero genuinamente informativo, em que, em princípio, o repórter não se posiciona, pois o que vale é o fato. (BALTAR, 2003, p. 119)

[...]. Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou. [...] O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro. [...] Do ponto de vista técnico, a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político; o que importa é se de fato aconteceu aquilo ou, no caso de uma entrevista, se o entrevistado disse realmente aquilo. (LAGE, 1987, p. 25)

[...] Não basta ser verdadeiro; é preciso parecer. Daí a aversão a referências imprecisas. Não se escreve alguns manifestantes mas, sempre que possível, 10, 12 ou 15 manifestantes. Não se diz que uma vila está perto de uma cidade; antes, procura-se informar qual a distância em quilômetros ou tempo de viagem. A placa do carro, a hora exata do desastre, o número de desabrigados pela enchente cumprem, no veículo de massa, um efeito de realidade. (LAGE, 1987, p. 26)

Não esquecer as perguntas que devo fazer ao produzir uma notícia.

ESTRUTURA DA NOTÍCIA

ESTRUTURA	DEFINIÇÃO	
Antetítulo	Surge antes do título. É facultativo.	
1. Título	Encontra-se no início, destacado com letras maiores e/ou de cor diferente. Deve ser breve, atrativo e esclarecer sobre o assunto.	
Subtítulo	Surge depois do título. É facultativo.	
2. Lead/Lide/Cabeça Significa “guiar”, “conduzir”.	O lide apresenta sucintamente o assunto ou destaca o fato essencial, o clímax da história. Corresponde ao 1º parágrafo na notícia (as vezes o 1º e o 2º parágrafos) e deve/m responder as seguintes questões:	Quem?
		O quê?
		Onde?
		Quando?
3. Corpo da notícia	É o resto do texto que desenvolve o assunto. Tenta responder as seguintes questões:	Como?
		Porquê?
		Para quê? Consequências?
		Fontes da notícia.

❖ **Título:**

- ✓ Encabeça a notícia;
- ✓ Contém a informação básica para orientar o leitor;
- ✓ Deve ser breve.
- ✓ Tem duas funções fundamentais: informar e captar a atenção do leitor;
- ✓ Pode ser complementado por: - antetítulo e/ou – subtítulo.

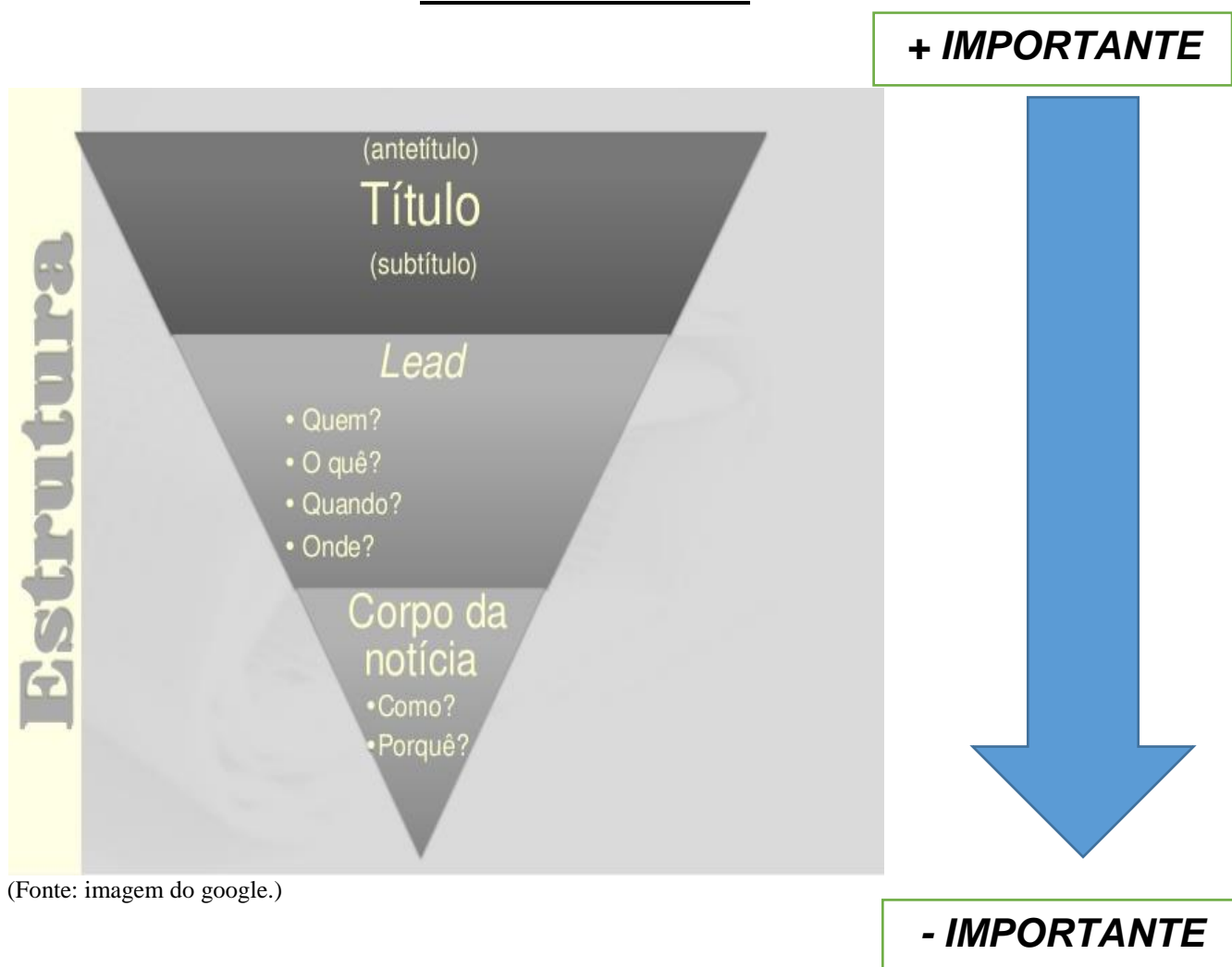
❖ **Lead/Lide:**

- ✓ Parte inicial da notícia: contém a informação essencial sobre a notícia:
- ✓ QUEM? O QUÊ? ONDE? QUANDO?

❖ **Corpo da notícia:**

- ✓ Corresponde ao desenvolvimento do lead;
- ✓ Explica por que razão se deu o acontecimento: PORQUÊ?;
- ✓ Descreve como ocorreram os factos: COMO?

PIRAMIDE INVERTIDA



(Fonte: imagem do google.)

Fontes: LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** Série Princípios. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e Gêneros Textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula.**
Disponível em: < http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2516?locale=pt_BR > Acesso em: 2 de setembro de 2016.

Anexo 4

<p>COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura TURMA: 392 ALUNA/O: _____</p>
--

QUESTIONÁRIO

1. Onde ocorreu o fato descrito na notícia?
2. Quando ocorreu o fato?
3. Quais as pessoas envolvidas na notícia?
4. O que ocorreu? Como ocorreu? Por que ocorreu?
5. A notícia tem subtítulo? Em caso positivo, transcreva-o.
6. Transcreva o lead/lide/parágrafo guia/cabeça da notícia.
7. Em qual tempo verbal a notícia é desenvolvida?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

<p>UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso AUXILIARES: Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA TURMA: 392 CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.) HORÁRIOS: 19h25 – 20h05 e 20h05 – 20h45 DATA: 19/10/16, quarta-feira</p>

PLANO DE AULA VII
(Aulas 11 e 12)

TEMA: Produção textual – Gênero notícia
OBJETIVOS
GERAL: Realizar uma produção textual ¹⁷ .
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Colocar em prática os conhecimentos sobre o gênero notícia, realizando uma produção textual deste gênero.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Estrutura do gênero notícia escrita; e• Produção do gênero notícia.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none">1. As aulas ocorrerão na sala de aula e serão expositivo-dialogadas;2. Chamada;3. Retomada das características do gênero notícia; aspectos estruturais; e4. Explicação da produção textual, a qual terá como tema a chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência, com intuito de noticiar o livro que será produzido com as crônicas realizadas pelos(as) alunos(as) neste semestre. Será explicado que haverá esta primeira escrita e, posteriormente, uma segunda escrita. Além disso, será explicado também que faremos

¹⁷ Anexo 6.

um sorteio entre as produções textuais para que 5 sejam escolhidas para serem expostas no colégio.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco e apagador; e
- Folhas A4 para produção textual.

AValiação

Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com o interesse e a participação em sala de aula e na realização da atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. Série Princípios. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

<p>UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rogerio Cruz Pereira DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA TURMA: 392 CARGA HORÁRIA: 1 hora/aula (40 min.) HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 DATA: 20 de outubro – Quinta-feira</p>
--

PLANO DE AULA VIII
(Aula 13)

TEMA: Variação lexical/regional.

OBJETIVOS

GERAL: Sistematizar os conceitos de variação linguística vistos pelos alunos.
--

ESPECÍFICO:

- Aplicar os conceitos de variação linguística (lexical) de forma dinâmica;
- Aplicar conhecimentos geográficos;
- Relacionar o ensino de português ao de geografia; e
- Observar o entrosamento da turma com o tema do projeto.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

- Abordar o conhecimento geográfico dos alunos a partir da dinâmica da aula;
- Conscientizar os alunos de que cada região possui uma variedade e, portanto, não há um “falar padrão”;
- Respeitar a identidade linguística do outro; e
- Promover atitude no aluno.

METODOLOGIA

1. A chamada será feita;

2. Em seguida, explicar à turma que a atividade da aula de 6/10 sobre variação lexical será

corrigida por meio de uma dinâmica; e

3. A professora explicará como será a correção da atividade:

* A professora levará um mapa físico do Brasil para a sala de aula, bem como um mapa desenhado somente em contorno preto. Ambos ficarão expostos no quadro, pendurados. A proposta é a de que o aluno, a partir da atividade sobre variação lexical do dia 6/10, encontre no mapa a respectiva região da palavra.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco; cartolina, canetão preto, mapa físico do Brasil.

AVALIAÇÃO

- Participação e interação do aluno com a dinâmica proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Izete. GÖRSKI. Edair. **Varição Linguística e Ensino de Gramática**. Revista Working Papers. Florianópolis, 2009.

COELHO, Izete. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo : Editora Contexto, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. ZILLES, Ana Maria (Org.). **Pedagogia da variação Linguística: língua, diversidade e ensino**.

MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Org.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa**. Rio Grande do Norte, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

<p>UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rafaela Rebello Duarte DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA TURMA: 392 CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.) HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05 DATA: 25/10/16, terça-feira</p>
--

PLANO DE AULA IX
(Aulas 14 e 15)

<p>TEMA: Análise linguística com ênfase nas inadequações linguísticas e composicionais apresentadas nas notícias produzidas pelos/as alunos/as.</p>
OBJETIVOS
<p>GERAL: Fazer com os/as alunos/as uma análise linguística e composicional das produções realizadas por eles na última aula.</p>
<p>ESPECÍFICO:</p> <ul style="list-style-type: none">• Refletir sobre as construções e estratégias linguísticas utilizadas nos textos;• Compreender os aspectos linguísticos e composicionais que se mostraram em desacordo com a norma culta;• Revisar os desvios linguísticos e composicionais apontados nas produções textuais; e• Ouvir, respeitar e valorizar as opiniões dos outros, revendo ou reformulando novos conceitos.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Leitura;• Análise linguística; e• Produção textual.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none">1. As aulas serão expositivo-dialogadas;2. Realização da chamada;

3. Será feita uma apresentação do conteúdo da aula;
4. Na sequência, serão transcritos no quadro os desvios que mais se destacaram nas produções dos alunos;
5. Depois da transcrição, será feita uma análise linguística de cada desvio apresentado, com especial atenção para:
 ** A coerência temática. ** Fugas do tema. ** Fuga do gênero. ** Uso adequado dos mecanismos de coesão. ** Uso adequado de vocabulário. ** Adequação dos mecanismos linguísticos;
6. No final será proposta uma atividade: Serão entregues duas notícias (anexos 1 e 2) para cada dupla, sendo que as notícias estarão com os parágrafos e os títulos recortados. Cada dupla deverá montar as duas notícias, colar no papel A4 e devolver para o estagiário professor;
 ** Essa atividade visa desenvolver a percepção da organização textual/coerência dos/as alunos/as.
7. As notícias serão recolhidas para fins de constatação da realização da tarefa e avaliação;
 e
8. Considerações finais.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco e apagador;
- Fotocópias dos textos que serão montados; e
- Folha A4.

AVALIAÇÃO

Os/As alunos/as serão avaliados/as de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula e na realização da atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERALDI, João Wanderley. **Prática da Leitura de textos na escola**. In: O texto na sala de aula. Org. por João Wanderley Geraldi. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

Ana Denise Silva da Rosa, Normelio Zanotto. **Aplicação do gênero notícia no ensino**. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. 2009

DIVERSIDADE TEXTUAL: os gêneros na sala de aula. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Anexo 1

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

PERSONAGEM

"Caçador de cascavéis" fala sobre drama familiar e obstinação por capturar cobras

POR: [LUIZ DEMÉTRIO](#) - EM [Cotidiano](#)

17/09/2016 17:17 - Atualizado em 18/09/2016 14:26

Compartilhar

O agricultor José Maurílio da Silva, de 50 anos, conhecido na região do distrito de São Domingos, no município de Apucarana (norte dom Paraná), como "encantador de serpentes" e "Zé das Cobras" concedeu entrevista nesta semana ao TNonline durante a qual falou pela primeira vez de seus dramas familiares e pessoais e da obstinação em caçar cobras, principalmente as venenosas cascavéis.

Zé Maurílio, que encaminhou nos últimos meses mais de 304 cascavéis para um serpentário em propriedade rural na zona sul de Apucarana, revela que quando tinha apenas oito meses de vida, o pai dele matou sua mãe, que estava grávida, e sua avó materna a facadas ao lado dele . O pai acabou preso e Zé Maurílio foi criado por um avô, em um sítio na região de São Domingos, área acentuadamente pedregosa, onde habitam muitas cascavéis.

Após a tragédia familiar, Zé conta que sofreu mais uma perda. Seu cão de estimação chamado "Real" morreu após ser picado por uma cascavel. Foi então que ele então decidiu de vez "enfrentar o mau de frente" e apreendeu capturar cobras só olhando nos olhos dos animais peçonhentos, até como forma de sublimar a dor de ter perdido a mãe e avó tão cedo e de forma trágica, segundo relato do próprio Zé Maurílio.

"Aí percebi de vez que o medo só atrapalha e comecei a capturar cascavéis, extrair o veneno e encaminhar para o Instituto Butantã, em São Paulo, onde é feito soro antiofídico. Depois o Butantã me repassa o soro, que é doado para vizinhos e para o Hospital da Providência", conta.

Mas Zé Maurílio, que é casado e tem uma filha de 18 anos que está concluindo o segundo grau, ainda teve mais dificuldade na vida. O avô dele faleceu e o sítio da família ficava circundado por uma fazenda cujo proprietário pretendia comprar o imóvel rural, mas "Zé das Cobras" não quis vendê-lo. Começava aí uma grande rixa e o fazendeiro é apontado por "Zé Maurílio" como mandante de uma "tocaia" na entrada do sítio do "encantador de serpentes", em outubro de 2007.

Na oportunidade, Zé das Cobras reagiu e entrou em luta corporal com os dois "contratados" por quem "encomendou" sua morte. Zé das Cobras conseguiu tomar a arma de fogo de um dos

algozes e atirou contra o "pistoleiro", que ficou tetraplégico. Mas o "caçador de cascavéis" acabou ferido a tiro no abdômen pelo outro participante da tocaia e precisou ser submetido a uma delicada cirurgia.

Ele se recuperou bem da lesão e três acusados pelo Ministério Público (MP) de participação na tentativa de assassinato contra Zé Maurílio já foram julgados (inclusive o tetraplégico) e condenados, o último deles a revelia, em júri popular realizado nesta semana no fórum da Comarca de Apucarana.

"SÓ QUERO LEVAR A MINHA VIDA EM PAZ"

Agora Zé das Cobras ganha a vida cuidando de lavouras e criando porcos e algumas cabeças de gado em dois sítios. "Só quero levar a minha vida em paz, junto com minha família. Meu pai errou, mas antes de morrer, depois que ele saiu da prisão, meu deu o conselho mais importante dea minha vida: "Nunca coloque bebida de álcool na boca, pois essa porcaria arruinou minha vida". Sempre lembro desse conselho e isso tem me ajudado muito a ser um homem de bem", finaliza Zé das Cobras.

Anexo 2

08/09/2016 18h49 - Atualizado em 08/09/2016 20h40

SC tem melhor Ideb no fim do ensino fundamental; ensino médio preocupa

Estado atingiu a meta proposta somente nos anos iniciais do fundamental.

Índice considera resultado em prova de desempenho e rendimento escolar.

Do G1 SC

O Ministério da Educação (MEC) divulgou nesta quinta-feira (8) [o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica \(Ideb\) 2015](#). Santa Catarina teve o melhor Ideb do país nos anos finais do ensino fundamental, com 5,1. Nos anos iniciais, o estado ficou com média de 6,3 e ultrapassou a meta estipulada, o que não ocorreu nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

O Ideb é um indicador geral da educação nas redes privada e pública, uma espécie de nota. Para chegar ao índice, o MEC calcula a relação entre rendimento escolar (taxas de aprovação, reprovação e abandono) e desempenho no Saeb/Prova Brasil aplicada para crianças do 5º e 9º ano do fundamental e do 3º ano do ensino médio.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, a meta estipulada era de 5,8 e o estado alcançou 6,3. Já para os anos finais do ensino fundamental, a meta era de 5,5 e o estado chegou a 5,1. Para os anos do ensino médio, a diferença foi de 0,9: o estado teve a nota de 3,8 e deveria alcançar 4,7. Foi o pior desempenho desde 2005.

Ensino médio preocupa
"A preocupação neste momento é com ensino médio, uma vez que não só a rede estadual mas também a rede privada de Santa Catarina não teve um bom desempenho. Nós temos uma taxa de reprovação e abandono muito elevadas, em parte em conta das consequências da transição do ensino fundamental de oito para nove anos", explica o secretário de Educação, Eduardo Deschamps.

Segundo Deschamps, nesta sexta (9) o governo já irá se reunir com parceiros para elaborar um novo modelo de ensino médio, que deve ser aplicado a partir de 2017. "Com essas ações, junto com as melhoras que tivemos no ensino fundamental II, nós temos certeza que nos próximos anos o estado de Santa Catarina deve voltar a crescer no ensino médio como cresceu no ensino fundamental", fala o secretário.

Primeiro lugar nos anos finais
Apesar de não ter alcançado a meta dos anos finais do ensino fundamental, o índice do estado neste quesito foi o maior do país. A mudança e melhora o governo atribui à extinção da progressão automática, regime sem reprovação.

"Santa Catarina apresentou uma expressiva melhora nos anos finais do fundamental. Essa etapa da educação nós tínhamos tido uma queda significativa em 2013 por conta da progressão automática, extinta pelo governo do estado em 2014. Isso fez com que nós pudessemos subir muito nessa etapa da educação catarinense, a tal ponto que Santa Catarina volta a ocupar o primeiro lugar nos anos finais", complementa Deschamps.

O que é o Ideb
O Ideb foi criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e é divulgado a cada dois anos.

Em Santa Catarina, nos anos iniciais do fundamental, somente no ano de 2005 o estado não atingiu a meta. Já com relação aos anos finais do fundamental, a meta foi batida apenas nos anos de 2007, 2009 e 2011. No ensino médio, por três vezes a meta foi superada: nos anos 2007, 2009 e 2011.

O índice é divulgado a cada dois anos e tem metas projetadas até 2021, quando a expectativa para os anos iniciais da rede estadual é de uma nota 6,0. Assim, para que o Ideb de uma escola ou rede cresça é preciso que o aluno aprenda, não repita o ano e frequente as aulas.

Origem do Ideb
O Ideb divulgado nesta quinta-feira diz respeito ao desempenho das escolas, redes, municípios, estados e Brasil em 2015. O desempenho é comparado com as metas calculadas a partir da primeira edição, em 2005, e projetadas para todas as edições futuras, até o ano de 2021.

Há um indicador calculado para cada nível do ciclo básico: o ensino fundamental I (avaliando os estudantes do 5º ano), o ensino fundamental II (avaliando os estudantes do 9º ano), e o ensino médio (avaliando os estudantes do 3º ano).

Escolas que se destacaram
O governo de Santa Catarina elencou algumas escolas estaduais que tiveram destaque no Ideb. Confira a lista

Anos Iniciais

EEB ALTAMIRO GUIMARÃES – 7,8 (Antônio Carlos)
EEB PROF LEA MARIA AGUIAR LEPPER – 7,7 (Joinville)
EEB PROF GUSTAVO AUGUSTO GONZAGA – 7,6 (Joinville)
EEB TENENTE ANSELMO JOSÉ HESS – 7,5 (Luiz Alves)
EEB BULCÃO VIANA – 7,3 (Praia Grande)
EEF GOVERNADOR LACERDA – 7,3 (Videira)
EEB DOM PEDRO II – 7,3 (Caibi)
EEB DÉLIA REGIS – 7,3 (Coronel Freitas)

Anos Finais

EEB FELICIANO NUNES PIRES - 6,3 (Florianópolis)
EEB PROF LEA MARIA AGUIAR LEPPER - 6,3 (Joinville)
EEF SAGRADO CORACAO DE JESUS - 6,2 (Canoinhas)
EEB SAO VICENTE - 6,2 (Itapiranga)
EEB SAO BENTO - 6,2 (São Bento do Sul)
EEB MADRE BENVENUTA - 6,2 (São João do Oeste)

(Fonte: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/09/sc-tem-melhor-ideb-no-fim-do-ensino-fundamental-ensino-medio-preocupa.html>)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)**

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rafaela Rebello Duarte
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 19h25 – 20h05 e 20h05 – 20h45
DATA: 26/10/16, quarta-feira

**PLANO DE AULA X
(Aulas 16 e 17)**

TEMA: O gênero notícia impressa.
OBJETIVOS
GERAL: Realizar a reescrita da notícia ¹⁸ .
ESPECÍFICOS: <ul style="list-style-type: none">• Conhecer os aspectos referentes à reescrita;• Entender que o processo de escrita não ocorre de imediato;• Perceber a importância da reescrita;• Realizar uma reescrita;• Desenvolver o trabalho em dupla; e• Ouvir, respeitar e valorizar as opiniões dos outros, revendo ou reformulando novos conceitos.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Reescrita;• Estrutura do gênero notícia escrita;• Função da notícia;• Contexto de produção; e• Marcas linguísticas.

¹⁸ Anexo 7.

METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none"> 1. As aulas serão expositivo-dialogadas; 2. Realização da chamada; 3. Primeiramente será feita uma apresentação do conteúdo da aula; 4. Depois será descrita a importância e a finalidade da reescrita dentro da estratégia da produção textual. Além disso, será mostrado como realizar a reescrita dos seus textos; 5. Feito isso, será apresentada uma relação de imagens (anexo 1) (PowerPoint) com reescritas/rascunhos de escritores e de alunos do ENEM; 6. Em seguida, solicitar-se-á aos/as alunos/as que reconstruam/reescrevam os seus respectivos textos a partir dos seus conhecimentos prévios e dos adquiridos durante a aula; 7. Os textos serão recolhidos para fins de constatação da realização da tarefa e avaliação; e 8. Considerações finais.
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco; • Caneta para quadro branco e apagador; e • Projetor para apresentação das reescritas/rascunhos de escritores e de alunos do ENEM.
AValiação
Os/As alunos/as serão avaliados/as de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula e na realização da atividade de reescrita.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<p>GERALDI, João Wanderley. Prática da Leitura de textos na escola. In: O texto na sala de aula. Org. por João Wanderley Geraldi. 2 ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.</p> <p>KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. 22. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.</p> <p>PESTANA, Fernando. A gramática para concursos públicos. 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.</p> <p>Ana Denise Silva da Rosa, Normelio Zanotto. Aplicação do gênero notícia no ensino. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. 2009</p> <p>DIVERSIDADE TEXTUAL: os gêneros na sala de aula. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.</p>

Anexo 1
IMAGENS

Quando ao futuro

- Registro dos fatos antecedentes - ^{si não começo pelo fim (1) porque preciso e para condições logo certo}

Eu já acabei de escrever o fim desta história ^{estão acrescentando apenas o começo como para título} e com certo poder esta narrativa explícita ~~de onde até sangue escarlate escreve~~ ^{A respeito do lado da história há em si alguma sutileza implícita. A que descrevi cada um ^{nos} ressonância ^{em} expli- si pois todos nós somos um ^{de um} ^{que} ^{se} ^{revela} cita mas tem também alguma sutileza implícita - a começar pelo título que é precedido por um ponto final e seguido por outro ponto final.}

Atenção, prezado tipógrafo, se isto que agora conto for jamais impresso, ponha os dois pontos ale que eu tanto preciso para delimitar a frase-título. No fim se entenderá que não se trata de capricho meu e se subordina a necessidade do delimitado. Por que se "Quando ao futuro" fosse, em vez de ponto, seguido por reticências a frase ficaria aberta ao ilimitado e à

Rascunho de A hora da estrela
Acervo Clarice Lispector Casa de Rui Barbosa

VEREDAS MORTAS

O DIABO NA RUA, NO MEIO DO REDEMOINHO

(O diabo na rua, no meio do redemoinho...)

— Os tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Andei ^{atirando em} alvo em árvore, no baixo do quintal. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Aconteceu só um bezerro: um bezerro branco, de cara estrafina, orêlhas chatas derrubadas e focinho de cachorro. Me disseram, eu não quis ver. E mais que, por defeito com que nasceu, arrebitado de beijo, figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão — determinaram era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Nem sei dono d'êle quem fôr. Vieram emprestar minhas armas, ~~pediram~~ pediram; emprestei. Não tenho abusões. O senhor tolere, isto é o sertão. Alguns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais acima adentro, êles dizem, fim de rumo, terras altas do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e Curvêlo, então, aqui não é dito sertão? Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fêchos; onde um pode torar des léguas sem topar morada de casa; e onde criminoso vive o seu cristo-jesus, arredado do arrêcho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oeste. Mas mesmo na beira d'êsse tudo dá — fazendões de fazendas, almargem de campos de bom pastar, gordas vasantes; culturas que vão de mata em mata, até ainda virgens dessas lá há. O geral corre em volta. Estes gerais são sem tamanho. Enfin, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em tôda a parte.

Do demo? ^{Não gosto.} Vou não glossar. O senhor pergunte aos vizinhos, é em falso receio, desfalam no nome d'êle — dizem só: o Benedito. Vôte, vôte! Quem muito se evita, se convive. Sentença num Aristides — existe no buritizal primeiro desta minha mão direita: chamado Vereda-da-Vaca-Manza-de-Santa-Rita — todo-o-mundo crê êle não pode passar em três lugares determinados, porque então se escuta um chorinho atrás, e uma vozinha falando: — "Eu já vou! Eu já vou!..." — que é o capirôto, o Benedito... É um Jisé Simplício, qualquer quem daqui jura que êle tem um capêta em casa, mído satanazim, prêso obrigado a ajudar em tôda ganância que executam; causa que o Simplício val em vias de completar de rico. Então, a pois dizem também, que a bêta para êle rupêia, nega de banda não deixando, quando êle quer amontar... Ainda o senhor entenda: agora mesmo, nestes dias de época, estão

Primeira página dos rascunhos de Grande Sertão Veredas – ESCREVER É REESCREVER!

Parece que dizes *It seems you are saying*
 - te amo *I love you*
 Maria *Maria*
 Na fotografia *In the photograph here* *It seems we are happy*
 Estamos *We were look in so happy* *recalls we were happy*
 Felizes *phone*
 Te ligo afobada *I call you in a haste muy loco*
 E deixo confissões *And I leave confessions to the machine*
 No gravador *In the machine*
 Vai ser engraçado *It's gonna be funny*
 Se tens um novo amor *If you got a new lover in the scene*
 Me vejo a teu lado *I see you beside me*
 Te amo? *Do I love? - I love you?*
 Não lembro *I don't remember*
 Parece dezembro *It seems like December*
 De um ano *Of a golden year* *looks like a year*
 Dourado
 Parece bolero *It's like a Bolero*
 Te quero *I want you*
 Te quero *I want you* *Te quiero*
 Dizer que não quero *I don't want you* *long*
 Teus beijos nunca mais *Your kisses never more*
 Teus beijos nunca mais *Spanish* *disappointed* *long*
 Não sei se eu ainda *talvez em letra*
 Te esqueço *talvez em letra*
 De fato *instrumental*
 No nosso retrato *I'm looking so beautiful*
 Pareço tão linda *You're looking so linda*
 Te ligo afegante *I call you I want (breakless)*
 E digo confusões *and leave (drop the) companion - to the machine*
 No gravador *to the machine*
 É desconcertante *Oh how disconcerting would be*
 Ver o grande amor *to see you love again*
 Meus olhos molhados *I see you with eyes - I see you know wet eyes*
 Insanos *I insane eyes*
 Dezembro *December*
 Mas quando me lembro *But when I*
 São anos *remember*
 Dourados *The long golden years*
 Ainda te quero *I still want you*
 Bolero, ~~nosso verso~~
 São banais *Oh how I still long for your kisses never more*
 Mas como eu espero *Oh how I still long for your kisses never more*
 Teus beijos nunca mais
 Teus beijos nunca mais

Rascunho de "Anos Dourados", de Chico Buarque e Tom Jobim

67-64
12

p. 99

10/7/1930

apareceu e desapareceu:

O pastor amoroso perdeu o cajado,
 E as ovelhas ~~trax~~malharam-se pela encosta,
 E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe *por amor*
 Ninguém lhe ~~encontrou~~... Nunca mais encontrou o cajado. *para ter*
 Outros, praguejando contra elle, recolheram-lhe as ovelhas.
 Nunca mais tocou flauta na encosta, e Ninguém o tinha amado, *afinal*
 Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
 Os grandes vallescheios ~~de verdura verde e de brilho de rio~~
 As grandes montanhas de longe, mais ricas que qualquer sentimento
 O ~~amplio~~ ~~céu~~, o sol limpo, o azul certo,
 (E de novo ar, que lhe faltara tanto tempo, lhe entrou fresco nos
 pulmões)
 E sentiu que de novo o ar ~~lhe~~ ~~abria~~ ~~uma~~ ~~frescura~~ ~~no~~ ~~peito~~.
mas com dor, *uma liberdade*

~~Mas isto era não mais do que~~
~~Um ant-esse supran-um phor-~~
~~Se eu d, na fôia z, estudo.~~

N

A grande montanha ^{limpa,} mais ^{varia} ^{verdade} ^{de} ^{sempre}
 A malidade toda, com o ^{céu} e o ^{ar} e ^{campos} que ^{existem,} ^{estão} ^{presentes.}

O pastor amoroso perdeu o cajado.: [1º v.] / [Alberto Caeiro] – Fernando Pessoa

Retirado

67-67

15

Mother Paula - a applicação local da Cruz de Guerra em brasa. (the phrase suggested by the appearance of that person in Rua dos Capellistas...)

E tudo é bello porque tu és bella
(And all looks lovely in thy loveliness)

23/7/1930. Agora que sinto amor
Tenho ~~mais~~ ^{no que devia} interesse nos perfumes.
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro.
Agora sinto o perfume das flores como uma coisa nova.
Sei bem que ellas cheiravam como sei que existia.
Mas agora sei com ~~os sentidos~~ ^{o perfume da cabeça} ~~antigamente sabia com a intelligencia, que é sempre~~

*Das coisas que se
outra perfumada
na
noiva.*

Hoje sei ~~commigo~~ ^{desse modo} as flores sabem-me bem ~~na paladar~~ ^{o que ha no cheiro}

Nem as vejo de as sentir cheirar bem, ~~e amo.~~ ^{mas sei muito}

*Hoje si vou acordar a deus o dia
antes a vida.*

(examine very carefully).

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.
Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.
Tenho alêgria e pena porque perco o que sonho
E posso estar na realidade onde está o que sonho.
Não sei o que hei de fazer das minhas sensações.
~~XXXXX~~ Não sei o que hei de ser commigo ^(hoje)
Quero que ella me diga qualquer coisa para eu acordar.

p.101

de novo.

*Quem ama é efforçado a fazer o que
E é a mesma pessoa ~~sem~~ ^{imagina}
Mas tenta ~~parar~~ ^{para a grande coisa} ~~obtida~~*

NB



Agora que sinto amor: [1º v.] / [Alberto Caeiro] – Fernando Pessoa

INTR. = FALAR SOBRE A LEI SECA E SUAS CONDIÇÕES
DES. = APRESENTAR UMA PROPOSTA
CONCLUS. = MOSTRAR OS RESULTADOS



Houve um aprimoramento nas legislações de trânsito.

Transcreva a sua redação para a Folha de Redação.

O ato de dirigir embriagado ^é ~~foi~~ ^{uma das} maiores preocupações do governo nos últimos tempos, além de alertar, fazer o cidadão saber que se ^{além disso, por se tratar de} a vida de outros cidadãos, inclusive a dele; ocorreu recentemente no Brasil ^{uma mudança} ~~em 2008~~ ^{em 2008} ~~aconteceu~~ ^{aconteceu} um ~~melhoramento~~ ^{melhoramento} nas leis, que foi preciso nos primeiros meses e anos, muitas pessoas eram presas porque ainda estavam acostumadas com ~~alcoólismo~~ ^{alcoólismo} e depois a população foi se acostumando por ~~passaram~~ ^{passaram} a saber que a intervenção do governo no aumento da rigidez nas leis era preciso, para acabar com ~~os~~ ^{os} acidentes de trânsito envolvendo álcool que eram muito ^{muito}. Cabe a nós cidadãos obedecer as leis e incentivar o uso de políticas benéficas para a sociedade em geral, incluindo ~~que~~ ^{que} o respeito à lei seca.

Quando o governo precisa implantar políticas de conscientização, nos lugares onde as pessoas frequentam ~~os~~ ^{os} locais, como por exemplo, o que acontece nas redes sociais, jovens trocando mensagens com colegas para saber onde tem fiscalização para ~~se~~ ^{se} evitar delas, seria preciso de uma política de conscientização desses jovens para fazê-los ter perspectiva para o futuro e responsabilidade para com os ~~outros~~ ^{outros} cidadãos.

Hoje em dia acontece mais acidentes de trânsito envolvendo álcool com pessoas mais jovens, e as políticas de conscientização deveriam acontecer no lugar onde essas pessoas costumam estar antes de tomar a decisão de ir de taxi, amigos, ou o próprio carro para casa. A sociedade precisa passar o exemplo a essas pessoas.

Como acontece com as cartilhas de cigarros há algum tempo, aqui no Brasil, seria necessário a implantação de leis para ~~obrigar~~ ^{obrigar} as fábricas de bebidas alcoólicas colocarem avisos, inclusive com cenas de acidentes ~~em~~ ^{em} empacotes de bebidas.

EVERSON AZEVEDO

Os perfis nas redes sociais são construídos na construção das identidades de seus usuários, através da interação no âmbito virtual e possível expandir o raio de alcance na propagação das ideias cujo elemento pode ser qualquer sujeito, disposto a tornar pública sua consideração em rede, não importante seu teor. Com essa democratização a revista o conceito de coletividade; ao passo que novos formadores de opinião são criados, a autonomia e o senso crítico ganham outros contornos acompanhados da incerteza sobre os limites entre o público e o privado. Ao optar pela exposição o julgamento de uma leição de desconhecidos torna-se inevitável e a reputação seja de pessoa física ou jurídica pode estar fadada a ruína em questão de horas. As etiquetas morais e éticas não estão suspensas no ciberespaço, contudo o anonimato oferecido causa a falsa impressão de impunidade deixando todo um

1 O perfil nas redes sociais são construídos na construção das identidades
2 de seus usuários, através da interação no âmbito virtual e possível expandir o raio de alcance na propagação das ideias cujo elemento pode ser qualquer sujeito, disposto a tornar pública sua consideração em rede, não importante seu teor. Com essa democratização a revista o conceito de coletividade; ao passo que novos formadores de opinião são criados, a autonomia e o senso crítico ganham outros contornos acompanhados da incerteza sobre os limites entre o público e o privado. Ao optar pela exposição o julgamento de uma leição de desconhecidos torna-se inevitável e a reputação seja de pessoa física ou jurídica pode estar fadada a ruína em questão de horas. As etiquetas morais e éticas não estão suspensas no ciberespaço, contudo o anonimato oferecido causa a falsa impressão de impunidade deixando todo um

3 ~~Os perfis nas redes sociais são construídos na construção das identidades~~
4 ~~de seus usuários, através da interação no âmbito virtual e possível expandir o raio de alcance na propagação das ideias, cujo elemento pode ser qualquer~~
5 ~~sujeito, disposto a tornar pública sua consideração em rede. Com essa democratização~~
6 ~~o conceito de coletividade; ao passo que novos formadores de opinião são criados,~~
7 ~~a autonomia e o senso crítico ganham outros contornos acompanhados da incerteza sobre os limites entre~~
8 ~~o público e o privado. Ao optar pela exposição, o julgamento de uma~~
9 ~~leição de desconhecidos torna-se inevitável e a reputação seja de pessoa física ou jurídica~~
10 ~~podem estar fadada a ruína em questão de horas.~~
11 ~~As etiquetas morais e éticas não estão suspensas no ciberespaço, contudo~~
12 ~~o anonimato que oferecido causa a falsa impressão de impunidade deixando todo um~~
13 ~~raio de colunidades extasiadas com a possibilidade de expor~~
14 ~~seus alvos ao escárnio, essa atitude pode ser premeditada quando agindo~~
15 ~~de má fé. Alguns usam imagens de outros sem a devida permissão.~~
16 ~~De qualquer modo, o famoso trecho de "O pequeno príncipe" talvez~~
17 ~~seja mais sentido se adequados em 140 caracteres:~~
18 ~~"Tu te tornas eternamente responsável pelo que publicas"~~
19 ~~Um sujeito usa deliberadamente a imagem de outros sem a~~
20 ~~devida permissão (continua...) De colunidades extasiadas com a possibilidade~~
21 ~~de expor seu alvo ao escárnio, essa atitude pode ser premeditada quando~~
22 ~~agindo de má fé. Um indivíduo usa deliberadamente a imagem de outros sem~~
23 ~~a devida permissão. Assim, o famoso trecho de "O pequeno príncipe" foi~~
24 ~~mais sentido se adequados em 140 caracteres:~~
25 ~~"Tu te tornas eternamente responsável pelo que publicas"~~

para além de avatares

Redação do ENEM.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

<p>UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rafaela Rebello Duarte DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA TURMA: 392 CARGA HORÁRIA: 1 hora/aula (40 min.) HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 DATA: 27/10/16, quinta-feira</p>
--

PLANO DE AULA XI
(Aula 18)

TEMA: O gênero notícia impressa.
OBJETIVOS
GERAL: Retomar e realizar exercícios de análise linguística
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Despertar para a organização interna de um parágrafo;• Escrita;• Perceber os elementos de coesão e coerência;• Desenvolver o trabalho em dupla; e• Ouvir, respeitar e valorizar as opiniões dos outros, revendo ou reformulando novos conceitos.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Estrutura do parágrafo; e• Marcas linguísticas.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none">1. As aulas serão expositivo-dialogadas;2. Realização da chamada;3. Será feita uma apresentação do conteúdo da aula;

4. Na sequência será proposta a seguinte atividade: Os/As alunos/as receberão dois parágrafos de duas notícias (Anexo 1), previamente selecionados, com a ordem das sentenças/períodos misturadas. A partir disso, os alunos serão instruídos a enumerar a ordem correta do parágrafo 1 e do parágrafo 2, de modo a formar dois parágrafos coesos e coerentes;
5. Feito isso, os/as alunos/as deverão reescrever os parágrafos. Depois disso, aleatoriamente, uma das duplas fará a leitura dos parágrafos para correção com a turma e explicarão os motivos de suas escolhas;
6. A atividade será recolhida para fins de constatação da realização da tarefa e avaliação; e
7. Considerações finais.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco e apagador;
- Fotocópias com os exercícios; e
- Folha A4.

AValiação

Os/As alunos/as serão avaliados/as de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula e na realização da atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERALDI, João Wanderley. **Prática da Leitura de textos na escola**. In: O texto na sala de aula. Org. por João Wanderley Geraldi. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

Ana Denise Silva da Rosa, Normelio Zanotto. **Aplicação do gênero notícia no ensino**. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. 2009

DIVERSIDADE TEXTUAL: **os gêneros na sala de aula**. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Anexo 1

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
ALUNA/O: _____

EXERCÍCIOS

- 1º) Enumere a ordem das sentenças de modo a organizar o parágrafo na ordem adequada.
- 2º) Reescreva o parágrafo conforme a ordem da numeração.

Autoridades desconhecem motivo de ataque em NY

Todos os 29 feridos já foram liberados dos hospitais

- () Não sabemos se teve uma motivação política ou se foi uma motivação pessoal", disse De Blasio.
- () Até o momento, descartam-se os vínculos internacionais.
- () "Não sabemos a motivação, não sabemos sua natureza.
- () As autoridades investigam como um "ato terrorista" o ataque com explosivos que deixou 29 feridos neste sábado em Nova York, dos dias antes da abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas.
- () "Todas as teorias sobre o que ocorreu e suas conexões serão analisadas, mas ainda não temos evidência concreta", acrescentou o prefeito.
- () Em coletiva de imprensa, o prefeito de Nova York, Bill de Blasio, disse que ainda não se sabe o motivo do ataque.

(Adaptado.

Fonte:

<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Internacional/2016/09/598115/Autoridades-desconhecem-motivo-de-ataque-em-NY>)

O mau uso microfone não pode matar o jornalismo

Por Eduardo Silveira de Menezes

- () Com o aparecimento da pólvora, ainda no século IX, tiveram origem os primeiros artefatos capazes de lançar projéteis em direção a um alvo específico.
- () As chamadas “armas de fogo” foram inventadas com um único objetivo: matar!
- () Não há outra finalidade para o uso de um revólver.
- () É completamente diferente de outros objetos que, embora possam causar a morte, não foram criados para tal fim.
- () Quando alguém diz, por exemplo, que o carro é “uma arma”, está se referindo à possibilidade da sua utilização inadequada levar à morte.
- () Com o uso irresponsável do microfone ocorre situação semelhante.
- () A diferença é que o desastre provocado por um discurso que incite a violência, na mídia, pode causar danos de proporções muito maiores do que um acidente de trânsito.

(Adaptado. Fonte: <http://www.sul21.com.br/jornal/o-mau-uso-microfone-nao-pode-matar-o-jornalismo/>)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
AUXILIARES: Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05
DATA: 1º/11/16, terça-feira

PLANO DE AULA XII
(Aulas 19 e 20)

TEMA: Gênero crônica.
OBJETIVOS
GERAL: Identificar as características do gênero crônica.
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Verificar o conhecimento prévio dos(as) alunos(as) com relação ao gênero crônica;• Ler uma crônica;• Saber em quais espaços circula o gênero crônica;• Exercitar a oralidade em situação de interação na sala de aula;• Perceber elementos gramaticais presentes na crônica;• Debater sobre o que foi lido e as características estruturais do gênero lido; e• Apresentar definição e características do gênero crônica.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Gênero crônica;• Leitura;• Estrutura e características do gênero crônica; e• Os 4 tipos de porquês da Língua Portuguesa (Porque, Por que?, Porquê, Por quê?).
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none">1. As aulas acontecerão na própria sala de aula e serão expositivo-dialogadas.2. Chamada;3. Escutar o conhecimento prévio dos(as) alunos(as) sobre o gênero crônica: **O que é uma

<p>crônica? ** Quem já ouviu esta palavra? **Vocês já leram e se lembram de alguma em especial? **Onde costuma circular este gênero? **Conhecem algum autor específico?</p> <ol style="list-style-type: none"> Os estagiários auxiliares distribuirão cópias da crônica “Os porquês” (Anexo 1) para que os(as) alunos(as) possam fazer uma leitura silenciosa; Em seguida, a professora estagiária solicitará que um aluno inicie a leitura em voz alta. Cada aluno lerá uma pequena parte do texto. O(A) aluno(as) que se opor será avisado(a) sobre sua nota de participação; Ao final da leitura, haverá uma breve discussão sobre o que foi lido, a partir de perguntas feitas oralmente: **Do que trata o texto? **Quais foram as diferenças que vocês observaram com relação ao gênero notícia já estudado? **Vocês utilizam os 4 porquês citados na crônica lida? **Já pesquisaram quais as diferenças entre eles?; Acredita-se que surgirão dúvidas a respeito do tema da crônica lida: os modos de empregar os porquês. Caso não surjam, a professora estagiária fará perguntas sobre os modos de utilização, a fim de que eles resgatem o que foi lido na crônica (p. 30); e Em seguida, a professora estagiária elencará em tópicos características (Anexo 2) do gênero crônica no quadro, e os(as) alunos(as) deverão copiar nos seus cadernos.
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco; • Caneta para quadro branco e apagador; e • Fotocópias do texto que será lido.
AVALIAÇÃO
Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com a participação em sala de aula e concentração nas leituras solicitadas.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<p>RAMIL, Kledir. Os porquês. In: _____. Crônicas para se ler na escola. Seleção de Regina Zilberman. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.</p> <p>AMARAL, Heloísa. O gênero textual crônica. In: Revista Ponta do Lápis. Ano IV, n. 10. p. 12-17, dez/2008. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/979/NPL10.pdf>. Acesso em: 15 set. 2016.</p>

ANEXOS

Anexo 1

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

Os porquês

Nunca entendi por que existem tantos porquês na escrita da língua portuguesa. São quatro. “Porque”, “porquê”, “por que” e “por quê”.

Dá pra entender? Pois é, eu também acho um exagero. Quando criança, devo ter faltado à aula sobre esse tema e o resultado é que continuo cometendo erros, sem saber direito o porquê dos porquês.

Em inglês, por exemplo, é muito fácil reconhecer a diferença entre *why* e *because*. Uma serve para interrogação, outra para afirmação. Os franceses também usam palavras distintas para perguntar e responder: *pourquoi* e *parce que*.

Hoje em dia, como muitos escritores, me benefico da vantagem do corretor ortográfico do computador e, na hora de publicar, conto com a ajuda dos revisores, esses anjos da guarda que limpam as besteiras que a gente faz com as regras da “última flor do Lácio, inculta e bela”.

Envergonhado de ser corrigido o tempo todo por meus deslizes, resolvi abrir o empoeirado livro de gramática que dormia na prateleira e cheguei a algumas conclusões. Resolvi anotar pra não esquecer:

Porque — é uma conjunção, serve para ligar duas orações.

Porquê — é um substantivo e deve ser usado quando você precisa explicar a razão, o motivo, “o porquê” das coisas.

Por que — escreve-se separado quando o “que” tem função de pronome. Em geral, é usado no sentido de “pelo qual” ou “por que razão”.

Por quê — sempre que estiver em um final de frase, o “quê” deve ser acentuado.

Acho que é isso. Vou fazer uma cola e carregar no bolso.

Cada vez que cometo um erro dessa natureza, fico pensando que o professor de português deveria ter sido mais rigoroso comigo. Deveria ter me batido com a régua nos dedos e me colocado de castigo, de joelhos em cima de grãos de milho, no canto da sala. Com um cone de papel enfiado na cabeça. Talvez assim eu tivesse aprendido a matéria.

Atualmente, o mundo está bem melhor e os jovens têm a oportunidade de aprender com mais leveza. A pedagogia tem evoluído, com métodos cada vez mais eficientes e didáticos. E, graças a Deus, as punições para esse tipo de infração gramatical são mais civilizadas.

Mesmo que minhas bobagens continuem sendo corrigidas pelo olhar atento dos revisores, por iniciativa própria comprei um caderno de rascunho e preenchi cada linha com a seguinte anotação:

“Já sei por que os porquês são quatro. É porque a língua fica mais rica. Entendeu por quê?”

Kledir Ramil

RAMIL, Kledir. Os porquês. In: _____. **Crônicas para se ler na escola**. Seleção de Regina Zilberman. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

Anexo 2

CRÔNICA

- A palavra CRÔNICA vem do grego “KHRÓNOS”, que significa tempo;
- É um gênero que existe desde a Idade Antiga e vem se transformando ao longo do tempo;
- Os primeiros cronistas relatavam os acontecimentos históricos, relacionados a reis, imperadores, generais, etc.;
- Hoje, registram a vida social e a política, numa linguagem e estilo mais sérios; e os costumes e o cotidiano, numa linguagem mais do dia a dia, mais simples; e
- Utiliza-se nas narrativas 1ª ou 3ª pessoa, quase sempre como quem conta um caso.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
AUXILIARES: Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 1 hora/aula (40 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25
DATA: 3/11/2016, quinta-feira

PLANO DE AULA XIII
(Aula 21)

TEMA: Gênero crônica
OBJETIVOS
GERAL: Retomar os aspectos estruturais e característicos do gênero crônica
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Retomar as características da crônica e os aspectos estruturais do gênero; e• Sortear ou escolher com os(as) próprios(as) alunos(as), a depender do envolvimento da turma, cinco notícias escritas e reescritas em aulas anteriores.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Gênero crônica.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none">1. As aulas serão expositivo-dialogadas;2. Chamada¹⁹;3. Serão retomados o gênero crônica e seus aspectos estruturais e característicos; e4. Antes do término da aula, a professora estagiária, juntamente com os estagiários auxiliares, fará o sorteio das cinco notícias que serão expostas no colégio, por meio de votação dos(as) alunos(as) ou um sorteio.

¹⁹ Os professores auxiliares passarão uma lista para os(as) alunos(as) assinarem para otimizar o tempo.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco e apagador; e
- Notícias dos(as) alunos(as) já corrigidas pelos professores estagiários.

AVALIAÇÃO

Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Heloísa. O gênero textual crônica. In: **Revista Ponta do Lápis**. Ano IV, n. 10. p. 12-17, dez/2008. Disponível em: <
<https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/979/NPL10.pdf>>.
Acesso em: 15 set. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
AUXILIARES: Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05
DATA: 8/11/16, terça-feira

PLANO DE AULA XIV
(Aulas 22 e 23)

TEMA: Gênero crônica e preconceito linguístico
OBJETIVOS
GERAL: Realizar uma produção textual – gênero crônica ²⁰ .
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Apresentar o vídeo sobre preconceito linguístico: “Preconceito e a língua que falamos: Linguística para leigos”;• Colocar em prática os conhecimentos sobre o gênero crônica, realizando uma produção textual deste gênero.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Gênero crônica; e• Preconceito linguístico.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none">1. As aulas acontecerão na sala de aula e serão expositivo-dialogadas;2. Chamada;3. Apresentação do vídeo “Preconceito e a língua que falamos: Linguística para leigos”;4. Em seguida, haverá uma discussão sobre o vídeo assistido; e5. A professora estagiária pedirá aos(às) alunos(as) que façam uma produção textual

²⁰ Anexo 8.

de uma crônica, a qual será sobre os temas já estudados até aqui, ou seja, variação linguística e/ou preconceito linguístico. Os(As) alunos(as) escolherão se vão escrever por meio de ficção ou experiências próprias.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco e apagador;
- Data-show;
- Computador; e
- Folhas A4 para produção textual.

AVALIAÇÃO

Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula e na atividade proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Heloísa. O gênero textual crônica. In: **Revista Ponta do Lápis**. Ano IV, n. 10. p. 12-17, dez/2008. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/979/NPL10.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

Preconceito e a língua que falamos: Linguística para leigos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hfpfFQ_NVgg>. Acesso em: 18 set. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

<p>UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rogerio Cruz Pereira DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA TURMA: 392 CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.) HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19:25 – 20:05 DATA: 9 de novembro – Quarta-feira</p>

PLANO DE AULA XV
(Aulas 24 e 25)

TEMA: Análise Linguística a partir da produção escrita dos alunos, baseada no gênero crônica.
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none">• GERAL: Capacitar o aluno à boa composição textual, no que tange a aspectos linguísticos.
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Explicar o uso inadequado de construções sentenciais feitas pelos alunos;• Compreender os usos linguísticos que mais se mostrarem inadequados; e• Refletir sobre as construções sentenciais feitas pelos alunos.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Conhecimento de aspectos linguísticos na produção de textos; e• Formação de sentenças em relação à coesão e coerência.
METODLOGIA

- 1. Será feita a chamada;
2. Será escrito no quadro alguns trechos dos textos produzidos pelos alunos;
3. Baseado nas produções textuais dos alunos, os desvios gramaticais mais recorrentes serão analisados. Supondo que seja a questão de sujeitos sentenciais, por exemplo, a Professora (estagiária) explicará aspectos gramaticais sobre as formas de realização dos sujeitos e suas respectivas funções nas sentenças;
4. Em seguida, a professora distribuirá o conto “Furto da Flor” de Carlos Drummond de Andrade aos alunos (Anexo 1);
5. Eles farão uma leitura silenciosa atentando ao que foi explicado anteriormente sobre sujeitos sentenciais; e
5. A Professora (estagiária) utilizará o quadro branco para explicar aos alunos como as realizações de sujeito aconteceram no texto e quais os mecanismos que o autor usou para explicitar isso.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco e apagador; e
- Gramáticas: Rocha Lima, Cunha e Cintra, Perini.

AVALIAÇÃO

- Participação e interação do aluno com a atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Contos Plausíveis**. Rio de Janeiro, 1981.

COELHO, Izete. GÖRSKI, Edair. **Variação Linguística e Ensino de Gramática**. Revista Working Papers. Florianópolis, 2009.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de Gramática: descrição e uso**. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rafaela Rebello Duarte
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 1 hora/aula (40 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25
DATA: 10/11/16, quinta-feira

PLANO DE AULA XVI
(Aula 26)

TEMA: O gênero crônica.
OBJETIVOS
GERAL: Realizar a reescrita da crônica ²¹ .
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Revisar e reescrever um texto;• Demonstrar conhecimento dos mecanismos da reescrita;• Utilizar adequadamente os elementos gramaticais;• Formular novas possibilidades para o texto;• Reforçar o conhecimento do gênero trabalhado; e• Ouvir, respeitar e valorizar as opiniões dos outros, revendo ou reformulando novos conceitos.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Recursos linguísticos;• Gênero textual;• Coesão e coerência;• Marcas linguísticas;• Ortografia; e

²¹ Anexo 9

<ul style="list-style-type: none"> • Oralidade.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none"> 1. As aulas serão expositivo-dialogadas; 2. Realização da chamada; 3. Será feita uma apresentação do conteúdo da aula; 4. Na sequência, será transcrita no quadro a finalidade da aula; 5. Logo em seguida, solicitar-se-á aos/as alunos/as que reescrevam/reconstruam os seus respectivos textos a partir dos seus conhecimentos prévios e dos adquiridos durante as aulas anteriores; 6. Feito isso, a atividade será recolhida para fins de constatação da realização da tarefa e avaliação; e 7. Considerações finais.
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco; • Caneta para quadro branco e apagador; e • Folha A4.
AValiação
Os/As alunos/as serão avaliados/as de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula e na realização da atividade.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<p>GERALDI, João Wanderley. Prática da Leitura de textos na escola. In: O texto na sala de aula. Org. por João Wanderley Geraldi. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.</p> <p>KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. 22. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.</p> <p>PESTANA, Fernando. A gramática para concursos públicos. 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.</p> <p>Ana Denise Silva da Rosa, Normelio Zanotto. Aplicação do gênero notícia no ensino. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. 2009</p> <p>DIVERSIDADE TEXTUAL: os gêneros na sala de aula. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1ª. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.</p>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rafaela Rebello Duarte
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05
DATA: 16/11/16, quarta-feira

PLANO DE AULA XVII
(Aulas 27 e 28)

TEMA: O gênero notícia impressa e crônica.
OBJETIVOS
GERAL: Revisão dos gêneros notícia impressa e crônica, além de rever aspectos de variação linguística e de preconceito linguístico ²² .
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Revisar o gênero notícia;• Revisar o gênero crônica;• Perceber relações entre os gêneros estudados;• Reforçar os conhecimentos sobre variação linguística;• Reforçar os conhecimentos sobre preconceito linguístico;• Preparar os alunos para a avaliação; e• Ouvir, respeitar e valorizar as opiniões dos outros, revendo ou reformulando novos conceitos.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Leitura e escrita;• Estrutura do gênero notícia escrita;

²² Anexos 10 e 11

<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura do gênero crônica; • Variação linguística; • Preconceito linguístico; e • Marcas linguísticas.
METODOLOGIA
<ol style="list-style-type: none"> 1. As aulas serão expositivo-dialogadas; 2. Realização da chamada; 3. Será feita uma apresentação do conteúdo da aula; 4. Na sequência, será transcrita no quadro a finalidade da aula; 5. Logo em seguida, será entregue aos/às alunos/as um resumo sobre os gêneros notícia e crônica, além dos aspectos da variação linguística e do preconceito linguístico; 6. O professor realizará juntamente com os alunos uma leitura desse resumo, com o objetivo de perceber dos/as alunos/as os conhecimentos por eles/as retidos; 7. Finalizada essa parte inicial, será distribuído para os/as alunos um conjunto de exercícios (Anexo 1) de fixação dos assuntos abordados na aula. Com os exercícios serão entregues uma notícia e uma crônica (anexo 2 e 3) para serem utilizadas no exercício de fixação; 8. Feito isso, a atividade será recolhida para fins de constatação da realização da tarefa e avaliação (participação); e 9. Considerações finais.
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro branco; • Caneta para quadro branco e apagador; e • Folha A4.
AValiação
Os/As alunos/as serão avaliados/as de acordo com as suas respectivas participações em sala de aula e na realização da atividade.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<p>GERALDI, João Wanderley. Prática da Leitura de textos na escola. In: O texto na sala de aula. Org. por João Wanderley Geraldi. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.</p> <p>KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.</p> <p>PESTANA, Fernando. A gramática para concursos públicos. 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.</p>

Ana Denise Silva da Rosa, Normelio Zanotto. **Aplicação do gênero notícia no ensino.** Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. 2009

DIVERSIDADE TEXTUAL: os gêneros na sala de aula. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Anexo 1

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
ALUNA/O: _____

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. Com base nas aulas ministradas e nos seus conhecimentos, escreva o que você entende por Variação Linguística.
2. Descreva três formas de manifestação do Preconceito Linguístico.
3. Após a leitura da notícia **Médico debocha de paciente na internet: “Não existe pleumonia”**, preencha o quadro abaixo:

	NOTÍCIA
O QUÊ?	
QUEM?	
QUANDO?	
ONDE?	
COMO?	

4. Transcreva o texto do LEAD/parágrafo guia.
5. Após a leitura da crônica **Desafiando a sorte, de Luis Fernando Veríssimo**, responda qual é o tema.
6. Onde costumam ser veiculadas as crônicas?

Anexo 2

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392

29/07/2016 12h56 - Atualizado em 30/07/2016 10h43

Médico debocha de paciente na internet: 'Não existe pleumonia'

Médico e duas funcionárias foram afastados após postagem em rede social. Guilherme Capel disse que não teve intenção de ofender e pediu desculpas.

Renata Victal Do G1 Campinas e Região

Um médico plantonista no Hospital Santa Rosa de Lima, em [Serra Negra](#) (SP), foi afastado do trabalho após ter uma foto sua publicada numa rede social com o título “Uma imagem fala mais que mil palavras”. Na foto, Guilherme Capel Pasqua mostra o receituário médico com o seguinte dizer: “Não existe pleumonia e nem raôxis”.



Médico também comentou na foto (Foto: Reprodução/internet)

Vinte minutos antes da postagem, na quarta-feira (27), o médico havia atendido o mecânico José Mauro de Oliveira Lima, 42 anos, que estudou até o segundo ano do ensino fundamental e não sabe como falar corretamente algumas palavras.

Seu enteado, o eletricista Claudemir Thomaz Maciel da Silva, de 25 anos, o acompanhava na consulta e revela que, assim que souberam o diagnóstico, o mecânico perguntou sobre o tratamento para a "peleumonia". A reação do médico não foi muito profissional, afirma Claudemir.

"Quando meu padraço falou pneumonia e raios X de forma errada, ele deu risada. Na hora, não desconfiamos que ele iria debochar depois na internet. O que ele fez foi absurdo. O procurei e escrevi para ele na rede social que, independente dele ser doutor, não existe faculdade para formar caráter. Assim que ele viu minha postagem, apagou a foto. Ele não quis conversar com a gente", diz Claudemir.

O eletricista conta que o padraço ainda não sabe que virou assunto na internet e teme pela reação dele. Claudemir diz que o mecânico não pôde estudar por falta de dinheiro.

"Meu padraço não sabe falar direito porque não teve estudo. Ele vai ficar muito triste quando souber o que aconteceu, estamos evitando contar, mas ele vai acabar descobrindo. Ele trabalhava como cozinheiro aqui em Serra Negra e depois se tornou mecânico. Lembro que ele estudava, mas precisou abandonar as aulas para cuidar de mim. Tive tuberculose aos dois anos e, nessa época, ou ele estudava ou pagava meus remédios", lembra.



Funcionárias do hospital também criticaram os pacientes (Foto: Reprodução/internet)

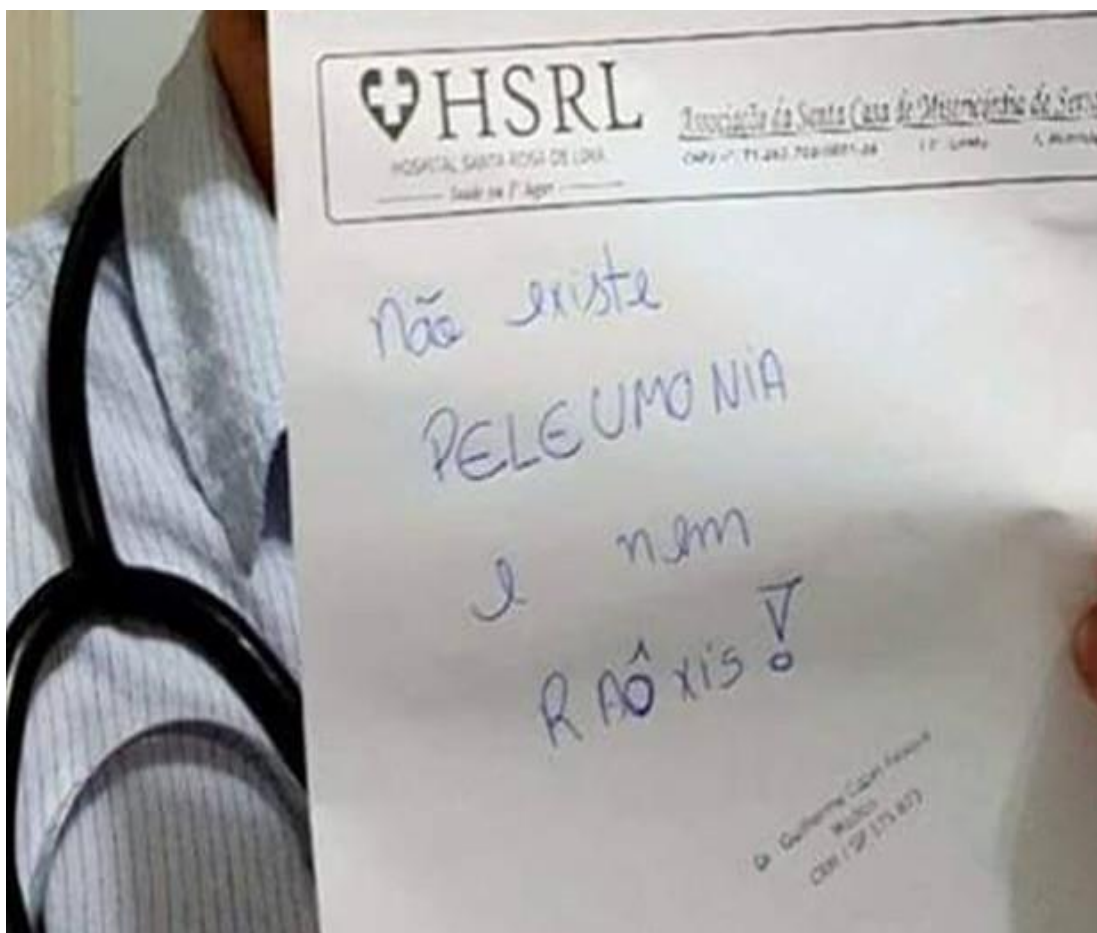
Indignação

Outros parentes e amigos da família ficaram indignados com a postagem do médico e começaram a reproduzir a foto.

"Não podemos aceitar esse tipo de pessoa se julgando melhor do que outras pessoas que estão convalescente e não teve a mesma escolaridade que um cidadão que se julga melhor que outros seres humanos por causa de seu diploma, volta pra sua faculdade e aprende um pouco mais sobre Ética e cidadania (sic)", reclamou um morador.

"Os pacientes têm que ser tratados com respeito, poderia ter sido com alguém da minha família. As pessoas não têm obrigação de saber falar direito, na maioria das vezes, são pessoa humildes, com dor e não estão preocupadas se estão falando certo ou errado", disse outra pessoa.

As críticas foram ainda direcionadas a outras duas funcionárias do hospital que, assim como o médico, debocharam da forma como os pacientes costumam falar na unidade. Uma das funcionárias postou: "Tira minha pressão? Porque eu tenho tiroide". Assim como o médico, elas também foram afastadas.



No receituário do hospital, o deboche com a forma de falar de um paciente (Foto: Reprodução/internet)

Sindicância

Formado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), o médico disse à **EPTV** que não teve intenção de ofender e pediu desculpas aos que falam peleumonia ou raôxis. Ele acredita que é o contexto social que define as regras do português.

Disse também que não estava trabalhando no momento e que fazia uma brincadeira entre os médicos que tem um grupo em rede social e que vai processar quem postou a foto.

O Conselho Regional de Medicina de [São Paulo](#) (Cremesp) informou que vai instaurar uma sindicância para avaliar a conduta do médico.

FAA - Ficha de Atendimento Ambulatorial

Unidades de Saúde: Saúde Saúde II Saúde III Saúde IV

Município nº: 49

Ordem nº: 49

Clínica Pediatria Cirurgia Ortopedia G.O. Emergência

Controle de Atendimento: Data: 14/07/14 Hora: 14h30

Precedência: SIMU Acatado Recusado Fatura espontânea

Examinado pelo US

Identificação do Paciente

RG/RN: _____ Cartão SUS:

Nome do Paciente: Raynara de Oliveira Cruz

Idade: 19 Data de Nascimento: 1.6.95 Sexo: Feminino Masculino

Nome do responsável: _____ CPF: 11720-2637

Endereço: R. 9 de Julho n.º 428

Data: _____ Município: _____

Classificação de risco: Baixo Médio Alto Muito Alto

Atividade Clínica: (folha de ocupação)

Atividade Clínica: _____

Atividade Clínica: _____

Atividade Clínica: _____

Atividade Clínica: _____

Atividade Clínica: _____

Atividade Clínica: _____

Atividade Clínica: _____

Prescrição de Medicamentos	Atividade da Administração	Identificação da Enfermagem
<u>Medi PA</u>		

Assinatura do médico: Raynara de Oliveira Cruz

Ficha médica apresentada em unidade de saúde de Sumaré (Foto: Reprodução EPTV)

(Adaptado. Fonte: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peleumonia.html>)

Anexo 3

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

Desafiando a sorte

Já se disse da mistura e da quantidade de raças que se vê na Inglaterra, por exemplo, que são os filhos bastardos do império inglês, na metrópole para reclamar sua parte da herança

por ARTIGO - LUIS FERNANDO VERISSIMO

09/01/2014 0:00

Uma pessoa que nasce pobre, num dos chiqueiros do mundo, com pouca perspectiva de sobreviver, o que dirá de melhorar de vida, tem todo o direito de pensar que a sorte (ou Deus, ou que nome tenha o responsável pela sua sina) lhe foi cruel. E de assumir sua própria biografia, já que o destino que lhe foi reservado de nascença claramente não serve. Como um dos despossuídos da Terra, só tem duas opções: resignação ou fuga. Fatalismo ou revolta. Aceitar ou rejeitar sua sina. E literalmente desafiar a sua sorte.

Assim essas cenas que se vê, de barcos precários lotados de imigrantes ilegais da África arriscando a vida para chegar à Europa, ou mexicanos sendo caçados na fronteira ao tentar entrar ilegalmente nos Estados Unidos, entre outras imagens de desumanidade e desespero, são cenas de uma tragédia recorrente e sem solução, mas uma tragédia com mais significados do que os que aparecem. Representam graficamente, didaticamente, a desigualdade entre nações pobres e ricas, que seria apenas outro fatalismo irredimível se a desigualdade não fosse deliberada, cultivada por nações ricas que muitas vezes estão na origem histórica da miséria dos pobres. E tem este outro significado, o de cada refugiado da sua sina representar um indivíduo em revolta contra o acaso que determinou que vida ele teria. São pessoas de posse da sua própria biografia, desafiando a ideia de que o destino de cada um está preordenado, na geografia ou nos astros.

A maioria dos que desafiam a sorte e conseguem chegar onde queriam continua a padecer. Transformam-se em problemas sociais no país de destino, sofrem com a hostilidade e o racismo e a falta de oportunidades. Mas o importante é que passaram pelas barreiras: a da sua origem na miséria e a barreira maior que separa o mundo rico do mundo pobre. Mesmo os que não conseguiram ser mais do que vendedores de bolsas Vuitton falsificadas na calçada, são símbolos de uma vitória. Já se disse da mistura e da quantidade de raças que se vê na Inglaterra, por exemplo, que são os filhos bastardos do império inglês, na metrópole para reclamar sua parte da herança. O normal é que imigrantes legais ou ilegais, na Europa e nos Estados Unidos, continuem deserdados. Mas pelo menos não é mais uma sina.

Luis Fernando Verissimo é escritor

(Adaptado. Fonte: <http://oglobo.globo.com/opiniao/desafiando-sorte-11247259>)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

<p>UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rogerio Cruz Pereira DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA TURMA: 392 CARGA HORÁRIA: 1 hora/aula (40 min.) HORÁRIOS: 18h45 – 19h25. DATA: 17 de novembro – Quinta-feira</p>
--

PLANO DE AULA XVIII
(Aula 29)

TEMA: Avaliação ²³
OBJETIVOS
GERAL: Verificar o que foi compreendido do tema variação linguística e gêneros textuais.
ESPECÍFICO: <ul style="list-style-type: none">• Avaliar o conceito crítico do aluno em torno do que foi trabalhado;• Observar quais questões ficaram pendentes;• Analisar o processo de ensino aprendizagem do aluno;• Averiguar falhas e acertos na proposta do projeto;• Integrar os temas propostos, variação linguística e gênero textual; e• Possibilitar ao aluno aplicar o que foi ensinado sobre língua e gênero textual.
CONHECIMENTOS ABORDADOS
<ul style="list-style-type: none">• Variação linguística;• Preconceito linguístico;• Normas gramaticais;• O gênero notícia; e• O gênero crônica.

²³ Anexo 12

METODOLOGIA
<ul style="list-style-type: none"> • A prova será em dupla, porém, cada aluno será responsável por sua prova.
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Cópias xerocadas.
AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Será aplicada uma prova com o objetivo de verificar o quanto os/as alunos/as internalizaram os conhecimentos abordados.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre, ARTMED, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebello Duarte
AUXILIARES: Laís Cristina Oliveira Afonso e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: 9º ano do Ensino Fundamental - EJA
TURMA: 392
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20:05
DATA: 22 de novembro – Terça-feira

PLANO DE AULA XIX
(Aulas 30 e 31)

TEMA: Feedback do projeto, devolução das atividades e entrega das notas²⁴.

OBJETIVOS

GERAL: Devolução das atividades e ouvir o feedback dos alunos sobre o projeto.

ESPECÍFICO:

- Ouvir o relato da classe em relação à experiência do projeto docência.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

- A prática de ensino dos estagiários.

METODOLOGIA

1. A chamada será feita por meio de lista;
2. Serão devolvidas as atividades feitas pelos alunos;
3. Refletir sobre o estágio e sua proposta; e
4. Socialização:
 - * Em um primeiro momento, serão entregues aos alunos as produções de crônicas feitas por eles, organizadas e encadernadas. Todos os alunos assinarão o livro. Nesse momento, haverá o feedback por parte dos alunos e dos estagiários em relação ao projeto docência.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco e caneta para quadro branco.

AVALIAÇÃO

- Aula de integração.

²⁴ Anexo 13.

2. 11. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA

2.11.1. Relato das aulas da estagiária Laís

1ª e 2ª aulas – 04/10/2016 (terça-feira)

Horário: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05

Logo após a professora Myriam informar a turma que o projeto dos estagiários da UFSC teria o seu início naquele dia, a estagiária Laís fez a chamada da turma. Finalizada a chamada, ela apresentou novamente os estagiários para a turma. Feitas as apresentações, foi realizada a apresentação/leitura do projeto, juntamente com o cronograma das aulas, este foi entregue para cada aluno e aluna. Na sequência, conforme apresentado no projeto, realizou-se o sorteio e a formação das duplas de estudos, as quais deveriam seguir durante todo o projeto (situação essa que, com o transcorrer das aulas, se mostrou inexecutável). Terminada essa etapa, a estagiária Laís, com a ajuda dos demais estagiários, distribuiu a crônica “Pechada” para que os(as) alunos(as) fizessem uma leitura silenciosa. Na sequência, foi feita uma leitura em voz alta, onde cada aluno ou aluna faziam a leitura de parte do texto. Alguns alunos(as) se recusaram a realizar a leitura. Apesar disso, a leitura transcorreu normalmente. Feita a leitura, a aluna Laís instigou um debate sobre variação linguística e preconceito linguístico, realizando várias perguntas para eles(as). No final, foi realizado mais um ajuste das duplas com os alunos(as) que chegaram atrasados.

3ª aula – 06/10/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45 – 19h25

Inicialmente, esta aula estava planejada para ser ministrada pela estagiária Laís, porém, após decisão em conjunto com a professora Isabel, a aula seria utilizada pela estagiária Rafaela, como continuação da sua aula anterior. Todavia, devido ao atraso da estagiária, a aula foi conduzida pelo estagiário Rogerio. A aula transcorreu normalmente, com o estagiário falando e debatendo com os(as) alunos(as) os tipos de variações linguísticas existentes.

4ª e 5ª aulas – 19/10/2016 (quarta-feira)

Horário: 19h25 – 20h05 e 20h05 – 20h45

Esta aula foi desenvolvida em duas etapas: na primeira a professora estagiária fez uma retomada das principais características do gênero notícia. Feito isso, a aluna Laís

explicou como seria desenvolvida essa escrita, nesta aula e nas futuras aulas. Passado esse momento, ela distribuiu a folha onde os alunos e as alunas deveriam escrever a notícia. Durante a escrita, a estagiária realizou a chamada do(as) alunos(as). No fim da aula, todas as escritas foram recolhidas.

6ª e 7ª aulas – 01/11/2016 (terça-feira)

Horário: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05

Esta aula teve início com a estagiária Laís perguntando quem conhecia ou havia ouvido falar sobre o gênero crônica. Na sequência, ela distribuiu cópias da crônica “Os porquês” para os(as) alunos(as) realizarem uma leitura silenciosa. Após essa leitura, a estagiária conduziu uma leitura em voz alta. Ao término da leitura, foi estabelecido com a turma um debate sobre o texto e a utilização dos porquês. Findo o debate, a professora Laís escreveu no quadro os quatro tipos de “porque” e suas respectivas utilizações. Durante a explicação, uma funcionária da secretaria do curso solicitou que os(as) alunos(as) que ainda não haviam realizado a matrícula fossem realizá-la naquele momento. Devido a isso, vários alunos e alunas tiveram que se ausentar da sala de aula. Essa atividade durou aproximadamente 10 minutos. Terminada a explicação dos porquês, a professora estagiária passou a falar sobre a origem da palavra crônica e a explicar sobre a estrutura e as características do gênero crônica. A aula terminou com a estagiária realizando a chamada.

8ª aula – 03/11/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45 – 19h25

Nessa aula, a estagiária Laís recapitulou as características do gênero crônica. Para isso, ela utilizou um computador acoplado a um projetor de slides. Conforme os slides iam sendo apresentados, ela explicava e solucionava as dúvidas apresentadas pelos(as) alunos(as). Nessa aula, foi passada uma lista de chamada.

9ª e 10ª aulas – 08/11/2016 (terça-feira)

Horário: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05

Após a realização da chamada, a aluna Laís projetou um vídeo sobre preconceito linguístico. Esse vídeo tinha como objetivo “alimentar” os(as) alunos(as) com mais fundamentos sobre variação linguística, posto que, na sequência do vídeo, eles(as) iriam produzir uma crônica cujo tema seria sobre variação linguística e preconceito linguístico.

Passado o vídeo, a estagiária Laís, distribuiu uma folha para os alunos realizarem a sua produção textual. Terminada a escrita, todas foram recolhidas.

2.11.2. Relatos das aulas da estagiária Rafaela

1ª e 2ª aulas – 05/10/2016 (quarta-feira)

Horário: 19h25 – 20h05 e 20h05 – 20h45

A estagiária responsável pela aula iniciou a aula com a chamada. Como planejado, apresentou aos alunos 3 vídeos sobre os sotaques do Brasil. Em seguida, escreveu no quadro algumas perguntas para discutir os vídeos com os alunos. Após a discussão, a professora estagiária mostrou para os(as) alunos(as) o mapa linguístico do Sul do Brasil para todos manusearem e conhecerem este trabalho. A fim de que os alunos compreendessem o que é variação linguística, seus tipos e níveis, a professora entregou aos(às) alunos(as) um *handout* e fez uma apresentação por meio do Power Point. O assunto gerou muitas discussões, os alunos participaram bastante, e o tempo não foi suficiente para finalizar o conteúdo, o que ficou para acontecer na próxima aula.

3ª e 4ª aulas – 11/10/2016 (terça-feira)

Horário: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05

A professora distribuiu aos/às alunos/as cópias da notícia “O preconceito linguístico deveria ser crime”, Marta Scherre, para que eles/elas fizessem a leitura silenciosa. Em seguida, solicitou que cada aluno lesse em voz alta um trecho da notícia. Paralelamente à esta leitura, houve debates sobre a notícia lida. Terminadas a leitura e a discussão, a professora entregou aos/às alunos/as o *handout* sobre preconceito linguístico e o poder da mídia: a língua enquanto objeto de poder e os/as alunos/as fizeram a leitura em voz alta. Feito isso, a professora solicitou aos/às alunos/as que fizessem uma atividade avaliativa, um relato pessoal de opinião sobre “O que é preconceito linguístico?”. Ao final da aula, os professores estagiários auxiliares passaram uma lista de frequência para os/as alunos/as assinarem.

5ª aula – 13/10/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45 – 19h25

A professora distribuiu o *handout* “A importância da Norma Culta no Português Brasileiro” para que os/as alunos/as fizessem a leitura em voz alta. Simultaneamente, a

professora fez anotações no quadro e discussões acerca da leitura. A chamada foi feita ao final da aula, por meio de uma lista para assinaturas.

7ª aula – 20/10/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45 – 19h25

Tendo em vista que a 5ª aula do projeto precisou ser alterada e não ocorreu a atividade previamente programada, a aula deste dia, que previa fazer correção do exercício realizado no dia 6 de outubro (5ª aula), sofreu alterações e tratou sobre as Normas do Português Brasileiro, considerando que os(as) alunos(as) não haviam compreendido bem esse tema.

Enquanto o professor estagiário auxiliar instalava o projetor e o computador, a professora estagiária responsável pela aula fez observações sobre alguns pontos verificados no relato de opinião “O que é preconceito linguístico?” feito pelos/as alunos/as na semana anterior. Alertou sobre o plágio e como deve ser a organização dos parágrafos de um texto, do recuo dado na primeira linha, etc. e parabenizou os/as alunos/as que fizeram a atividade. Em seguida, a professora fez uma apresentação, por meio de Datashow, sobre as Normas Culta e Padrão. A chamada foi feita ao final da aula, por meio de uma lista para assinaturas.

8ª e 9ª aulas – 09/11/2016 (quarta-feira)

Horário: 19h25 – 20h05 e 20h05 – 20h45

Conforme o projeto, esta aula tinha como propósito realizar uma análise linguística a partir da produção escrita – crônica – dos alunos. Entretanto, como foram observados outros desvios nas escritas dos(as) alunos(as), diferentes do que havia sido proposto inicialmente no projeto - sujeitos sentenciais -, na aula deste dia ocorreram algumas mudanças. A professora estagiária iniciou a aula com a chamada. Em seguida, questionou os(as) alunos(as) o que entenderam sobre o gênero crônica, tendo em vista que houve muita fuga ao gênero nas escritas deles/as. Por meio do Datashow, a professora apresentou aos(as) alunos(as) alguns tópicos sobre: 1) o que é crônica; 2) pontuação; 3) pronomes pessoais; e 4) tempo verbal. Feito isso, transcreveu no quadro alguns trechos das crônicas escritas pelos/as alunos/as para análise e discussões.

10ª aula – 17/11/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45 – 19h25

Nesta aula os/as alunos/as realizaram a prova, a qual abarcou os conteúdos trabalhados durante a execução do projeto. No projeto, havíamos proposto que esta avaliação seria em dupla, entretanto, como percebemos ao longo das aulas que este método de colocá-los em dupla não estava gerando bons resultados, a professora estagiária responsável pela aula aplicou a prova e cada aluno fez a sua individualmente.

Por solicitação das Professoras Isabel e Myriam, tendo em vista que na semana seguinte os alunos já não teriam mais aulas, apenas o conselho de classe e provas de recuperação, esta foi a última aula. Na semana seguinte, fomos à sala de aula apenas entregar as atividades, a relação das notas de cada aluno(a) e agradecer a todos(as) pelo período que estivemos juntos.

2.11.3. Relatos das aulas do estagiário Rogerio

1ª e 2ª aulas – 18/10/2016 (terça-feira)

Horário: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05

Batido o sinal no horário 18:45 os alunos chegam à sala. Alguns já aguardavam sentados em suas carteiras, outros chegaram atrasados em função do horário de trabalho, e outros alegaram terem perdido o horário da aula em função de um suposto sono no período vespertino.

Inicialmente, o professor retoma a aula anterior. e inicia o conteúdo da aula: o gênero notícia. A aula foi de modalidade expositiva, sendo que todos os alunos estavam conectados ao estagiário professor. O estagiário docente questiona os estudantes a respeito dos lugares em que circula o gênero notícia e quais as características que marcam esse tipo de texto. Em seguida, é distribuído aos alunos um texto do gênero crônica, cujo tema era a uso das formas *presidente* e *presidenta*. Os alunos fizeram uma leitura silenciosa, e outra em voz alta, sendo na última leitura um aluno responsável pela leitura de um trecho. Logo, é explicado a eles a estruturação do gênero notícia por meio de um *handout*. Discutido o gênero notícia, no que tange aos aspectos estruturais do texto, o estagiário distribui outra notícia, de outro tema, para que os alunos compreendam melhor a estrutura desse gênero. Juntamente com essa notícia foi entregue aos alunos um exercício de fixação relacionado ao último texto. Ao fim da aula, os estudantes entregaram suas atividades.

3ª e 4ª aulas – 25/10/2016 (terça-feira)

Horário: 18h45 – 19h25 e 19h25 – 20h05

Batido o sinal, às 18:45, alguns alunos chegam no horário e outros atrasados. O tema da aula é a análise linguística a partir da escrita feita pelos alunos em aula anterior. O professor estagiário distribui a notícia produzida pelos anos e já corrigidas.

Em seguida ele inicia sua aula expositiva por meio de slides em *power point*, prendendo a atenção dos alunos. A proposta foi a de fazer uma análise linguística por meio dos desvios cometidos pelos alunos em suas primeiras produções textuais. Muitos alunos mostram interesse na aula, mas alguns preferiram mexer em seus celulares.

Logo, o professor distribui uma atividade de colagem: o texto foi cortado em seus parágrafos e os alunos precisavam organizá-lo atentando aos mecanismos de coesão e coerência. Os alunos mostram interesse e concluem a atividade. Por fim, o sinal bate e os estudantes devolvem a atividade proposta, bem como as produções textuais feitas em aula anterior.

5ª e 6ª aulas – 26/10/2016 (quarta-feira)

Horário: 19h25 – 20h05 e 20h05 – 20h45

O sinal bateu no horário da segunda aula, e os alunos presentes na sala totalizam um número de mais ou menos trinta. O professor distribui novamente a primeira versão da produção textual dos estudantes e os avisa que será feita uma reescrita dessa produção textual, considerando os desvios cometidos. Alguns alunos se aglomeram no fundo da sala e o aluno A. acende um isqueiro.

No momento da aula, a coordenadora A. entra na sala liga o ar condicionado desviando a atenção dos alunos, e logo depois outra funcionária da escola entra na sala para dar algum recado, e acaba “brincando” com os alunos. Ainda, nesse momento, o professor estagiário está dando sua aula. Durante a explicação do que seria feita naquela aula, os alunos F. e J. fazem atividades de outra disciplina.

Em seguida, o professor estagiário entrega aos alunos a folha onde eles terão que refazer suas reescritas. Os alunos realizam a atividade e as entregam ao professor no fim do aula.

7ª aula – 27/10/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45 – 19h25

Às quintas-feiras o sinal batia às 18:45, assim como nas aulas de terça-feira. Por ser somente uma aula neste dia, o professor optou por uma atividade de fixação referente aos mecanismos de coesão e coerência. O número total de alunos na turma é de 15.

Em seguida, o estagiário distribui a atividade, explica como eles devem realizá-la e, ao final de sua explicação, o aluno M. pergunta: “o que foi dito mesmo?”. Esse aluno, em todas as aulas, parecia manter certa fixação por ser aparelho celular, pois a todo instante estava mexendo nele. Logo, é distribuída a atividade aos alunos, e em um tempo de trinta minutos estão todas concluídas. O sinal bate e o professor as recolhe.

8ª aula – 10/11/2016 (quinta-feira)

Horário: 18h45 – 19h25

O sinal bateu às 18:45, o professor entra na sala, e alguns alunos chegam atrasados. A planeamento desta aula está reservado para a reescrita da crônica. É distribuída aos alunos a primeira versão da escrita da crônica juntamente com as correções feitas sobre os desvios linguísticos cometidos. Enquanto os alunos refazem suas reescritas do gênero crônica o professor estagiário faz a chamada. Durante a prática de reescrita, as estagiárias Rafaela e Lais auxiliam nas dúvidas dos alunos. Ao fim, o sinal bateu e são recolhidas as reescritas.

9ª e 10ª aula – 16/11/2016 (quarta-feira)

Horário: 19h25 – 20h05 e 20h05 – 20h45

Esta aula, iniciada no horário de 19:25, foi direcionada para uma revisão de todo o conteúdo abarcado no projeto docência, pois no dia seguinte seria aplicada uma prova à turma. A estagiária Laís aplica a reescrita a três alunos em outra sala.

O estagiário distribui um *handout* com todos os temas refletidos em sala, e os alunos mostram interesse. Uma aluna inicia a leitura do *handout*, e o aluno J. C. continua. Enquanto alguns mostram interesse, outros mostram indiferença. O aluno V. chega atrasado e o aluno A. mostra comportamento irônico e debochado em relação ao professor a à aula.

A dinâmica permanece igual: o professor explica e os alunos interagem, leem o que é solicitado. A aula foi reservada especialmente para revisão do tema variação linguística, preconceito linguístico, norma culta, gênero crônica e gênero notícia.

Ao fim o sinal bateu e foi desejado boa sorte aos alunos na prova que seria realizada na quinta-feira.

2.12. Reflexão sobre a prática pedagógica

A nossa reflexão pedagógica com a turma (392), do nono ano-EJA, do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, o Melão, na realidade não começou dentro da sala de aula da turma, às 18h45, do dia 16 de agosto, data do início do período de observação. A nossa reflexão pedagógica teve início justamente no nosso primeiro dia de aula como aluno(as) do Curso de Letras da UFSC. Foi a partir desse dia, aula após aula, semestre após semestre, professor(a) após professor(a), lendo e debatendo as novas, e as vezes não tão novas, teorias linguísticas e literárias, escrevendo os resumos, as resenhas, os ensaios, nas intermináveis noites de análise dos textos literários, nas reuniões e nas trocas de e-mails para a preparação da apresentação do seminário, que a nossa reflexão pedagógica começou. Ou seja, a nossa reflexão sobre a prática pedagógica foi construída muito antes de entrarmos na sala de aula como professores estagiários. Ela foi sendo pensada e fundamentada, tijolo por tijolo, há vários anos. A nossa prática pedagógica com a turma 392 foi desenvolvida como um reflexo no espelho de todo esse aparato teórico e prático adquiridos na universidade, durante o período de aluno(as) universitário(as).

Somado a isso, temos um momento muito especial, antes do período de observação, realizado pela Professora Isabel Monguilhott, nossa orientadora, na sala 225 da UFSC. Ao entrarmos na sala, a Professora entregou para cada estagiário(a) um pequeno papel, no qual se encontrava escrito diferentes partes do corpo humano. Junto com esse papel, cada um(a) recebeu uma folha grande de papel pardo, onde deveriam ser desenhadas as partes do corpo humano que estavam escritas na pequena folha de papel. Além disso, nos foi entregue uma folha outra folha parda, na qual deveríamos colar as partes que cada aluno desenhou e recortou das outras folhas pardas. Feita a montagem das partes desenhadas, separadamente, pelo(as) estagiário(as), surge a “pessoa”. Resultado disso, a imagem de uma pessoa com as suas dimensões totalmente desproporcional. A ideia foi mostrar para o(as) estagiário(as) que o trabalho, que seria desenvolvido em grupo, deveria ser pensado e idealizado como um ser único, e não separado, em três partes, como um *frankenstein*, que ao final tem as suas partes montadas para formar o “monstro”. Por mais lúdica que essa atividade possa parecer, ela, juntamente com a nossa “estadia” na UFSC, foi de fundamental importância para a nossa prática pedagógica.

A nossa prática pedagógica teve dois objetivos muito claros: o primeiro foi mostrar que no Brasil não existe uma língua única, ou seja, no Brasil existe uma enorme variedade de falares, isto é, variação linguística. O segundo objetivo era mostrar que, a partir

da não aceitação dessa variação linguística, o que se pratica no dia a dia é preconceito linguístico. Em suma, o nosso objetivo foi mostrar que o monolinguismo é apenas mais um dos mitos perpetrados por determinados grupos de interesses econômicos e ideológicos. A respeito disso, Freire (1987, p.101) esclarece que a educação precisa se confrontar com os mitos que permeiam e imobilizam a nossa sociedade com o claro objetivo de salvaguardar o *status quo* dos grupos hegemônicos. Mitos como estes:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. [...] O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o do que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias. [...] O mito de que as elites dominadoras, “no reconhecimento de seus deveres”, são as promotoras do povo, devendo este, num gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela. [...] O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade “ontológica” destes e o da superioridade daqueles. Todos estes mitos e mais outros que o leitor poderá acrescentar, cuja introjeção pelas massas populares oprimidas é básica para a sua conquista, **são levados a elas pela propaganda bem organizada, pelos slogans, cujos veículos são sempre os chamados “meios de comunicação com as massas”.** Como se o depósito deste conteúdo alienante nelas fosse realmente comunicação. (FREIRE, 1987, pp. 111 e 112, grifo nosso)

Ou seja, por isso e pela nossa formação acadêmica, foi e é necessário que a nossa prática pedagógica estivesse ancorada na tentativa de quebra de mais um mito que se busca naturalizar para dominar.

Ademais, foi a partir das experiências apresentadas pelos(as) próprios(as) alunos(as) que essa necessidade se mostrou conveniente e necessária. Isso porque, durante o transcorrer das aulas, vários(as) alunos(as) testemunharam suas experiências como oprimido e como reprodutor dessa opressão do mito do monolinguismo. Além disso, pudemos presenciar, na nossa despedida com a turma, vários relatos sobre a influência que a quebra desse mito causou neles(as) e nas pessoas dos seus mais variados ciclos de convivência. Eles, após as aulas sobre variação linguística e preconceito linguísticos, se posicionam como mais um destruidor de mito.

Apesar disso, o desenvolvimento das aulas não foi feito num céu de brigadeiro. Por ser uma turma do EJA (noturno), a classe apresenta um alto índice de heterogeneidade etária, social e, principalmente, educacional. Enquanto alguns alunos(as) estão apenas acelerando os estudos por motivo de repetência, outros estão retornando após vários anos afastados da sala de aula. Havia um aluno que estava retornando depois de 40 anos sem

frequentar um banco escolar. Contudo, depois da análise realizada pós período de observação, as informações e a experiência passadas pela professora regente da turma e com as orientações da Professora Isabel, foi possível conduzir de forma equilibrada tanto as questões de ensino, ou seja, o projeto propriamente dito, quanto as de cunho disciplinares e de controle da turma.

Dito isso, ao final, ficou o sentimento de termos realizado um bom trabalho, seja no aspecto educacional ou no disciplinar, visto as considerações finais realizadas pelos alunos e pelas alunas no nosso último encontro, além da emoção e satisfação com que eles e elas se despediram do(as) professor(as) estagiário(as).

3. DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE

3.1. O PROJETO EXTRACLASSE

3.1.1. Contextualização e escolha do tema

Este projeto teve por objetivo levar aos alunos do Ensino de Jovens e Adultos – EJA, do Ensino Fundamental – 9º ano, do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, o Acordo Ortográfico assinado em 1990 pelos países integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, doravante CPLP. Tendo em vista que esse Acordo não deriva apenas de uma intenção linguística, e sim política, cabe a nós Professores levarmos aos alunos as mudanças que ocorreram no sistema ortográfico dos países que utilizam o português como língua oficial. Trata-se, acima de tudo, pelo viés sócio-político, de um ato democrático.

Entende-se que sistema ortográfico e língua, aqui, não são julgados com o mesmo valor, isto é, a unificação da ortografia é vista como mera convenção, enquanto a língua, construída por valores culturais, permanece com sua carga social inalterada. Tratar o Acordo Ortográfico como uma unificação da língua parece ser um equívoco, dado que a língua, em sua essência histórica, não pode ser convencionalizada por princípios plenamente normativos.

Faraco (2007) menciona que “as diferenças não são substanciais e não impedem a compreensão dos textos escritos numa ou noutra ortografia.”. Entretanto, continua o autor que há uma dificuldade no que tange à dupla ortografia do português: o português brasileiro e o português lusitano. Essa divergência ortográfica parece atrapalhar a compreensão de um português em nível internacional, como, por exemplo, eventos realizados pela ONU em que não se sabe qual português adotar como referência.

Considerando que o projeto docência possui como tema a Variação Linguística, julgou-se relevante apresentar aos alunos a importância de uma normatividade ortográfica a fim de que em situações específicas os alunos saibam aplicar o conhecimento apresentado. Cada aluno almeja uma posição social satisfatória e, atentando a isso, pensamos em um projeto extraclasse que oportunize esses alunos o domínio de regras ortográficas, quando a prática de letramento está sendo desenvolvida no projeto docência. Pensamos que a junção desses dois projetos muito contribuirá para que o aprendiz tenha sucesso em eventos específicos, como uma entrevista de emprego, uma prova do ENEM, ou em um concurso público.

3.1.2. Reflexão teórica

O Novo Acordo Ortográfico trata-se da unificação linguística, sob uma perspectiva ortográfica, dos países que instituíram o português como língua oficial. Esse Acordo foi aprovado e assinado, depois de muitas tentativas, em 16 de dezembro de 1990 por representantes dos países de Angola, Brasil, Portugal, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e, posteriormente, por Timor Leste, que naquele momento não havia se tornado independente da Indonésia, vindo a ser no ano 2002. Além disso, o português é também oficial em Guiné-Equatorial, sendo instituído mais recentemente, em 2014, e que por motivos políticos – condicionador de toda a problematização desse Acordo – não aderiu à unificação. Estes países pertencem à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Em outros dois locais faz-se uso da língua portuguesa, mas de forma não oficial, casos de Macau e Goa²⁵, na Índia. No Brasil, durante o governo de Luiz Inácio da Silva, a lei estava prevista para entrar em vigor no mês de janeiro de 2013, entretanto, o prazo foi prorrogado para janeiro de 2016.

Para Azeredo (2008, p. 19), anterior à data de 1990 ocorreram muitas tentativas de unificar o português, sendo que o valor atribuído a um suposto Acordo Ortográfico foi dado no ano de 1911, por iniciativa lusitana. Na década de 40 havia dois sistemas ortográficos oficiais do português: o do Brasil e o de Portugal. Nos outros países utilizava-se o português lusófono e muitos de seus usuários criticavam o fato de o Brasil ter uma grafia própria, pois era uma vertente do português de Portugal. O Brasil viria a acatar essa ideia em 1931, como

²⁵ Recomenda-se ao leitor assistir ao documentário “*Línguas - Vidas em Português*”, produzido em 2002 pelo diretor Vitor Lopes.

sendo uma “norma simplificada”. Em 1945, Brasil e Portugal negociaram um novo acordo, onde somente Portugal levou adiante a ortografia revisitada. Em 1971, a ortografia usada no Brasil incorporou algumas mudanças do antigo acordo, o de 1945. Em 1990 retoma-se todo o ideal de unificação ortográfica e, dessa vez, foi assinado o documento que daria início a todo o processo.

O Acordo foi criado com a intenção de satisfazer as necessidades linguísticas dos diferentes países que utilizam o português como meio de comunicação, uma vez que a intenção é homogeneizar a língua escrita, isto é, criar um sistema ortográfico isento de variação a fim de construir um padrão linguístico que contribua para uma compreensão e fortificação do idioma usado nos nove territórios. Para Azeredo (2008, p. 24), o desejo de unificação se resume a dois aspectos: restringir diferenças entre as falas dos países usuários do português e promover o prestígio linguístico do português em relação aos organismos internacionais.

Sobre a nova ortografia menciona Azeredo (2008, p. 12 e 13) o fato de existir um conflito existencial entre o ideal de uniformidade de um sistema ortográfico e a realidade oral de uma língua. Ele entende que há um processo de variação linguística que rege as formas de pronúncia da fala e que por esse motivo a ortografia não pode ser rígida, uma vez que “a padronização gráfica das palavras reflete uma imagem de unidade e de uniformidade em si mesma.”. Além disso, acredita que o sistema ortográfico do português é fortemente estabelecido pelo plano fonético, mas reconhece que algumas palavras estão atreladas à etimologia latina. Por fim, afirma que a ortografia não significa uma mudança linguística, nem que a unificação ortográfica significa uniformização da língua, isto é, o Acordo é tratado como sendo apenas uma convenção ortográfica. Nesse sentido, diz Faraco (2007) que:

a mídia costuma apresentar um Acordo como a unificação da língua. [...] O Acordo não mexe com a língua (nem poderia, já que a língua não é passível de ser alterada por leis, decretos e acordos), ele apenas unifica. [...] O Acordo só altera a forma de grafar algumas palavras. A língua continua a mesma.

Pelo viés dos estudos políticos linguísticos, sabe-se que a língua é uma entidade cultural, que funciona como uma espécie de estrutura social nas interações humanas. Além disso, entende-se a língua como historicamente situada, reflexo de todos os entrecruzamentos políticos, econômicos e identitários do espaço em que ela se manifesta. Seja no plano da oralidade ou da escrita, a língua de uma cultura reflete os costumes de uma comunidade e a tentativa de homogeneizar uma língua – o português – parece ferir o regulamento do bom senso.

Todavia, alguns acreditam que a proposta é de que seja desatado o laço que existe entre língua e cultura, considerando as medidas políticas impostas por um programa interessado nas relações internacionais. O papel social da língua pode ser melhor compreendido pela afirmação de Coelho e Mesquita (2013, p. 31 apud LEITÃO; SOUSA, 2014, p. 7):

Ela faz parte da cultura de um povo, haja vista pertencer a este povo. O indivíduo não cria a língua, ele apenas faz uso de um bem que é social. É uma relação de imbricação, haja vista que a língua é a manifestação de uma cultura e, ao mesmo tempo, precisa de uma cultura que lhe dê suporte, sendo, também suporte para uma cultura. Ela é, portanto, a expressão da cultura, uma vez que se constitui como instrumento decisivo para a assimilação e difusão de uma cultura, afinal, as experiências sociais só são transmitidas por meio da língua.

Dado isso e atentando somente ao sistema ortográfico unificado, este projeto entende que levar aos alunos a reforma ortográfica é de extrema importância, uma vez que o domínio dessas regras fará com que eles apliquem o conhecimento apresentado em situações que lhe serão exigidas. Entende-se que, por tratar-se de medidas políticas, os alunos obrigatoriamente precisam estar cientes das mudanças que ocorrem na sociedade que nesse caso gira em torno de aspectos linguísticos. Assim, mantém-se um vínculo democrático entre educação e política.

3.1.3. Avaliação

Com intuito de que os alunos se sentissem mais motivados e assimilassem de forma natural o conteúdo abordado neste projeto, foi realizada uma gincana de soletração nos dois encontros seguintes à exposição e discussão das alterações introduzidas na ortografia da Língua Portuguesa.

A gincana foi pensada tendo em vista que são muitas regrinhas e só exercitando seria possível aos(às) alunos(as) internalizá-las, pois, como entende Luckesi (2008, p. 139):

Para o desenvolvimento interno das capacidades cognitivas e das convicções do educando, importa a exercitação do educando. Habilidades e hábitos não se desenvolvem sem atividade construtiva. Não basta receber o conteúdo de uma operação matemática; torna-se importante exercitar essa operação em suas diversas vertentes, em seus diversos níveis de complexidade e dificuldade, de maneira que ele seja internalizado ativamente. [...] Sem a exercitação, o educando não tornará habitual um determinado modo de interpretar e agir sobre a realidade; não formará capacidades.

Assim sendo, a avaliação dos alunos na gincana ocorreu da seguinte forma: no segundo encontro (04/11) foi realizada a primeira etapa, a qual teve como objetivo a integração entre os(as) alunos(as) e ser uma prévia, revisão, para a gincana final. Os(As) alunos(as) foram separados(as) em grupos de 5, e um(a) professor(a) estagiário(a) lia uma

palavra que houvesse sofrido alguma alteração pelo Novo Acordo Ortográfico para que os grupos pudessem escrever em uma folha destinada a esta atividade. Ao final da gincana, o grupo que acertou a maior quantidade de palavras sagrou-se o vencedor.

No terceiro e último encontro (18/11), aconteceu a gincana de soletração propriamente dita, em que o(a) aluno(a) vencedor(a) ganhou como prêmio um dicionário oferecido pelos professores estagiários.

3.1.4. Objetivos

a) Objetivo Geral

Este projeto de docência visou apresentar aos(às) alunos(as) as principais alterações introduzidas na ortografia da Língua Portuguesa pelo Novo Acordo da Língua Portuguesa, assinado em 1990.

b) Objetivos Específicos

- Compreender o que é e para que serve a ortografia;
- Fazer a contextualização histórica do Novo Acordo Ortográfico;
- Apresentar aos(às) alunos(as) o que mudou na ortografia com o Novo Acordo;
- Promover a integração dos(as) alunos(as); e
- Estimular habilidades dos(as) alunos(as), como concentração, raciocínio e agilidade mental.

3.1.5. Conhecimentos trabalhados

Os conhecimentos abordados neste projeto, isto é, as principais alterações introduzidas na ortografia da Língua Portuguesa, estão dispostos, de maneira objetiva, no quadro a seguir:

ACENTUAÇÃO

O trema continua apenas em palavras estrangeiras	Müller > Müller Lingüiça > Linguíça
Desaparece o acento circunflexo do primeiro 'o' em palavras terminadas em	Vôo > Voo

'oo'.	
Desaparece o acento circunflexo das formas verbais da terceira pessoa do plural terminadas em –em.	Lêem > Leem
Deixam de ser acentuados os ditongos abertos éi e ói das palavras paroxítonas.	Ideía > Ideia
Fica abolido, nas palavras paroxítonas, o acento agudo no i e no u tônicos quando precedidos de ditongo.	Feiúra > Feiura
Fica abolido, nas formas verbais rizotônicas (que têm o acento tônico na raiz), o acento agudo do u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i.	Averigúe > Averigue
Deixa de existir o acento agudo ou circunflexo usado para distinguir palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de palavras átonas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico.	Pára > Para Pólo > Polo

ALFABETO

O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras K, W e Y.

HÍFEN

Se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por h.	Pré-história; Super-homem
Se emprega o hífen quando o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento.	Microondas > Micro-ondas
Ficou abolido o uso do hífen quando o segundo elemento começa com s ou r, devendo estas consoantes ser duplicadas.	Infrassom; Semirreta
Quando o prefixo termina por consoante, usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma consoante. Obs.: * Nos demais casos não se usa o hífen, ex.: hipermercado.	Hiper-requintado; Super-romântico

*Com prefixo SUB usa-se hífen também diante de palavra iniciada por R, ex.: sub-raça, sub-região. *Com os prefixos CIRCUM e PAN, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por M, N e VOGAL, ex.: Circum-navegação; Pan-Americano.	
Ficou abolido o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente.	Aeroespacial; Autoescola
Ficou abolido o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por consoante diferente de R ou S.	Autopeça; Seminovo; Microcomputador
Com os prefixos ex, sem, além, aquém, recém, pós, pré, pró, usa-se sempre hífen.	Ex-aluno; Recém-nascido; Pré-vestibular
Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: açu, guaçu e mirim.	Capim-açu
Não se deve usar hífen em certas palavras que perderam a noção de composição.	Girassol; Paraquedas

Adaptado de Tufano (2008)²⁶ e Faraco (2007)²⁷.

3.1.6. Metodologia

O projeto extraclasse “Soletrando o Novo Acordo Ortográfico” foi desenvolvido no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, durante três encontros (Anexo 1), com 4 h/a cada um. Essas aulas foram ministradas das 18h45 às 20h05 e das 20h15 às 21h35, nos seguintes dias: 21 de outubro (1º encontro) e 4 e 18 de novembro (2º e 3º encontros, respectivamente). O projeto teve como principal objetivo apresentar aos alunos e às alunas as alterações ocorridas na ortografia oficial, a partir da vigência do Novo Acordo Ortográfico, o qual passou a ser obrigatório desde 1º de janeiro de 2016. Além disso, como forma de motivação e

²⁶ TUFANO, Douglas. **Guia prático da nova ortografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

²⁷ FARACO, Carlos Alberto. **Novo acordo ortográfico**. CBN, Curitiba, 11 maio 2007. Disponível em: <http://www.acervobncuritiba.com.br/index.php?pag=noticia&id_noticia=9624&id_menu=148&conjunto=&id_usuario=¬icias=&id_loja=>. Acesso em: 8 out. 2016.

melhor assimilação dos conteúdos que serão abordados, o projeto também realizou uma competição de soletração entre os(as) alunos(as) que participaram do projeto.

O projeto foi desenvolvido da seguinte maneira: no primeiro encontro foram apresentadas as principais alterações ocorridas na ortografia com a introdução do Novo Acordo Ortográfico (Alteração no Alfabeto, nas Regras de Acentuação Gráfica, na Alteração no Uso do Trema e nas Normas para o Uso do Hífen). Para isso, foi desenvolvida uma aula expositivo-dialogada (apresentação em *PowerPoint*) (Anexo 2) de introdução ao Projeto extraclasse que falou sobre: como se desenvolveriam as aulas e a competição de soletração; o que é e para que serve a ortografia; a contextualização histórica do Novo Acordo Ortográfico (Onde, quando e por quê?); as principais alterações do Novo Acordo Ortográfico. No segundo encontro foi realizada a 1ª etapa da gincana de soletração, onde os alunos se reuniram em grupos para responderem/escreverem as palavras que foram sorteadas pelos professores estagiários. Essa primeira etapa não possuía caráter eliminatório. Ela objetivava preparar os(as) alunos(as) para a próxima fase da gincana que seria realizada no encontro seguinte. Já no terceiro encontro, na fase final da gincana de soletração, os alunos e as alunas foram dispostos(as) inicialmente em grupos de 2 alunos(as) de cada vez para disputarem a soletração. A soletração foi realizada até que sobrasse apenas um(a) aluno(a), o(a) qual foi declarada campeã.

Entre os intervalos das aulas, foi disponibilizado para os(as) alunos(as) um lanche para que pudessem permanecer no colégio durante todo o período do projeto. Isso deve-se ao fato dos(as) alunos(as) não terem aulas nas sextas-feiras e o colégio, conseqüentemente, não disponibilizar, para esses(as) alunos(as) uma refeição, visto não estarem previstos para terem aula nesses dias.

3.1.7. Recursos

- ✓ - Sala de aula ou miniauditório (a definir);
- ✓ - Projetor multimídia;
- ✓ - Folhas de A4;
- ✓ - Folhas de papel pardo;
- ✓ - Caixa de som; e
- ✓ - Microfone.

3.1.8. Cronograma das aulas

ENCONTROS	TEMA	CONTEÚDO
<p>Primeiro encontro (21/10)</p> <p>sexta-feira</p> <p>(das 18h45 às 20h05)</p> <p>(das 20h15 às 21h35)</p>	<p>Apresentação das alterações ocorridas com a introdução do Novo Acordo Ortográfico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositivo-dialogada de introdução ao Projeto extraclasse (Falar como se desenvolverão as aulas e a competição de soletração); • Falar o que é e para que serve a ortografia; • Fazer a contextualização histórica do Novo Acordo Ortográfico (Onde, quando e por quê?); e • Apresentar as alterações ocorridas no Novo Acordo Ortográfico (Alteração no Alfabeto, nas Regras de Acentuação Gráfica, nas Alteração no Uso do Trema e nas Normas para o Uso do Hífen).
<p>Segundo encontro (04/11)</p> <p>sexta-feira</p> <p>(das 18h45 às 20h05)</p> <p>(das 20h15 às 21h35)</p>	<p>1ª Etapa da gincana soletrando</p> <p>(Jogo em grupos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aqui os(as) alunos(as) serão separados(as) a princípio em grupos de 5 alunos(as), isso vai depender do número de alunos inscritos no projeto. (Os(As) próprios(as) alunos(as) formarão seus grupos) • Feito isso, serão sorteadas palavras que de alguma maneira sofreram alterações com o AOLP (Anexo 3). • A palavra será lida pelo(a) professor(a) estagiário(a). O(A) professor(a) estagiário(a) lerá a palavra sorteada 3 vezes e ao final perguntará se algum grupo ainda permanece com dúvida sobre a palavra lida. Em caso de dúvida, a palavra será lida apenas mais uma vez. Passado esse momento, cada grupo deverá escrevê-la em uma folha destinada para isso e fixá-la em uma folha parda do grupo, a qual estará posta à frente da

ENCONTROS	TEMA	CONTEÚDO
		<p>sala. Os grupos terão 1 minuto para escrever a palavra depois de lida pelo professor estagiário. Caso o grupo não saiba escrever a palavra ou não queira respondê-la, a folha de resposta, em branco, deverá ser colocada na folha parda do grupo, e será considerada resposta errada.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A palavra escrita pelo grupo não poderá ter nenhum tipo de rasura. A palavra com rasura será considerada errada. Essa folha com a palavra rasurada poderá ser substituída por outra folha, porém, como o número de folhas de cada grupo, para escrever as palavras, é limitado à quantidade de palavras que serão sorteadas, ao final das palavras o grupo ficará sem folha para as últimas palavras lidas. • Inicialmente, serão sorteadas +/- 20 palavras (o sorteio e a escrita deverão caber dentro das duas aulas iniciais). Feito isso, haverá um intervalo de 10 minutos. (Lanche entre alunos/as e professores) • Na volta do intervalo, primeiramente, será realizada, juntamente com os alunos, a correção de todas as palavras sorteadas (havendo tempo, todas as palavras previstas, no projeto, serão objeto de correção. Essa correção será realizada de acordo com as novas regras ortográficas). Terminada essa fase, será apurada a pontuação que cada grupo atingiu. Em seguida, o grupo que alcançar a maior pontuação será declarado o grupo campeão. Em caso de empate, uma nova palavra será lida e respondida pelos grupos que terminaram empatados. Essa nova etapa terá caráter

ENCONTROS	TEMA	CONTEÚDO
		<p>eliminatório, ou seja, errada a palavra, o grupo é eliminado da disputa, até permanecer apenas um grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> Os(As) alunos(as) do grupo declarado vencedor terão uma vantagem/premiação na gincana de soletração que será realizada na próxima sexta-feira. Durante a gincana esse(a) aluno(a) poderá pular uma palavra durante a competição. Ou seja, caso ele(a) não tenha certeza de como soletrar determinada palavra, ele(a) poderá pedir para pular/passar essa palavra. Nesse caso, outra palavra será sorteada para a dupla soletrar. Isso só será permitido uma única vez, e não poderá ser usado depois de haver iniciada a soletração da palavra.
<p>Terceiro encontro (18/11) sexta-feira (das 18h45 às 20h05) (das 20h15 às 21h35)</p>	<p>2ª Etapa da gincana soletrando (Final)</p>	<ul style="list-style-type: none"> Na etapa final, os(a) alunos(a) serão sorteados(a) pela lista de inscrição e dispostos(as) inicialmente em grupos de 2 alunos(as) de cada vez para disputarem a soletração. Dependendo do número de alunos, poderá haver na última rodada de cada fase uma eliminatória com 3 alunos/as. Feito o sorteio da dupla, os alunos(as) sentarão no local destinado a eles/as. Na sequência será sorteada uma palavra. Feito o sorteio um(a) professor(a) estagiário(a) fará a leitura da palavra (a palavra será repetida 2 vezes). Antes de iniciar a soletração o(a) aluno(a) poderá pedir para ouvir novamente a palavra. O primeiro aluno sorteado soletrará primeiro a palavra. A palavra sorteada será soletrada pelos dois alunos. Na hora da

ENCONTROS	TEMA	CONTEÚDO
		<p>soletração o(a) aluno(a) deverá:</p> <ul style="list-style-type: none"> - repetir a palavra dita; - soletrar; e - repetir novamente a palavra, indicando que terminou a soletração. Feita a soletração, o/a próximo/a aluno/a também fará a soletração da palavra. Cada aluno/a terá dois minutos para soletrar a palavra. (Haverá um cronômetro para o aluno controlar o tempo de soletração). <ul style="list-style-type: none"> • Se o/a aluno/a errar e/ou esquecer alguma letra, acento, ou qualquer outro sinal gráfico como: cedilha, hífen, etc., a soletração será considerada errada. Depois de iniciada a soletração, será proibido corrigir qualquer letra. O aluno poderá até recomençar a soletração, mas não poderá mudar a ordem de nenhuma letra que já tenha soletrado. ATENÇÃO: Os sinais gráficos (Acento agudo (´), Acento circunflexo (^), Til (~), Cedilha (ç), Trema (¨) e Hífen (-) deverão ser soletrados logo após a letra que o utiliza. • A soletração será anotada por um dos professores estagiários. • Depois da soletração dos dois alunos, um professor estagiário falará quem acertou e quem errou a soletração. Em caso dos dois acertarem ou errarem, uma nova rodada será realizada com a dupla. No caso de um acerto e um erro, o aluno que acertou segue na competição e o outro é eliminado. • O aluno que venceu o confronto aguarda até o término da rodada. O aluno que errou a soletração deverá permanecer na sala, em silêncio, até o término da competição, como forma de respeito e estímulo aos outros

ENCONTROS	TEMA	CONTEÚDO
		<p>alunos e alunas. Terminada a rodada, os vencedores serão novamente sorteados em duplas e realizarão novo confronto conforme as regras anteriores, e, assim, sucessivamente até sobrar a última dupla ou trio e, conseqüentemente, o campeão do soletrando. O/A aluno/a campeão/ã receberá como prêmio um Dicionário da Língua Portuguesa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caso apareça alguma dúvida não abrangida por essas normas, uma comissão composta pelas professoras Isabel e Myriam e pelos professores estagiários será a responsável por saná-la.

OBSERVAÇÕES

1ª. Para a gincana de soletração foram utilizadas, inicialmente, apenas palavras que sofreram alterações com o Novo Acordo Ortográfico e que fazem parte do dia a dia dos alunos e das alunas;

2ª. As palavras utilizadas na gincana (soletração), no terceiro encontro, foram as palavras utilizadas durante a competição de grupos. Não foram utilizadas outras palavras.

3ª Os/As alunos/as receberam as regras das competições que foram realizadas no 2º e no 3º encontro. (Anexo 4)

3.1.9. Planos de aula dos encontros

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)**

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
ESTAGIÁRIO/AS: Laís Cristina Oliveira Afonso, Rafaela Rebelo Duarte e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: alunos(as) do Ensino Fundamental - EJA
TURMAS: do período noturno
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 20h05 e 20h15 às 21h35
DATA: 21/10/2016, sexta-feira

PRIMEIRO ENCONTRO

TEMA: O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

OBJETIVOS

- Conhecer o Projeto extraclasse que será desenvolvido durante os encontros;
- Apresentar aos(às) alunos(as) as principais alterações introduzidas na ortografia da Língua Portuguesa pelo Novo Acordo da Língua Portuguesa, assinado em 1990.
- Compreender o que é e para que serve a ortografia; e
- Fazer a contextualização histórica do Novo Acordo Ortográfico.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

- Nova acentuação gráfica;
- Novo alfabeto;
- Alterações no uso do trema; e
- Regras de utilização do hífen.

METODOLOGIA

Após a apresentação dos estagiários, será feita uma rápida introdução sobre o Projeto extraclasse e como ele será desenvolvido. Feito isso, será falado para que serve a ortografia. Na sequência será feita uma contextualização histórica do Novo Acordo Ortográfico (Onde, quando e por quê?). Por fim, serão apresentadas as alterações ocorridas

no Novo Acordo Ortográfico, com especial atenção para as ocorridas no Alfabeto, nas regras de acentuação gráfica, no uso do trema e nas normas para o uso do hífen. Essas questões serão abordadas de forma expositivo-dialogada, fazendo uso do projetor multimídia e Slides de PowerPoint (Anexo 2). Será entregue para cada aluno(a) um cronograma das atividades que serão desenvolvidas durante o projeto (Anexo 5), as regras das competições que serão realizadas no 2º e no 3º encontro (Anexo 4) e um Guia Prático da Nova Ortografia (Anexo 6), de Douglas Tufano, da editora Melhoramentos.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Projetor multimídia;
- Slides de PowerPoint;
- Cópias do cronograma das oficinas; e
- Cópias do Guia Prático da Nova Ortografia, de Douglas Tufano, da editora Melhoramentos.

AVALIAÇÃO

Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com as suas respectivas participações e envolvimento acerca do conteúdo trabalhado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FILHO, Domício Proença. **Guia prático da ortografia da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa**. Coordenação e assistência técnica de José Carlos Azeredo. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- TUFANO, Douglas. **Guia prático da Nova Ortografia**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Guia da Reforma Ortográfica**. Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.bparah.azores.gov.pt/PDFs/acordo+orto/guia+ortografico-museu+da+língua+pt.g.pdf>>. Acesso em: 15 set 16.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
ESTAGIÁRIO/AS: Laís Cristina Oliveira Afonso, Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: alunos(as) do Ensino Fundamental - EJA
TURMAS: do período noturno
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 20h05 e 20h15 às 21h35
DATA: 04/11/2016, sexta-feira

SEGUNDO ENCONTRO

TEMA: O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

OBJETIVOS

- Realizar uma gincana em grupos;
- Desenvolver o conhecimento ortográfico dos alunos e das alunas; e
- Potencializar as estratégias e os mecanismos de trabalho em grupo dos/as alunos/as.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

- Nova acentuação gráfica;
- Novo alfabeto;
- Alterações no uso do trema;
- Regras de utilização do hífen; e
- Trabalho em grupo.

METODOLOGIA

Aqui os(as) alunos(as) serão separados(as) a princípio em grupos de 5 alunos(as), isso vai depender do número de alunos inscritos no projeto. (Os próprios alunos formarão seus grupos. Feito isso, serão sorteadas palavras (Anexo 3) que de alguma maneira sofreram alterações com o AOLP. A palavra será lida pelo professor estagiário. O professor estagiário lerá a palavra sorteada 3 vezes e ao final perguntará se algum grupo ainda permanece com dúvida sobre a palavra lida. Em caso de dúvida a palavra será lida apenas mais uma vez. Passado esse momento, cada grupo deverá escrevê-la em uma folha destinada para isso e fixá-la em uma folha parda do grupo, a qual estará posta à frente da sala. Os grupos terão 1 minuto para escrever a palavra depois de lida pelo professor estagiário. A palavra escrita pelo grupo não poderá ter nenhum tipo de rasura. A palavra com rasura será considerada errada. Essa folha com a palavra rasurada poderá ser substituída por outra folha, porém, como o número de folhas,

de cada grupo, para escrever as palavras, é limitado a quantidade de palavras que serão sorteadas, ao final das palavras o grupo ficará sem folha para as últimas palavras lidas. Inicialmente, serão sorteadas +/- 20 palavras (o sorteio e a escrita deverão caber dentro das duas aulas iniciais). Feito isso, haverá um intervalo de 10 minutos. (Lanche entre alunos e professores) Na volta do intervalo, primeiramente, será realizada juntamente com os alunos a correção de todas as palavras sorteadas. Terminada essa fase, será apurada a pontuação que cada grupo atingiu. Terminado será declarado o grupo campeão. (Em caso de empate, uma nova palavra será lida e respondida pelos grupos que terminaram empatados. Essa nova etapa terá caráter eliminatório, ou seja, errada a palavra o grupo é eliminado da disputa, até permanecer apenas um grupo. Os alunos do grupo declarado vencedor terão uma vantagem na gincana de soletração que será realizada na outra sexta-feira. (Durante a gincana esse/a aluno/a poderá pular uma palavra durante a competição. Ou seja, caso ele/a não tenha certeza de como soletrar determinada palavra, ele/a poderá pedir para pular/passar essa palavra. Isso só será permitido uma única vez, e não poderá ser usado depois de haver soletrada a palavra).

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Projetor multimídia;
- Slides de PowerPoint;
- Caixa de som; e
- Microfone.

AVALIAÇÃO

Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com a compreensão do que foi exposto no primeiro encontro a ser verificada na atividade de escrita das palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILHO, Domício Proença. **Guia prático da ortografia da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Escrevendo pela nova ortografia**: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa. Coordenação e assistência técnica de José Carlos Azeredo. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

TUFANO, Douglas. **Guia prático da Nova Ortografia**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Guia da Reforma Ortográfica**. Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.bparah.azores.gov.pt/PDFs/acordo+orto/guia+ortografico-museu+da+língua+ptg.pdf>> Acesso em: 15 set 16.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
ESTAGIÁRIO/AS: Laís Cristina Oliveira Afonso, Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: alunos(as) do Ensino Fundamental - EJA
TURMAS: do período noturno
CARGA HORÁRIA: 2 horas/aula (80 min.)
HORÁRIOS: 18h45 – 20h05 e 20h15 às 21h35
DATA: 18/11/2016, sexta-feira

TERCEIRO ENCONTRO

TEMA: O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

OBJETIVOS

- Realizar uma gincana de soletração;
- Desenvolver o conhecimento ortográfico dos alunos e das alunas; e
- Potencializar as estratégias e os mecanismos de trabalho individual dos(as) alunos(as).

CONHECIMENTOS ABORDADOS

- Nova acentuação gráfica;
- Novo alfabeto;
- Alterações no uso do trema;
- Regras de utilização do hífen; e
- Conhecimentos internalizados sobre o Novo Acordo Ortográfico.

METODOLOGIA

Após a apresentação da proposta da aula, os/as alunos/as serão sorteados pela lista de chamada e dispostos/as inicialmente em grupos de 2 alunos/as de cada vez para disputarem a soletração. Dependendo do número de alunos, poderá haver na última rodada de cada fase uma eliminatória com 3 alunos/as. Feito o sorteio da dupla, os alunos/as se sentarão no local destinado a eles/as. Na sequência será sorteada uma palavra. Feito o sorteio um/a professor/a estagiário/a fará a leitura da palavra (a palavra será repetida 2 vezes). Antes de iniciar a soletração o/a aluno/a poderá pedir para ouvir novamente a palavra. O primeiro aluno sorteado soletrará primeiro a palavra. Na hora da soletração o aluno deverá: - repetir a palavra dita; - soletrar; e - repetir novamente a palavra, indicando que terminou a soletração. Feita a soletração, o/a próximo/a aluno/a também fará a soletração da palavra. Cada aluno/a terá dois minutos para soletrar a palavra. (Haverá um cronômetro para o

aluno controlar o tempo de soletração). Se o/a aluno/a errar e/ou esquecer alguma letra, acento, ou qualquer outro sinal gráfico como: cedilha, hífen, etc., a soletração será considerada errada. Depois de iniciada a soletração, será proibido corrigir qualquer letra. O aluno poderá até recomençar a soletração, mas não poderá mudar a ordem de nenhuma letra que já tenha soletrado. Depois da soletração dos dois alunos, um professor estagiário falará quem acertou e quem errou a soletração. Em caso dos dois acertarem ou errarem, uma nova rodada será realizada com a dupla. No caso de um acerto e um erro, o aluno que acertou segue na competição e o outro é eliminado. O aluno que venceu o confronto aguarda até o término da rodada. Terminada a rodada, os vencedores serão novamente sorteados em duplas e realizarão novo confronto conforme as regras anteriores, e, assim, sucessivamente até sobrar a última dupla ou trio e, conseqüentemente, o campeão do soletrando. Caso apareça alguma dúvida não abrangida por essas normas, uma comissão composta pelas professoras Isabel e Myriam, e pelos professores estagiários será a responsável por saná-las.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Projetor multimídia;
- Slides de PowerPoint;
- Caixa de som;
- Microfone; e
- Cronômetro

AVALIAÇÃO

Os(As) alunos(as) serão avaliados(as) de acordo com a compreensão do que foi exposto no primeiro encontro e no segundo encontro a ser verificada na competição de soletração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILHO, Domício Proença. **Guia prático da ortografia da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa**. Coordenação e assistência técnica de José Carlos Azeredo. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

TUFANO, Douglas. **Guia prático da Nova Ortografia**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Guia da Reforma Ortográfica**. Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.bparah.azores.gov.pt/PDFs/acordo+orto/guia+ortografico-museu+da+língua+ptg.pdf>> Acesso em: 15 set 16.

O QUE É E PARA QUE SERVE A ORTOGRAFIA

- ✓ O termo vem do grego *ortographia*, palavra formada de *orthós* "o correto", "direito" e *grafia*, do verbo *graphō* "escrever". No percurso até o português, passou pelo termo latino também escrito *orthographia*. Na origem, portanto, o termo correspondia à escrita correta das letras.
- ✓ A ortografia abrange o conjunto de normas reguladoras da representação gráfica das palavras.

Nota: as fontes utilizadas nesta apresentação estão listadas no slide 41.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

- ✓ 1986 — O presidente José Sarney promove no Rio de Janeiro um encontro dos sete países de Língua Portuguesa — Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe — (Timor-Leste — o referendo pela independência do território, então sob domínio indonésio, data de 1999, e seu primeiro presidente foi escolhido em eleições livres em 2001) de que viria a resultar a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Foi proposta a supressão dos acentos nas proparoxítonas e nas paroxítonas.
- ✓ O projeto sofreu grande oposição às alterações sugeridas.

Nota: as fontes utilizadas nesta apresentação estão listadas no slide 41.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO



Fonte: <https://www.google.com>

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

- ✓ 1990 — Em Lisboa, reuniram-se novamente as delegações de todos os países, visando chegar a uma solução para o impasse, tendo sido, então, firmado um novo entendimento. As deliberações a que chegaram os representantes das nações aqui da oportunidade foram:
- a) Os signatários do Acordo deveriam criar-lo em seus respectivos países;
- b) A Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras seriam responsáveis pela publicação de um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa (VOLP).

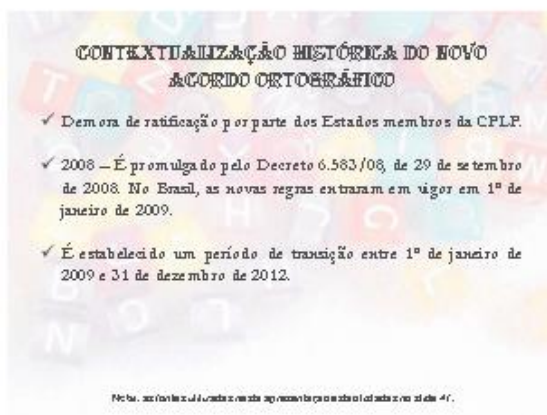
Nota: as fontes utilizadas nesta apresentação estão listadas no slide 41.



CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

- ✓ Previsão inicial para entrar em vigor em 1994.
- ✓ Várias dificuldades de ordem técnica e política impedem a entrada em vigor do Novo Acordo ortográfico.
- ✓ 1995 - O Acordo é ratificado no Brasil pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995.
- ✓ Em 1998 é autorizada a adesão do Timor-Leste.

Nota: as fontes já citadas neste apêndice foram utilizadas no slide 46.



Nota: as fontes já citadas neste apêndice foram utilizadas no slide 46.



Nota: as fontes já citadas neste apêndice foram utilizadas no slide 46.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

- ✓ O novo acordo alterou em 0,5 % das palavras mais usadas no Brasil e 1,6 % das de Portugal, percentuais apoiados em pesquisas baseadas em um universo de 110 palavras.
- Privilégio do fundamento fonético em detrimento do etimológico, ou seja, leva em conta as diferenças de pronúncias dos países envolvidos.
- O Novo Acordo Ortográfico pretende dar conta de 98% do vocabulário da língua portuguesa.

Nota: as fontes já citadas nesta apresentação estão listadas no slide 41.

OBJETIVOS

- ✓ O primeiro é fixar e restringir as diferenças de escrita atualmente existentes entre os falantes da língua;
- ✓ O segundo é ensejar uma comunidade que se constitua num grupo linguístico expressivo, capaz de ampliar seu prestígio junto aos organismos internacionais.

Nota: as fontes já citadas nesta apresentação estão listadas no slide 41.

ATENÇÃO

O Acordo é somente **ortográfico**, restringe-se à **língua escrita**, não afetando nenhum aspecto da língua falada, ou seja, a **pronúncia** das palavras continua igual.

Nota: as fontes já citadas nesta apresentação estão listadas no slide 41.

O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

- ✓ Estrutura-se em 21 bases;
- ✓ Estabelece novas regras;
- ✓ Modifica outras; e
- ✓ Confirma critérios já em vigor.

Nota: as fontes já citadas nesta apresentação estão listadas no slide 41.

AS 21 BASES

- ✓ Base I - Alfabeto e grafia de letras próprias e estrangeiras;
- ✓ Base II - Uso do A;
- ✓ Base III - Grafemas consonânticos;
- ✓ Base IV - Sequências consonânticas;
- ✓ Base V - Vogais tônicas;
- ✓ Base VI - Vogais tônicas;
- ✓ Base VII - Divergência;
- ✓ Bases VIII, IX, X, XI, XII, XIII - Acentuação gráfica;
- ✓ Base XIV - Uso do trema;
- ✓ Bases XV, XVI, XVII - Uso do hífen;
- ✓ Base XVIII - Uso da apóstrofe;
- ✓ Base XIX - Uso de letras maiúsculas e minúsculas;
- ✓ Base XX - Divisão silábica;
- ✓ Base XXI - Grafia de acentuadas e frônias.

Nota: as funções de 4 bases nesta apresentação aparecem no laboratório de 41.

O QUE MUDA?

- ✓ Base I - Alfabeto, *padrões de escrita, imprensa;*
- ✓ Base II - Uso do A;
- ✓ Base III - Grafemas consonânticos;
- ✓ Base IV - Sequências consonânticas;
- ✓ Base V - Vogais tônicas;
- ✓ Base VI - Vogais tônicas;
- ✓ Base VII - Trema;
- ✓ Bases VIII, IX, X, XI, XII, XIII - Acentuação gráfica;
- ✓ Base XIV - Uso do trema;
- ✓ Bases XV, XVI, XVII - Uso do hífen;
- ✓ Base XVIII - Uso da apóstrofe;
- ✓ Base XIX - Uso de letras maiúsculas e minúsculas;
- ✓ Base XX - Divisão silábica;
- ✓ Base XXI - Grafia de acentuadas e frônias.

Nota: as funções de 4 bases nesta apresentação aparecem no laboratório de 41.

ALFABETO

ENFIM,
JUNTOS NOVAMENTE!

ABCDEF
FGHIJ
LMNO
PQRST
UVWXZ

Y W
K

Para saber de mais...

ALFABETO

Anteriormente

O alfabeto português era constituído de 23 letras

Aa(â) Ee(ê) Cc(ê) Dd(dê) Ee(é) Ff(ê) Gg(ge / guê) Hh(ã grã)
Ii(ê) Jj(jô) Ll(ê) Mm(eme) Nn(ene) Oo(o) Pp(pê) Qq(quê)
Rr(erre) Ss(esse) Tt(tê) Uu(ú) Vv(vê) Xx(xis) Zz(zê)

Nota: as funções de 4 bases nesta apresentação aparecem no laboratório de 41.

ALFABETO

Atualmente

Com a inclusão das letras k, w e y, passa a conter 26 letras.

Aa(â) Bb(bê) Cc(cê) Dd(dê) Ee(ê) Ff(efe) Gg(ge/guê) Hh(hã)

Ii(í) Jj(jota) **Kk(capa/cá)** Ll(êlê) Mm(eme) Nn(êne) Oo(o)

Pp(pê) Qq(quê) Rr(erre) Ss(esse) Tt(tê) Uu(ú) Vv(vê)

Ww(dáblio) Xx(xis) Yy(ípsilon) Zz(zê)

Nota: as fontes utilizadas nesta apresentação são de autoria do slide 41.

ATENÇÃO

Variação regional

As letras admitem outras designações, com o, por exemplo:

Ff(ê) Gg(guê) Ll(ê) Mm(mê) Nn(ê) Rr(ê), comuns na Bahia.

Na Bahia e em Sergipe o j(jota) também é conhecido por ð).

Nota: as fontes utilizadas nesta apresentação são de autoria do slide 41.

ATENÇÃO

Antes da Nova Ortografia, as três "novas" letras já eram usadas, principalmente nas seguintes situações:

Símbolos e unidades de medidas

km – quilômetro

kg – quilograma

W – watts

Nomes estrangeiros e seus derivados

Kafka - boy - yang - kaiser - yin

huang fu - Washington - Haym o'bil - Wellington

Nota: as fontes utilizadas nesta apresentação são de autoria do slide 41.

ATENÇÃO

Com o Novo Acordo, nada mudou na utilização dessas três "novas" letras.

Foram apenas oficializadas.

Nota: as fontes utilizadas nesta apresentação são de autoria do slide 41.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

par pôr pêr

O CHAMPUBUO É PARA EXPERIÊNCIA.

Fonte: bugreco.google.com.br

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Oxítonas
Paroxítonas
Proparoxítonas

Acentuação tônica?

No Brasil, as palavras são acentuadas de acordo com as regras da ortografia.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

O que mudou?

Os ditongos abertos são paroxítonas: **caio acento**...

Antes do Novo Acordo Usava-se acento	Com o Novo acordo Deixou-se de usar acento
Paralóla	Paralola
Platêla	Platola
Bôla	Bola
Colmêla	Colmola
Estrelêla	Estrelola
Diarêla	Diarola
Tamôla	Tamolola

** Exceto quando terminam em *e* (a regra geral tem exceção).
Ex: destrôez, mêniz. (atenção ao corretor ortográfico)

Fonte: www.gramatica.com.br, José Carlos Kuhl, *Tratado de Gramática da Língua Portuguesa*, 1. Ed., São Paulo, Parábola, 2008.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

REFORMA ORTOGRÁFICA...

Fonte: imagem do google.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

ATENÇÃO

As palavras oxítonas terminadas nos ditongos **éu(ê), éi(s) e ói(s)**, incluindo as monossílabas, consideradas oxítonas, continuam acentuadas: **mantêm o acento**.

Alguém	Acém
Amém	Réi
Chapéu	Tréfau
Corré	Horé
Largé	Cerecé
Dé	Véu
Papé	Céu

Fonte: STREFFO, José Carlos (Coord.). *Tratado de ortografia: Documento pedagógico*. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

O acento agudo no **ie** no u paroxítonas, antecedidas de um ditongo decrescente: **caio acento**.

Antes do Novo Acordo Usava-se acento	Com o Novo acordo Deixou-se de usar acento
Baíca	Baíca
Bolha	Bolha
Felha	Felha
Reíto	Reíto

Atenção: cas o **for** oxítona e o **i** ou o **e** estiverem em posição final (sozinhos ou seguidos de **s**), o acento permanece.

Exemplos: tuá*í*, tuá*í*s, Pia*í*; e

se o **i** ou o **e** forem precedidos de ditongo crescente, o acento permanece. Exemplos: guá*í*ba, Guá*í*ra.

Fonte: STREFFO, José Carlos (Coord.). *Tratado de ortografia: Documento pedagógico*. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Palavras terminadas em **eem** e **oo(s)**: **caio acento**.

Terceiras pessoas do plural dos verbos **ler, dar, crer, ver** e seus derivados.

Antes do Novo Acordo Usava-se acento	Com o Novo acordo Deixou-se de usar acento
Lêem	Leem
Creem	Creem
Dêem	Deem
Vêem	Veem

Os **exc** outros finais **oo(s)**: Esj*oo*, p*oo*vo, v*oo*, abenç*oo*, de*oo*, z*oo*.

Fonte: STREFFO, José Carlos (Coord.). *Tratado de ortografia: Documento pedagógico*. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Acento diferenciável:

O acento que diferencia os pares **país/paiz**, **póis(s)/pois(s)**, **país(s)/país(s)**, **país(s)/país(s)** e **paiz/paiz**: **caio acento**.

Antes do Novo Acordo Usava-se acento	Com o Novo acordo Deixou-se de usar acento	Diferença:
País para país. (verbo)	Paiz para país. (verbo)	País para país.
País que vuol nos paíes galandis hoje? (verbo) Chula a paiz (-idade) para o paísal de aia (substantivo)	País que vuol nos paíes a paiz anda hoje? (verbo) Chula a paiz (-idade) para o paísal de aia (substantivo)	País: referenc. do país, voc. o paísal. (país) (-idade)
Essa paiz tem paiz branco.	Essa paiz tem paiz branco.	Paiz: o meu país, mas não vou paiz. Um caso de paiz suposto.
Paiz as paiz Nala.	Paiz as paiz Nala.	Paiz (-) país: amo de Deus, de Deus (paiz) (-) país
Com uma paiz.	Com uma paiz.	Antiga contagem (paiz) = país

A **le** **gã** o significado é determinado pelo contexto.

Fonte: STREFFO, José Carlos (Coord.). *Tratado de ortografia: Documento pedagógico*. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

ATENÇÃO

O **acento diferencial** ainda permanece nos seguintes casos:

põe *ô* 3ª pessoa verbal do pretérito perfeito do indicativo, para diferenciá-lo de pode *ô* 3ª pessoa verbal do presente do indicativo.

Ex.: *José não pôde vir ontem à noite para o jantar.*

Hoje *José* pode vir para o almoço, por isso *comida*-a.

põe (verbo) para diferenciá-lo da preposição *pea*.

Ex.: *aníbal*, ela tem de *põe* (verbo) o *avental* *pea* (preposição) *causa* da intensa *poesia*.

tes/mã (e seus derivados) na 3ª pessoa do plural, para diferenciá-los da 3ª pessoa do singular.

Ex.: *Eles têm dois carros.* / *Eles têm dois carros.*

Eles vêm de Sorocaba. / *Eles vêm de Sorocaba.*

Fonte: **STEREO**, José Carlos Cury. *Tratado de ortografia: Gramática pela mão*. São Paulo: Pátria, 2004.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

ATENÇÃO

O acento agudo no *u* tônico, seguido de *e* ou *i* das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. **Cai o acento**. O mesmo vale para o seu composto *rearguir*.

Exemplos

<i>Argue</i>	<i>Argua</i>	<i>Reargue</i>	<i>Reargua</i>
<i>Argui</i>	<i>Arguas</i>	<i>Reargui</i>	<i>Rearguas</i>
<i>Arguiam</i>	<i>Arguam</i>	<i>Rearguiam</i>	<i>Rearguam</i>
<i>Argua</i>	<i>Arguas</i>	<i>Reargua</i>	<i>Rearguas</i>
<i>Arguam</i>	<i>Arguam</i>	<i>Rearguam</i>	<i>Rearguam</i>

Fonte: **STEREO**, José Carlos Cury. *Tratado de ortografia: Gramática pela mão*. São Paulo: Pátria, 2004.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

ATENÇÃO

Casos facultativos de acento diferencial:

O acento circunflexo para diferenciar as palavras *forma*/*forma*. Em alguns casos, o uso do acento deixa a frase mais clara.

Exemplo: Qual é a *forma* da *forma* do bolo?

Fonte: **STEREO**, José Carlos Cury. *Tratado de ortografia: Gramática pela mão*. São Paulo: Pátria, 2004.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

ATENÇÃO

Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em *guar*, *quar* e *quã*, como *aguar*, *averiguar*, *apaziguar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir* etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo.

a) se forem pronunciadas com *a* ou *i* tônicos, essas formas **devem ser acentuadas**.

Exemplos:

• verbo *enxaguar*: *enxáguo*, *enxáguas*, *enxágua*, *enxaguam*; *enxágue*, *enxágues*, *enxáguem*.

• verbo *delinquir* **não há outro exemplo**: *delínquo*, *delínques*, *delínque*, *delínquem*; *delínqua*, *delínquas*, *delínquam*.

Nota: as formas *enxáguas* e *delínquas* não são utilizadas no Brasil.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

ATENÇÃO

b) se forem pronunciadas com a tônica, essas formas **deixam de ser acentuadas**.

Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):

verbo **enxaguar**: enxaguo, enxaguas, enxaguam, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

verbo **delinquir**: delinque, delinques, delinquem, delinqem; delinqua, delinquas, delinquam.

De acordo com Filho (2009, p. 131) "A opção vincula-se à pronúncia culta dominante na prática comunicativa. [...] Na pronúncia brasileira, os verbos citados terminados em *-guar* admitem tradicionalmente as duas formas, legitimadas pelo AOLF. Em Portugal, predomina [...] o acento tônico no *u*: *enxaguo*, e *enxague*."¹

Nota: as formas *enxaguo* e *enxague* são a mesma forma escrita e se diferenciam apenas na pronúncia.

TREMA



Foto: Imagem de Google.

TREMA



O trema morreu?

O trema morreu?



Foto: Imagem de Google.

TREMA

NÃO, o trema não morreu.

Apenas não se usa mais o trema sobre o **Ü** em palavras como:

Antes do Novo Acordo Usava-se o trema	Com o Novo acordo Deixou-se de usar o trema
Agüentar	Agüentar
Agüir	Agüir
Bülgue	Bülgue
Cülique	Cülique
Debülique	Debülique
Lüguça	Lüguça
Seqüência	Seqüência
Seqüestro	Seqüestro
Tüaqui	Tüaqui

Atenção: nessas palavras o **ü** continua a ser pronunciado.

Foto: O TREMA, José Carlos de Souza. In: *Tratado de ortografia: Gramática para novo acrógrafo*, v. 1, São Paulo: Parábola, 2004.

TREMA

ATENÇÃO

- ✓ O trema continua a ser utilizado nos nomes próprios estrangeiros e seus derivados: Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano.
- ✓ Pode ser utilizado em obras especializadas para indicar, caracterizada a circunstância, que o *u* se pronuncia. Exemplo: aguentar (ü), u.
- ✓ Eliminam-se todos os demais casos em que antes era utilizado.

Nota: as tentativas de usar o trema apenas na pronúncia de palavras não são válidas.

HÍFEN

Regras de utilização do hífen de acordo com o AOLF

Regra geral

Emprega-se o hífen

1º elemento	2º elemento	Exemplos	Exceções
Prefixos (anti-, semi-, semi-, co-, contra- etc.)	Palavra iniciada por <i>h</i>	antehistória antelétrico	Não ocorre hífen quando o primeiro elemento for <i>de</i> ou <i>de</i> abstrata
Palavras prefixais (anti-, agri-, arqui-, bio- etc.)	palavra iniciada pela mesma vogal com que termina o prefixo ou o falso prefixo	antecâmara anteprojeto	O prefixo <i>co-</i> sempre aglutina-se ao segundo elemento: <i>cooperar</i> .

Fonte: FERREIRO, José Carlos (Coord.). *Tratado de ortografia*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2004.

HÍFEN

Regras de utilização do hífen de acordo com o AOLF

Regras específicas

Emprega-se o hífen

1º elemento	2º elemento	Exemplos	Exceções
certum pra supra, infra, super etc. (certum pra, etc. certum pra, etc., certum pra, etc.)	palavra iniciada por <i>h</i> , <i>regu</i> ou <i>o</i>	certum-pra-supra certum-pra-o	
	palavra iniciada por <i>r</i>	certum-pra-r	
	qualquer que seja	certum-pra	
pá, pi, piú (pá, pi, piú)	palavra com resposta própria	pi-guará	As palavras pá, pi e piú aglutinam-se ao segundo elemento quando o primeiro é pá, pi ou piú.

Fonte: FERREIRO, José Carlos (Coord.). *Tratado de ortografia*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2004.

HÍFEN

Regras de utilização do hífen de acordo com o AOLF

Regras específicas

NÃO se emprega o hífen

1º elemento	2º elemento	Exemplos
Prefixo ou falso prefixo iniciado com vogal <i>co-, micro-, cobri-</i>	palavra iniciada por <i>r</i> ou <i>g</i> (símbolo que será duplicado)	micro- <i>regu</i> micro- <i>regu</i>
	palavra iniciada por vogal, <i>di-</i> (cerca) e <i>da-</i> (da) com o primeiro elemento	micro- <i>di</i> micro- <i>da</i>
Palavra iniciada com vogal sem uma grafia cíclica ou quando a pronúncia exige	api-, guapi-, etc. em palavras de valor adjectivo (de origem tupi-guaraní)	Clava-More

Fonte: FERREIRO, José Carlos (Coord.). *Tratado de ortografia*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2004.

INÍFEE

Em caso de dúvida consulte o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP

Disponível em: <http://www.academia.gov.br/400214892/inifee-no-vocabulario>

INÍFEE

Translineação

Caso o sinal da linha coincida com o uso de hífen, esse sinal gráfico deve ser repetido na linha posterior, para fins de clareza gráfica.

Exemplo:

No Aeroporto Internacional de São Paulo, estavam o ex-presidente da Argentina e sua comitiva.

REFERÊNCIAS

FILHO, Dianteiro. *Curso prático de ortografia da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Breve tratado pela nova ortografia: como usar as regras da nova ortografia da língua portuguesa*. Coleção guia e materiais básicos de José Carlos Azeredo. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

NESTLÁNA, Rosalide. *6 gramáticas para concursos públicos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

TUFANO, Douglas. *Curso prático de Nova Ortografia*. 2. ed. São Paulo: Aldineamento, 2009.

INSTITUTO DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Guia do Sistema Ortográfico*. Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.digiteo.usp.br/pdf/1003/1003_0001_0000_0000_0000_0000_0000_0000_0000_0000.pdf. Acesso em: 15 set. 16.

Palavras que sofreram alteração com o Novo Acordo Ortográfico

Alcaloide	Anti-higiênico
Alcateia	Anti-histórico
Androide	Mini-hotel
Apoia (verbo apoiar)	Sobre-humano
Apoio (verbo apoiar)	Super-homem
Asteroide	Ultra-humano
Boia	Extra-humano
Celuloide	Aeroespacial
Colmeia	Agroindustrial
Coreia	Anteontem
Debiloides	Antiaéreo
Epopéia	Antieducativo
Estreia	Autoaprendizagem
Geleia	Autoescola
Heroico	Autoestrada
Ideia	Autoinstrução
Jiboia	Coautor
Odisseia	Extraescolar
Paranoia	Infraestrutura
Paranoico	Plurianual
Plateia	Semiaberto
Tramoia	Semianalfabeto
Bocaiuva	Semiesférico
Feiura	Semiopaco
Abençoo	Anteprojeto
Creem	Antipedagógico
Doo (verbo dar)	Autopeça
Deem (verbo dar)	Autoproteção
Leem	Coprodução
Magoo (verbo magoar)	Geopolítica
Perdoo (verbo perdoar)	Microcomputador
Povoo (verbo povoar)	Pseudoprofessor
Veem (verbo ver)	Semicírculo
Voos	Semideus
Zoo	Seminovo
Para (verbo parar)	Ultramoderno
Pelo	Antirracismo
Assembleia	Antirreligioso
Joia	Antirrugas
Europeia	Antissocial
Auto-observação	Contrarregra
Autoajuda	Contrassenso
Anti-herói	Cosseno
Micro-organismo	Infrassom
Microsistema	Inter-racial
Minissaia	Inter-regional

Multissecular	Super-racista
Neorrealismo	Super-resistente
Neossimbolista	Super-romântico
Semirreta	Sub-região
Ultrarresistente	Sub-raça
Ultrassom	Circum-navegação
Anti-imperialista	Pan-Americano
Anti-inflamatório	Hiperacidez
Auto-observação	Hiperativo
Contra-atacar	Interstadual
Contra-ataque	Interestudantil
Micro-ondas	Superamigo
Micro-ônibus	Superaquecimento
Semi-interno	Supereconômico
Hiper-requintado	Superexigente
Ex-aluno	Superinteressante
Ex-diretor	Superotimismo
Ex-prefeito	Sem-terra
Ex-presidente	Capim-açu**
Pós-graduação	Girassol
Pré-história	Paraquedas
Pré-vestibular	Paraquedista
Recém-casado	Pontapé
Recém-nascido	Pré-história
Antirroubo	Semi-hospitalar
Autoafirmação	Antissemita
Autoanálise	Super-revista
Autoimune	Extraescolar
Copiloto	Hidroelétrica

Folhas pardas dos grupos



Regras das competições que serão realizadas no 2º e no 3º encontro

REGRAS DA COMPETIÇÃO EM GRUPO (2º encontro)

- Nesta competição, os(as) alunos(as) serão separados(as) a princípio em grupos de 5 alunos(as), isso vai depender do número de alunos inscritos no projeto. (Os(As) próprios(as) alunos(as) formarão seus grupos).
- Feito isso, serão sorteadas palavras que de alguma maneira sofreram alterações com o AOLP
- A palavra será lida pelo(a) professor(a) estagiário(a). O(A) professor(a) estagiário(a) lerá a palavra sorteada 3 vezes e ao final perguntará se algum grupo ainda permanece com dúvida sobre a palavra lida. Em caso de dúvida, a palavra será lida apenas mais uma vez. Passado esse momento, cada grupo deverá escrevê-la em uma folha destinada para isso e fixá-la em uma folha parda do grupo, a qual estará posta à frente da sala. Os grupos terão 1 minuto para escrever a palavra depois de lida pelo professor estagiário. Caso o grupo não saiba escrever a palavra ou não queira respondê-la, a folha de resposta, em branco, deverá ser colocada na folha parda do grupo, e será considerada resposta errada.
- A palavra escrita pelo grupo não poderá ter nenhum tipo de rasura. A palavra com rasura será considerada errada. Essa folha com a palavra rasurada poderá ser substituída por outra folha, porém, como o número de folhas, de cada grupo, para escrever as palavras, é limitado à quantidade de palavras que serão sorteadas, ao final das palavras o grupo ficará sem folha para as últimas palavras lidas.
- Inicialmente, serão sorteadas +/- 20 palavras (o sorteio e a escrita deverão caber dentro das duas aulas iniciais). Feito isso, haverá um intervalo de 10 minutos. (Lanche entre alunos/as e professores)
- Na volta do intervalo, primeiramente, será realizada, juntamente com os alunos, a correção de todas as palavras sorteadas (Havendo tempo, todas as palavras previstas, no projeto, serão objeto de correção. Essa correção será realizada de acordo com as novas regras ortográficas). Terminada essa fase, será apurada a pontuação que cada grupo atingiu. Terminado, o grupo que alcançar a maior pontuação será declarado o grupo campeão. Em caso de empate, uma nova palavra será lida e respondida pelos grupos que terminaram empatados. Essa nova etapa terá caráter eliminatório, ou seja, errada a palavra o grupo é eliminado da disputa, até permanecer apenas um grupo.
- Os(As) alunos(a) do grupo declarado vencedor terão uma vantagem/premiação na gincana de soletração que será realizada na próxima sexta-feira. (Durante a gincana esse(a) aluno(a) poderá pular uma palavra durante a competição. Ou seja, caso ele(a) não tenha certeza de como soletrar determinada palavra, ele(a) poderá pedir para pular/passar essa palavra. Nesse caso, outra palavra será sorteada para a dupla soletrar. Isso só será permitido uma única vez, e não poderá ser usado depois de haver iniciada a soletração da palavra).

REGRAS DA COMPETIÇÃO DE SOLETRAÇÃO (3º encontro)

- Na competição de soletração, os(a) alunos(a) serão sorteados(a) pela lista de inscrição e dispostos(as) inicialmente em grupos de 2 alunos(as) de cada vez para disputarem a soletração. Dependendo do número de alunos, poderá haver na última rodada de cada fase uma eliminatória com 3 alunos/as.
- Feito o sorteio da dupla, os alunos(as) sentarão no local destinado a eles/as. Na sequência será sorteada uma palavra. Feito o sorteio um(a) professor(a) estagiário(a) fará a leitura da palavra (a palavra será repetida 2 vezes). Antes de iniciar a soletração o(a) aluno(a) poderá pedir para ouvir novamente a palavra. O primeiro aluno sorteado soletrará primeiro a palavra. A palavra sorteada será soletrada pelos dois alunos. Na hora da soletração o(a) aluno(a) deverá: - repetir a palavra dita; - soletrar; e - repetir novamente a palavra, indicando que terminou a soletração. Feita a soletração, o/a próximo/a aluno/a também fará a soletração da palavra. Cada aluno/a terá dois minutos para soletrar a palavra. (Haverá um cronômetro para o aluno controlar o tempo de soletração).
- Se o/a aluno/a errar e/ou esquecer alguma letra, acento, ou qualquer outro sinal gráfico como: cedilha, hífen, etc., a soletração será considerada errada. Depois de iniciada a soletração, será proibido corrigir qualquer letra. O aluno poderá até recomeçar a soletração, mas não poderá mudar a ordem de nenhuma letra que já tenha soletrado. **ATENÇÃO:** Os sinais gráficos (Acento agudo (´), Acento circunflexo (^), Til (~), Cedilha (ç), Trema (¨) e Hífen (-) deverão ser soletrados logo após a letra que o utiliza.
- A soletração será anotada por um dos professores estagiário.
- Depois da soletração dos dois alunos, um professor estagiário falará quem acertou e quem errou a soletração. Em caso dos dois acertarem ou errarem, uma nova rodada será realizada com a dupla. No caso de um acerto e um erro, o aluno que acertou segue na competição e o outro é eliminado.
- O aluno que venceu o confronto aguarda até o término da rodada. O aluno que errou a soletração deverá permanecer na sala, em silêncio, até o término da competição, como forma de respeito e estímulo aos outros alunos e alunas. Terminada a rodada, os vencedores serão novamente sorteados em duplas e realizarão novo confronto conforme as regras anteriores, e, assim, sucessivamente até sobrar a última dupla ou trio e, conseqüentemente, o campeão do soletrando. O/A aluno/a campeão/ã receberá como prêmio um Dicionário da Língua Portuguesa.
- Caso apareça alguma dúvida não abrangida por essas normas, uma comissão composta pelas professoras Isabel e Myriam e pelos professores estagiários será a responsável por saná-la

Cronograma para os(as) alunos(as)

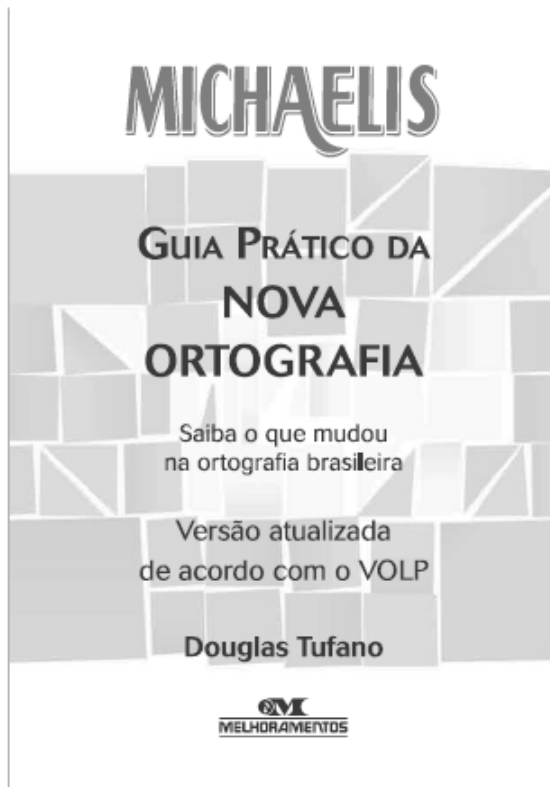
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I (MEN7001)

UNIDADE ESCOLAR: COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
COORDENADORA DE ESTÁGIO: Doutora Isabel Monguilhott
ESTAGIÁRIO/AS: Laís Cristina Oliveira Afonso, Rafaela Rebello Duarte e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
ANO ESCOLAR: alunos(as) do Ensino Fundamental - EJA
TURMAS: do período noturno

CRONOGRAMA DAS OFICINAS

ENCONTRO	DATA/HORA	OBJETIVOS
1º DIA	21/10/16 (sexta-feira) 2 h/a (das 18h45 às 20h05) Intervalo (lanche) 2 h/a (das 20h15 às 21h35)	- Conhecer o Projeto extraclasse que será desenvolvido durante os encontros; - Compreender as principais alterações introduzidas na ortografia da Língua Portuguesa pelo Novo Acordo da Língua Portuguesa, assinado em 1990. - Saber o que é e para que serve a ortografia; e - Conhecer a contextualização histórica do Novo Acordo Ortográfico.
2º DIA	04/11/16 (sexta-feira) 2 h/a (das 18h45 às 20h05) Intervalo (lanche) 2 h/a (das 20h15 às 21h35)	- Participar de uma gincana em grupos; - Desenvolver as principais alterações introduzidas na ortografia da Língua Portuguesa pelo Novo Acordo da Língua Portuguesa, assinado em 1990; e - Demonstrar as estratégias e os mecanismos de trabalho em grupo.
3º DIA	18/11/16 (sexta-feira) 2 h/a (das 18h45 às 20h05) Intervalo (lanche) 2 h/a (das 20h15 às 21h35)	- Participar de uma gincana individual de soletração; - Testar os conhecimentos ortográficos internalizados e os adquiridos durante o projeto; e - Demonstrar as estratégias e os mecanismos de trabalho individual.

Guia do Novo Acordo Ortográfico



© 2009 Douglas Tufano
Professor e autor de Dicionário de Língua Portuguesa
© 2009 Editora Melhoramentos Ltda.
Impressão: 2012 Brasil
ISBN 978-85-03-02688-2
1ª edição, 404 p. de 2009
Apostila em português
Cota CDD 438.1 - CDD 2004-499
MCP-000 - 07 - 3a ed.

Visite-nos em www.michaelismelhoramentos.com.br
e contate o Michaelis Dicionário Escolar Língua Portuguesa, a primeira associação conferente o Acordo Ortográfico.

Acordo Ortográfico

O objetivo deste guia é expor ao leitor, de maneira objetiva, as alterações introduzidas na ortografia da língua portuguesa pelo *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste. No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo n.º 54, de 18 de abril de 1995.

Esse Acordo é instrumento ortográfico, porém, restringe-se à língua escrita, não afetando nenhum aspecto da língua falada. Ele não elimina todas as diferenças ortográficas observadas

4 **Douglas Tufano**

nos países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, mas é um passo em direção à pretendida unificação ortográfica desses países.

Este guia foi elaborado de acordo com a 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*, publicado pela Academia Brasileira de Letras em março de 2009.

5 **Guia Prático da Nova Ortografia**

Mudanças no alfabeto

O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras **k**, **w** e **y**. O alfabeto completo passa a ser:

A B C D E F G H I
J K L M N O P Q R
S T U V W X Y Z

As letras **k**, **w** e **y**, que na verdade não tinham desaparecido da maioria dos dicionários da nossa língua, são usadas em várias situações. Por exemplo:

a) na escrita de símbolos de unidades de medida: **ka** (quilômetro), **kg** (quilograma), **W** (watt);

6 **Douglas Tufano**

b) na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): **show**, **playboy**, **playground**, **windsurf**, **king fu**, **yin, yang**, **William**, **kaiser**, **KaKa**, **kafkiano**.

Trema

Não se usa mais o trema (¨), sinal colocado sobre a letra **u** para indicar que ela deve ser pronunciada nos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**.

Cemso era	Cemso fcs
agüentar	aguentar
argüir	arguir
bilíngüe	bílingue

7 **Guia Prático da Nova Ortografia**

cloqüenta	cloqüenta
delinqüente	delinqüente
eloqüente	eloqüente
ensangüentado	ensangüentado
esqüestre	esqüestre
freqüente	freqüente
lingüeta	lingüeta
lingüiça	lingüiça
qüinqüênio	qüinqüênio
sagüi	sagüi
seqüência	seqüência
seqüestro	seqüestro
tranqüilo	tranqüilo

Atenção: o trema permanece apenas nas palavras estrangeiras e em suas derivadas. Exemplos: Müller, mülleriano.

Mudanças nas regras de acentuação

1. Não se usa mais o acento dos ditongos abertos *êi* e *êi* das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba).

Como era	Como fica
alcalóide	alcaloide
alcanóide	alcanoide
andróide	androide
apóia (verbo apoiar)	apoia
apóio (verbo apoiar)	apoio
asteróide	astroide
bóia	boia
celulóide	celuloide
clarabóia	claraboia
colméia	colmeia

Coreia	Coreia
debólido	debolido
epopéia	epopéia
estóico	estóico
estóia	estóia
estúio (verbo estrear)	estúio
peléia	peléia
heróico	heroico
idéia	ideia
jibóia	jiboia
jóia	jóia
odisséia	odisséia
paranóia	paranoia
paranóico	paranoico
platóia	plátia
tramóia	tramóia

Atenção: essa regra é válida somente para palavras paroxítonas. Assim, continuam a ser acentuadas as palavras

oxítonas e os monossílabos tônicos terminados em *ên* e *ô(s)*. Exemplos: *pegêis*, *herói*, *heróis*, *ói* (verbo *doer*), *sóis* etc.

2. Nas palavras paroxítonas, não se usa mais o acento no *i* e no *u* tônicos quando vierem depois de um ditongo decrescente.

Como era	Como fica
baúca	baúca
bocáiva	bocativa*
cauíla	cauíla**
feúia	feúia

* *bocativa* = certo tipo de palmeira
** *cauíla* = avareto

Atenção: 1) se a palavra for oxítona e o *i* ou o *u* estiverem em posição final (ou seguidos de *s*), o acento permanece. Exemplos: *tuíui*, *tuíuis*, *tuíuis*; 2) se o *i* ou o *u* forem precedidos de ditongo crescente, o acento permanece. Exemplos: *gaúba*, *Gaúba*.

3. Não se usa mais o acento das palavras terminadas em *tem* e *des*(s).

Como era	Como fica
abênço	abenço
crém (verbo <i>crer</i>)	creem
dém (verbo <i>dar</i>)	deem
dóo (verbo <i>doar</i>)	doe
enjo	enjo
leem (verbo <i>ler</i>)	leem
magóo (verbo <i>magoar</i>)	magoo

perdo (verbo <i>perdoar</i>)	perdo
povo (verbo <i>povoar</i>)	povo
vém (verbo <i>ver</i>)	vem
vós	vós
zô	zo

4. Não se usa mais o acento que diferenciava os pares *pára/para*, *péla(s)/pela(s)*, *pélo(s)/pelo(s)*, *pôo(s)/poo(s)* e *péra/pera*.

Como era	Como fica
Ele pára o carro.	Ele para o carro.
Ele foi ao pélo.	Ele foi ao pelo.
North.	North.
Ele gosta de jogar pólo.	Ele gosta de jogar polo.
Esse gato tem pelôs brancos.	Esse gato tem pelos brancos.
Comi uma péra.	Comi uma pera.

Atenção!

* Permanece o acento diferencial em *pôde/pode*. *Pôde* é a forma do passado do verbo *poder* (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. *Pode* é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Exemplo: Ontem, ele não pôde sair mais cedo, mas hoje ele pode.

* Permanece o acento diferencial em *pêra/para*. *Pêra* é verbo. *Para* é preposição. Exemplo: Nôis pêra o livro na estante que foi feita por mim.

* Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos *ter* e *vir*, assim como de seus derivados (*manter*, *deitar*, *reter*, *conter*, *intervir*, *admir* etc.). Exemplos:

Ele tem dois carros. / Eles têm dois carros.

Ele vem de Sorocaba. / Eles vêm de Sorocaba.

Ele mantém a palavra. / Eles mantêm a palavra.

Ele convém aos estudantes. / Eles convêm aos estudantes.

Ele detém o poder. / Eles detêm o poder.

Ele intervém em todas as aulas. / Eles intervêm em todas as aulas.

* É facultativo o uso de acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/forma. Em alguns casos, o uso do acento deixa a frase mais clara. Veja este exemplo. Qual é a forma da flêma do bôo?

5. Não se usa mais o acento agudo no *o* tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. O mesmo vale para o seu composto *redarguir*.

6. Há uma variação na presença dos verbos terminados em *guar*, *quar* e *quir*, como *aguar*, *averguar*, *apuzigar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir* etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) se forem pronunciadas com a *eu* *i* tônico, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:

- verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxáguas, enxáguas; enxáguas, enxáguas, enxáguas;
 - verbo delinquir: delinqüo, delinqües, delinqües, delinqüem; delinqüa, delinqüa, delinqüam;
- b) se forem pronunciadas com a tônica, essas formas deixam de ser acentuadas. Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):
- verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxáguas, enxáguas; enxáguas, enxáguas, enxáguas;
 - verbo delinquir: delinqüo, delinqües, delinqües, delinqüem; delinqüa, delinqüa, delinqüam.
- Atenção: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com a e final.

Uso do hífen com compostos

1. Usa-se o hífen nas palavras compostas que não apresentam elementos de ligação. Exemplos:

guarda-chuva, arco-íris, bon-fê, segunda-feira, mesa-redonda, vaga-lume, João-ninguém, porta-malas, porta-bandeira, pão-duro, bote-boca

* Exceções: Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição, como girassol, madressilva, mazadchuvia, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo.

2. Usa-se o hífen em compostos que têm palavras iguais ou quase iguais, sem elementos de ligação. Exemplos:

reco-reco, lá-lá-lá-lá, zum-zum, tico-tico, tique-tique, cri-cri, glú-glú, non-con, pingue-pongue, zigzague, esconde-esconde, pega-pega, corre-corre

3. Não se usa o hífen em compostos que apresentam elementos de ligação. Exemplos:

pé de moleque, pé de vento, pé de índio, dia a dia, fim de semana, cor de vinho, ponto e vírgula, camisa de força, cara de pau, olho de sogra

Incluem-se nesse caso os compostos de base cracional. Exemplos:

maria vai com as outras, leva e traz, diz que diz que, deus me livre, deus nos acuda, cor de burro quando foge, bicho de sete cabeças, faz de conta

* Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-moleca, ao-deus-dará, à-queima-roupa.

4. Usa-se o hífen nos compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo. Exemplos:

gota-d'água, pé-d'água

5. Usa-se o hífen nas palavras compostas derivadas de topônimos (nomes próprios de lugares), com ou sem elementos de ligação. Exemplos:

Belo Horizonte
belo-horizontino
Perto Alegre —
perto-alegrense
Mato Grosso do Sul —
mato-grossense-do-sul
Rio Grande do Norte
rio-grandense-do-norte
África do Sul —
sul-africano

6. Usa-se o hífen nos compostos que designam espécies animais e botânicas (nomes de plantas, flores, frutos, raízes, sementes), tenham ou não elementos de ligação. Exemplos:

bem-te-vi, peixe-espada, peixe-do-paraiso, mico-leão-dourado, andorinha-da-sera, lebre-da-patagônia, erva-doce, ervilha-de-cheiro, pimenta-do-reino, peneta-do-campo, cravo-da-índia

Obs.: não se usa o hífen quando os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas são empregados fora de seu sentido original. Observe a diferença de sentido entre os pares:

a) **bico-de-papagaio** (espécie de planta ornamental) • **bico de papagaio** (deformação nas vértebras).
b) **olho-de-bui** (espécie de peixe) • **olho de boi** (espécie de selo postal).

Uso do hífen com prefixos

As observações a seguir referem-se ao uso do hífen em palavras formadas por prefixos (anti, super, ultra, sub etc.) ou por elementos que podem funcionar como prefixos (arco, agro, auto, eletro, geo, hidro, macro, micro, mini, multi, neo etc.).

Casos gerais

1. Usa-se o hífen diante de palavra iniciada por h. Exemplos:

anti-higiénico
anti-histórico
macro-história

mini-hotel
proto-história
sobehumano
super-homem
ultra-humano

2. Usa-se o hífen se o prefixo terminar com a mesma letra com que se inicia a outra palavra. Exemplos:

micro-midas
anti-sufocatório
sub-bibliotecário
inter-regional

3. Não se usa o hífen se o prefixo terminar com letra diferente daquela com que se inicia a outra palavra. Exemplos:

autoscopia
antídoto
intermínica
superfúscio
superintendente
agropecuária
aerospacial
autocêntrico

* Se o prefixo terminar por vogal e a outra palavra começar por r ou s, dobram-se essas letras. Exemplos:

missississipi
aerossucesso
ultrassom
semestre

Casos particulares

1. Com os prefixos **sub** e **sub-**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por r. Exemplos:

sub-região
sub-ritor
sub-regional
sub-redes

2. Com os prefixos **circum** e **pan-**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por m, n e vogal. Exemplos:

circum-navegação
circum-navegador
pan-americano

3. Usa-se o hífen com os prefixos **ex-**, **sem-**, **além-**, **aquém-**, **reotim-**, **pós-**, **pré-**, **pró-**, **vice-**. Exemplos:

além-mar
além-tímulo
aquém-mar
ex-aluno
ex-diretor
ex-hospedero
ex-prefeito
ex-presidente
pós-graduação
pré-história
pré-vestibular
pré-europeu
reotim-casado
sem-terra
vice-rei

4. O prefixo **co-** junta-se com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por o ou h. Neste último caso, corta-se o h. Se a palavra seguinte começar com r ou s, dobram-se essas letras. Exemplos:

coobrigação
coedição
coeducar
cofundador
cohabitação
coedreitor
correr
corresponsável
cosseio

5. Com os prefixos **pre-** e **re-**, não se usa o hífen, mesmo diante de palavras começadas por e. Exemplos:

preexistente
prelaborar
reacriar
redifusão

6. Na formação de palavras com **ab-**, **ob-** e **ad-**, usa-se o hífen diante de palavra começada por h, il ou r. Exemplos:

ad-digital
ad-renal
ob-rugar
ob-rigar

Outros casos do uso do hífen

1. Não se usa o hífen na formação de palavras com **não** e **quase**. Exemplos:

(acordo de) não agressão
(isto é um) quase diário

2. Com **mal***, usa-se o hífen quando a palavra seguinte começar por vogal, h ou l. Exemplos:

mal-entendido
mal-estar
mal-humorado
mal-limpo

* Quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de

ligação. Exemplo: **mal-francês**. Se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen. Exemplos: **mal de lézaro**, **mal de sete dias**.

3. Usa-se o hífen com sufixos de origem tupi-guarani, que representam formas adjetivas, como **-guáçu**, **-mirim**. Exemplos:

capim-guáçu
amoré-guáçu
arajá-mirim

4. Usa-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulo, mas encaixamentos vocálicos. Exemplos:

porte Rio-Niterói
eixo Rio-São Paulo

5. Para clareza gráfica, se ao final de linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte. Exemplos:

Na cidade, corta-se que ele foi viajar.

O diretor foi receber os ex-alunos.

A Editora Melhoramentos, sempre preocupada em auxiliar os estudantes e professores brasileiros, lança esta nova versão do *Guia Prático da Nova Ortografia*, que explica, de maneira didática, as alterações introduzidas na nossa ortografia pelo recente *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*.

Esta nova versão foi elaborada de acordo com a 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*, publicado pela Academia Brasileira de Letras em março de 2009.

Editora Melhoramentos
Abril de 2009

ISBN 978-85-06-05464-2



9 788506 054642

3.2. Relato da docência no projeto extraclasse

1º Encontro – 21/10/2016 (sexta-feira)

Horário: das 18h45 às 20h05 e das 20h15 às 21h35

O primeiro encontro do projeto extraclasse estava destinado a apresentar aos alunos a história do acordo ortográfico, de modo que eles compreendessem a proposta da unificação ortográfica, pautada mais em ideais políticos do que linguísticos. A aula foi expositiva, por meio de slides em *power point*, sendo que cada estagiário ficou responsável pela abordagem de determinados slides. Os alunos mostraram interesse, questionaram os estagiários a respeito do novo acordo ortográfico, e julgaram importante levar a eles a proposta da unificação ortográfica, tendo em vista sua obrigatoriedade a partir de janeiro de 2016.

No intervalo, os estagiários prepararam um *coffee breack* para os alunos, a fim de tornar um momento de interação entre professora orientadora, estagiários e alunos. Por ser um projeto extraclasse, que ultrapassa a carga temporária da professora regente, não houve seu comparecimento nesse encontro. Os alunos, em uma primeira análise, se sentiram gratificados pelo projeto e pela atenção gerada, já que não é costumeiro a execução de projetos docência no colégio.

Por fim, os alunos retornaram às suas carteiras, foi dada a sequência do plano de aula, sendo expostos outros slides sobre o novo acordo ortográfico, e o tempo encerrou a noite.

2º Encontro – 04/11/2016 (sexta-feira)

Horário: das 18h45 às 20h05 e das 20h15 às 21h35

Conforme planejado, neste encontro ocorreu a primeira etapa da gincana de soletração. Os(As) alunos(as) foram separados/as em 4 grupos diferentes, de 5 e 6 alunos em cada um, para que pudessem juntos se preparar para a próxima fase da gincana, realizada no encontro seguinte.

Os professores estagiários iniciaram o encontro lendo as regras para a gincana e, em seguida, disponibilizaram mais 5 minutos para que os alunos fizessem uma nova leitura da lista de palavras que seriam sorteadas para revisarem antes de iniciar a gincana. Feito isso, pediram aos(às) alunos(as) guardassem os celulares e materiais, inclusive a lista de palavras. Iniciou-se a gincana. As palavras eram sorteadas, e os grupos tinham 1 min para escreverem a palavra na folha destinada a isso. Em seguida, os professores recolhiam as folhas e as pregavam nos papéis pardos que estavam postos à frente da sala. Foram sorteadas 20 palavras.

A turma reagiu bem, todos(as) alunos(as) participaram e pudemos ver o engajamento e interesse de todos(as). Após essa primeira etapa, foi feito um intervalo para o lanche. Para finalizar o encontro, foram feitas as correções das palavras escritas por cada grupo e declarado o grupo vencedor daquela gincana.

3º Encontro – 18/11/2016 (sexta-feira)

Horário: das 18h45 às 20h05 e das 20h15 às 21h35

O terceiro e último encontro teve como objetivo desenvolver e verificar, por meio de uma gincana de soletração, os conhecimentos ortográficos das alunas e dos alunos sobre as alterações ocorridas com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, o qual passou a vigorar em 1º de janeiro deste ano. Sendo que, ao final da competição, o(a) campeão(ã) será presenteado(a) com a última versão do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Os estagiários iniciaram a aula agradecendo a presença dos(as) alunos(as). Após os agradecimentos, o estagiário Rogerio falou rapidamente como a competição iria se desenvolver. Feito isso, foram distribuídas duas folhas para os(as) alunos(as). Uma com as 150 palavras que poderiam ser sorteadas para serem soletradas e a outra com as regras da competição. Após a entrega das folhas, o aluno Rogerio fez a leitura das regras e solucionou as dúvidas dos(as) competidores(as). Lidas as regras e sanadas as dúvidas, teve início a competição. Para isso, cada estagiário ficou responsável por uma tarefa. A estagiária Rafaela ficou responsável por manter a ordem e sortear as duplas que competiriam em cada rodada e por sortear as palavras que seriam soletradas. A estagiária Laís e o estagiário Rogerio se revezaram nas atividades de controlar o tempo que os alunos tinham para soletrar (cronômetro projetado na tela de projeções) e anotação dos(as) alunos(as) sorteados(as) para a rodada de soletração, leitura da palavra sorteada para soletração, anotação da soletração realizada por cada aluno(a) e da indicação do(a) aluno(a) que acertou e do(a) aluno(a) que errou a palavra. Quando um(a) dos(as) alunos(as) acertava a palavra e o(a) outro(a) errava, o(a) que acertou ficava aguardando até a passagem de todos os(as) alunos(as) que ainda faltavam competir naquela rodada. Terminada a rodada, os(as) alunos(as) que acertavam a soletração passavam para a próxima rodada de competição e os(as) que erravam permaneciam na sala, em respeito aos(as) alunos(as) que ainda permaneciam na competição.

Após várias rodadas de disputas e muita torcida para um(a) ou para outro(a) aluno(a), a aluna JOICIANE DE OLIVEIRA, do Ensino Médio – EJA, sagrou-se a grande vencedora do Projeto Soletrando o Novo Acordo Ortográfico. Terminada a competição e feita

a entrega da premiação, todos(as) os(as) alunos(as) foram convidados(as) para um lanche de confraternização, entre alunos(as), estagiário(as) e professores, que ocorreria na sala ao lado.

3.2.1. Reflexão sobre a prática pedagógica no extraclasse

Este projeto buscou contribuir para que os/as alunos/as aprendessem e/ou tivessem mais contato com as principais regras do novo acordo ortográfico, assinado em 1990, e pudessem ter bons resultados ao escreverem na prova do ENEM ou algum outro vestibular.

Inicialmente, como a nossa turma do projeto de docência era grande, pensamos em aplicar o projeto extraclasse apenas a ela, visto que não daríamos conta de uma turma maior do que aquela, tanto pelo espaço quanto pela nossa metodologia. Entretanto, depois de fazermos vários convites e passarmos antecipadamente listas de confirmação de interesse neste projeto, percebemos que não havíamos alcançado o mínimo de 30 alunos e precisamos escolher outra turma. A turma contemplada foi o terceiro ano do ensino médio, tendo em vista que poderíamos contribuir para que estes/as alunos/as tivessem melhores resultados nas provas/vestibulares que virão ao término desta etapa de estudos.

Quanto às escolhas da temática, “O novo acordo ortográfico”, e da metodologia que utilizamos para aplicar este projeto, acreditamos que foram enriquecedoras para os(as) alunos/as. Muitos(as) chegavam às aulas e diziam, por vergonha ou por pensar que não dariam conta: “Só vim assistir, não vou participar da gincana de soletração”, mas ao perceberem, na primeira etapa – a soletração em grupo –, que sabiam as palavras e que podiam contribuir com o grupo, todos(as) acabavam participando. No segundo encontro – a soletração individual propriamente dita –, muitos/as, mesmo envergonhados/as, participaram, pois entenderam que estavam ali brincando e aprendendo ao mesmo tempo, e que errar era “normal”.

Sendo assim, podemos afirmar que os nossos objetivos propostos quando pensamos o projeto foram alcançados, tendo em vista que ao mesmo tempo em que fizemos a contextualização histórica do Novo Acordo Ortográfico e apresentamos as principais regras do Novo Acordo aos/as alunos/as, promovemos a integração dos/as alunos/as, tanto nos grupos quanto entre as turmas (9º ano da EJA e 3º ano do ensino regular) e estimulamos habilidades, como concentração, raciocínio e agilidade mental.

Embora o tempo para passar todas as regras do Novo Acordo Ortográfico tenha sido pequeno, conseguimos passar as principais, como havíamos proposto, e percebemos que os/as alunos/as conseguiram assimilar bem a maior parte do conteúdo.

4. ENSAIOS INDIVIDUAIS

4.1. ENSAIO DA ESTAGIÁRIA LAÍS CRISTINA OLIVEIRA AFONSO

Experiência de estágio: reflexões acerca da primeira etapa do “ser professor”

A disciplina de Estágio de Língua Portuguesa e Literatura proporciona aos alunos a oportunidade de conhecer um pouco da realidade escolar e de colocar em prática as teorias estudadas desde o início da graduação. O presente ensaio tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a minha experiência nesta disciplina, que se deu no Colégio Maria Luiza de Melo, o Melão.

“E agora?”. Essa foi a pergunta que eu me fiz diversas vezes antes e ao me matricular nesta disciplina de estágio. A impressão e sensação que tenho comigo é que só agora neste semestre é que conheci realmente a realidade da sala de aula. Em outras matérias, muitas foram as leituras e discussões acerca de como são as escolas, as salas de aula, enfim, o ensino das escolas brasileiras, mas, como dito anteriormente, só agora foi possível conhecer de fato (e acredito, claro, que a nova experiência, a cada colégio que eu passar, novas descobertas, novos obstáculos e novos desafios aparecerão).

Aos poucos, durante o decorrer deste semestre, pude responder interiormente os questionamentos que eu me fazia antes. O estágio possui como função, dentre outras, não a de nos tornarmos e sairmos professores prontos para atuarmos nas escolas, mas sim de proporcionar o contato supervisionado com a docência e a subida do primeiro degrau da profissão “ser professor”, haja vista que trata-se de um processo contínuo e que sempre haverá algo para aprender.

Executar o projeto de docência no Melão foi uma experiência enriquecedora. A turma era o nono ano da Educação para Jovens e Adultos. Foi gratificante poder dar aulas para adultos de 50, 60 anos que escolheram voltar a estudar. Trabalhavam o dia todo e à noite estavam ali, dispostos e empenhados em aprender coisas novas. Havia também os adolescentes que, talvez por problemas de ordens familiar, social, etc., não colaboravam muito e nem sempre estavam dispostos a participar das aulas e atividades propostas. Esse fato

não deixou a experiência fosse menos gratificante, mas me fez pensar no que a escola poderia fazer para melhorar isso.

Com relação ao colégio, durante a minha experiência, percebi que alguns pontos poderiam ser tratados de outra forma. O que mais me frustrou quando fizemos a primeira visita foi saber que as turmas do período noturno não podiam usufruir da biblioteca, pegar livros emprestados. Sendo a biblioteca uma fonte cultura, necessária para ampliar os conhecimentos tanto dos professores quanto dos alunos e um ambiente que contribui para os hábitos de leitura e pesquisa, não permitir que os alunos usufruam deste ambiente me parece que o ensino oferecido pela escola fica incompleto.

Segundo Soares (2004), os fatores que determinam o desempenho cognitivo dos alunos pertencem a três grandes categorias: os associados à estrutura escolar; os associados à família; e àqueles relacionados ao próprio aluno.

Como já dito anteriormente, a escola não permite aos alunos o uso da biblioteca, sendo assim, embora tenha uma boa estrutura, a qual conta com sala de biblioteca, é como se esta não existisse para os alunos do período noturno.

Durante a minha experiência, senti falta também de um apoio pedagógico e psicológico mais presente. Soubemos que há muitas famílias com problemas de estruturação, aluno com problema de depressão, outro com problema de hiperatividade, enfim, vários exemplos em que, caso houvesse uma atenção maior a esses alunos, um atendimento psicológico, por exemplo, acredito que o desempenho em sala de aula e o interesse pela escola poderiam aumentar.

Embora tenha percebido pontos negativos, a experiência deste estágio não deixou de ser positiva. Mesmo sendo trabalhosa e desgastante, foi fundamental para que eu desse o primeiro passo rumo à profissão “ser professor”.

4.2. ENSAIO DA ESTAGIÁRIA RAFAELA REBELLO DUARTE

A estrutura da aula de português

O Brasil é um país onde a cultura é manifestada nas diversas formas de expressão do falante, principalmente, no que tange aos aspectos linguísticos. Esse país, que dispõe do português brasileiro como língua oficial, é considerado monolíngue pelas instituições

superiores, embora a realidade seja outra: um país plurilinguístico, caso afirmado pelas línguas indígenas, por exemplo. Essa informação é um dos pilares que sustenta (ou deveria) a formação do professor de português, uma vez que, trabalhar com língua é, sobretudo, reconhecer seu papel heterogêneo exercido pelos falantes. Segundo Coelho e Gorski (2009, p. 84)

O que se espera do professor é que ele trabalhe o hiato que existe entre a variedade trazida pelo aluno de casa (que nunca deve ser taxada de “erro”) e a norma culta, no sentido da inclusão social do aluno e não no sentido da discriminação ou da exclusão.

Infelizmente, o que se vê nas aulas de português são professores com pouco conhecimento sobre, de fato, o que é a língua, que demonstram dificuldades em planejar suas aulas sob a estrutura básica de um planejamento: um plano de ação e uma meta. Por ausência de uma boa formação, os lecionadores acabam replicando aos alunos apenas o “reconhecimento” da língua, isto é, o de que existe uma língua pautada em regras normativas, cujo dicotomia baseia-se em “certo” e “errado”. Ninguém os ensinou que errado é ensinar que existe algo errado? Essa falha parece surgir de alguns fatores, simples, mas que causam estragos eternos. O primeiro deles, a partir de uma perspectiva política, refere-se à desvalorização de um plano educacional na nossa sociedade, o segundo à formação acadêmicas dos profissionais, e o terceiro, ao comprometimento com a própria profissão. Em suma, três eixos: a força externa, a formação e o comprometimento com a própria profissão escolhida.

A questão colocada neste ensaio, juntamente com Coelho e Gorski (2009), relaciona-se às reflexões da linguagem e língua que devem ser feitas dentro de sala, no que tange aos seus usos orais e escritos, uma vez que o aluno quando vai à escola leva consigo sua língua materna, isto é, a primeira língua com a qual manteve contato, a língua da esfera familiar, sendo “o papel da escola oferecer condições para que o aluno desenvolva sua competência comunicativa.” (Coelho e Gorski (2009, p. 83). Essa competência refere-se ao domínio da norma culta em suas mais variadas esferas de uso, no plano oral ou de escrita, pois é a norma que, de certa forma, possui ascensão social. Os alunos, enquanto sujeitos que trilham seus caminhos, precisam ter o domínio dessa norma a fim de que saibam usá-las em situações que serão exigidas, seja em situações orais formais como uma entrevista de emprego ou situações de escrita formal, como a redação de um vestibular. No plano da escrita assumo com Possenti (1996, p. 20) que

Uma das medidas que o grau de utilização efetiva língua escrita possa ser atingido é escrever e ler constantemente, inclusive nas aulas de português. Ler e escrever não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa e atitude

de vida, mas atividades essenciais ao ensino da língua. Portanto, seu lugar privilegiado, embora não exclusivo, é a sala de aula.

Percebe-se que o ensino de gramática não deve ser pautado em um sistema de regras fechado em si mesmo, mas sim articulado a outros mecanismos de conhecimento, como aos eixos leitura-escrita-oralidade. Não é difícil compreender que o ensinamento de um desses eixos quando aplicado isoladamente a um planejamento não atinge o objetivo proposto, o do domínio da língua. Por um lado, há os que acreditam que trabalhar os mecanismos de coesão e coerência com os alunos seja o suficiente para que seja dominada a língua, do outro há os que acreditam que a aula de português pautada em uma gramática normativa dotada de regras é ensinar a essência da língua.

O equilíbrio entre essas duas ideias é o grande desafio imposto ao professor de português, isto é, não somente utilizar os mecanismos de coesão e coerência a partir de substituições de formas, sem fazer com o aluno reflita sobre aquele tipo de construção oracional, e muito menos cair no sistema “decoreba” do sistema linguístico. A peça chave para o conhecimento da língua é a reflexão em torno de suas formas e usos.

4.3. ENSAIO DO ESTAGIÁRIO ROGERIO CRUZ PEREIRA

Escola (sem) partida(o)?

Resultado de um desgaste político que se iniciou com as chamadas Manifestações/Jornadas de junho de 2013 ou Manifestações dos 20 centavos, no dia 31 de agosto deste ano, o Senado Federal votou pelo *impeachment* da então Presidenta da República Dilma Rousseff. Processo (sic) esse que teve início em 1º de dezembro de 2015, quando a Câmara dos Deputados aprovou, por maioria qualificada, a sua abertura²⁸. Consequência desse processo, o novo governo (sic) enviou ao Congresso Nacional, no dia 22 de setembro, uma proposta de reforma do Ensino Médio, via Medida Provisória (MP 746/2016). Ou seja, sem a devida consulta da sociedade civil via Congresso Nacional, a chamada casa do povo. Fruto dessa decisão e de outras medidas polêmicas, propostas pelo governo (sic), como a MP 241 que congela os gastos do governo por 20 anos, várias escolas do Brasil foram ocupadas como forma de protesto a essas medidas.

²⁸ Fonte: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/08/31/senado-decide-nesta-quarta-sobre-impeachment-de-dilma-rousseff>

Diante desses acontecimentos, nós, alunos estagiários, pudemos observar, durante todo o período de observação e de docência, a total apatia, desinteresse e inércia por parte dos alunos e das alunas, do período noturno, do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo, em especial os(as) alunos(as) da turma 392, para os quais lecionamos durante o período de estágio obrigatório, e professores desse colégio, com essas questões políticas que atualmente afetam o Brasil, principalmente as relacionadas à educação. Em nenhum momento do estágio, essas questões político-educacionais (MP do ensino médio e ocupação das escolas) tornaram-se demandas de alunos(as) e de professores(as). Por que esses assuntos não são objetos de leitura/debate em sala de aula? Que tipo de leitura é feita em sala de aula? Existe leitura de informação/crítica na sala de aula? Já estaria a “escola sem partido” de maneira tácita presente nas escolas de Santa Catarina? Foi em meio a essas inquietações que este ensaio foi pensado, como uma forma de tentar responder a essas questões.

No último encontro dos estagiários com os(as) alunos(as), ao ser questionada sobre a metodologia utilizada, durante as aulas do estágio de docência, uma aluna respondeu mais ou menos assim: “Eu gostei muito das aulas porque vocês não entregavam simplesmente o texto para leitura, como era feito antes, vocês debatiam sobre o texto para que nós pudéssemos entender sobre o que o texto estava falando, assim, eu passei a entender mais o que estava escrito.” Ou seja, é necessário que o(a) professor(a) debata, questione, proponha, organize, levante hipóteses. Resumidamente, é preciso que os(as) professores(as) disponibilizem caminhos para que o senso crítico dos(as) alunos(as) seja ativado, aguçado e, principalmente, questionado. Contudo, dessa inquietação, outra pergunta emerge: a leitura é capaz de produzir o senso crítico tão necessários aos(as) nossos(as) alunos(as) ou é o senso crítico que guia as nossas buscas e escolhas de leitura? Ou melhor, o senso crítico surge da leitura ou a leitura surge do senso crítico? Para tentarmos responder a essa pergunta é necessário que o(a) professor(a), inicialmente, entenda que “A leitura não é uma atividade exclusivamente linguística. O professor deve estar atento aos conhecimentos enciclopédicos e aos conhecimentos textuais de seus alunos. Esses dois tipos de conhecimentos somados aos conhecimentos linguísticos formam os conhecimentos prévios de uma pessoa.” (OLIVEIRA, 2010, p. 66) Ou seja, é necessário que o(a) professor(a) conheça o conhecimento de mundo que os(as) seus(suas) alunos(as) estão trazendo para sala de aula, através das suas leituras de mundo. Em outras palavras, é necessário que o(a) professor(a) dialogue com os seus alunos e as suas alunas.

Porém, a atenção deve ser total, *Em Escritos de educação*, Bourdieu (2007, p. 41)

diz o seguinte:

É provavelmente por efeito de inércia cultural que continuamos tomando o **sistema escolar** como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele **é um dos fatores mais eficazes de conservação social**, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como do natural. (Grifo nosso)

Em síntese, o autor nos diz que, se continuarmos a reproduzir as mesmas coisas que são produzidas ao longo do tempo e não tentarmos romper com o círculo vicioso do comodismo do “isso sempre foi feito assim” e do “é melhor não falar sobre isso”, as únicas coisas que entregaremos para os(as) alunos(as) serão as correntes virtuais da imobilidade e do conformismo sociais. Corroborando, Paulo Freire afirma que “A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, **mantendo a ingenuidade dos educandos**, o que pretende, em seu marco ideológico, **(nem sempre percebido por muitos dos que a realizam)** é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão. (FREIRE, 1987, p. 46, grifo nosso)

O meio social impõe-se sobre o indivíduo de modo irresistível. Agimos e nos orientamos por modos que fazem sentido para nós e para o grupo. Foi isso que Bourdieu chamou de “caracteres adquiridos” através do conceito de “habitus”, diz ele:

O habitus, isto é, o organismo do qual o grupo se apropriou e que é apropriado ao grupo, funciona como suporte material da memória coletiva: **instrumento de um grupo, tende a reproduzir nos sucessores o que foi adquirido pelos predecessores**, ou, simplesmente, os predecessores nos sucessores. A hierarquia social dos caracteres adquiridos, assegurada por ele, oferece ao grupo um dos meios mais eficazes para perpetuar-se enquanto grupo e transcender os limites da finitude biológica no sentido de salvaguardar sua maneira distintiva de existir. [...] opera em um nível muito mais profundo que as “tradições familiares”, [...] (BOURDIEU, 2007, p. 113, grifo nosso)

Ou seja, em princípio, nos orientamos e tomamos decisões a partir de pré-disposições já adquiridas e estabelecidas nos nossos diferentes grupos de convivência. Neste ensaio, interpretamos essas disposições tendo como recorte o grupo formado pelo conjunto dos habitantes do estado de Santa Catarina. Grupo que, pela sua construção identitária e escolha dos grupos políticos que comandam a política do estado, ao longo do tempo, mostra-se com um viés reacionário e, principalmente, conservador. O que, com certeza, se reflete dentro das salas de aula como um *habitus* a perpetuar esse conservadorismo.

Diante dessas afirmações, podemos concluir alguma coisa? Acreditamos que não, pois se estabelece de maneira inexorável a seguinte dúvida: é a leitura que constrói o nosso

senso crítico ou o senso crítico é construído e influenciado pelo *habitus* que orienta a nossa busca de determinada leitura crítica? Com isso, esse ensaio busca trazer conceitos para que o leitor possa concluir se o senso crítico nasce da leitura, tão necessária em sala de aula, ou a leitura nasce do senso crítico, sendo este tão necessário quanto a leitura.

De acordo com Oliveira (2010), sempre que procuramos por uma determinada leitura, a procuramos a partir de determinadas predisposições, isto é, a escolhemos por prazer, passatempo, conhecimento, autoaperfeiçoamento, informação, etc. Ou seja, quando o leitor procura uma leitura de informação, ele está procurando construir o seu senso crítico. Já na leitura de conhecimento, o objetivo é aumentar o seu saber profissional e/ou cultural e na leitura por prazer, tocar os seus sentidos. Mas, também, é verdade que a leitura de mundo, a qual os(as) nossos(as) alunos(as) trazem para dentro da sala de aula, precede a todas essas leituras. Sendo assim, seria justo pensarmos se a leitura de informação (a do senso crítico) está, ou não, contaminada pelos “caracteres adquiridos” pela leitura de mundo, fazendo com que busquemos a informação que melhor coaduna com o nosso senso crítico já construído pela leitura de mundo.

Ter senso crítico é procura a verdade por meio de análises e questionamentos racionais e lógicos, é procurar um entendimento, o mais próximo da verdade, sobre determinado assunto, sem as ilusões das “certezas” que nos cercam. Em suma, ter senso crítico é tráfegar na contramão do senso comum. É ter a capacidade de construir e expor o “eu” interior, como um ovo em constante transformação interna, que ao final de um determinado tempo, se expõe para o mundo mostrando o resultado final dessa transformação. Porém, seria ingênuo acreditarmos que este ser interior não sofre influências do mundo que o rodeia. Vários são os grupos sociais que, diariamente, nos impõem seus *habitus* e que nos fazem ter uma leitura de senso comum de mundo.

O conceito de *habitus* e os “caracteres adquiridos” são todos os hábitos que esse meio social impõe ao indivíduo de maneira irresistível, os quais incorporamos e utilizamos, por imaginarmos serem as únicas possibilidades adequadas socialmente, ou seja, as naturalizamos. O *habitus* nos é imposto, dia após dia, de fora para dentro, manipulando, impondo e doutrinando. Com isso, constrói-se no(a) aluno(a)/leitor(a) o senso crítico do grupo dominante antes mesmo da possibilidade da sua leitura de mundo.

Portanto, não considerar a força do *habitus* sobre as nossas ações e escolhas, especialmente sobre os(as) alunos(as) em formação, seria não possuir senso crítico de perceber essa força que nos manipula diariamente. No entanto, acreditamos que a leitura,

sistemática, orientada e, sim, engajada política e socialmente, seja a grande condutora ao senso crítico, da qual o professor pode e deve se valer para buscar romper a apatia, o desinteresse e a inércia por parte dos alunos e das alunas. Pois, como disse Paulo Freire (1987, p. 109, grifo nosso): “as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, **politicamente**, estejam elas (rurais ou urbanas) tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório buscou descrever a nossa experiência de docência na turma 392 da EJA do Colégio Maria Luiza de Melo. Além de cumprirmos mais uma etapa do curso Letras – Português, pudemos nesta colocar as teorias estudadas na graduação em prática no ambiente escolar.

Mais do que aprender a preparar aulas, a dar aulas e a ensinar, aprendemos que não existem aluno ideal nem escola ideal. O que existem são oportunidades diferentes e únicas para pensarmos em estratégias que vão ao encontro da realidade daquele/a aluno/a para que ele/ela saia da sala de aula com um conhecimento a mais.

A turma para qual lecionamos era grande, composta por 35 alunos e alunas, e heterogênea, com idades, ideais e realidades diferentes. Durante o período de observação, ficamos ansiosos e preocupados com a aceitação de nós professores estagiários lá na frente, imaginando que, se com a professora regente eles/elas não acompanhavam bem as aulas, quem diria conosco. Entretanto, do primeiro ao último dia do projeto de docência tivemos o respeito e a atenção de todos/as.

A experiência deste estágio com a supervisão da Professora Isabel Monguilhott foi gratificante e enriquecedora. Serviu para reforçar a importância do estágio supervisionado e todas as suas etapas, quais sejam: período de observação, elaboração dos projetos e a execução deles.

Por fim, entendemos que ser professor vai muito além de simplesmente aprender a teoria e passar aos alunos. É preciso, antes de tudo, conhecer o aluno para qual vai lecionar e, a partir daí é que, amparados pelas teorias, se traça o caminho a ser seguido com determinada turma.

6. REFERÊNCIAS

AMARAL, Heloísa. O gênero textual crônica. In: **Revista Ponta do Lápis**. Ano IV, n. 10. p. 12-17, dez/2008. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/979/NPL10.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Contos Plausíveis**. Rio de Janeiro, 1981.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZEREDO, Carlos de. Instituto Antônio Houaiss. **Escrevendo pela Nova Ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e Gêneros Textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2516?locale=pt_BR> Acesso em: 2 de setembro de 2016.

BASSO, Rodolfo; ILARI, Rodolfo. **O Português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo, 2007.

BOURDIEU, Pierre, **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). 9. ed. Petrópolis: Vozes. 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula**. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1ª. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <http://www.nigufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/09/Diversidade_Livro.pdf> Acesso em: 2 de setembro de 2016.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>> Acesso em: 9 de setembro de 2016.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa: ensino de primeira à quarta série**. Brasília, Distrito Federal: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, Distrito Federal MEC: /SEF, 1998.

CALLOU, Dinah. Gramática, Variação e Normas. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de Gramática:** descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 28.

CARTA CAPITAL. **Presidenta ou presidente?** Cármen Lúcia assume o STF e recusa-se ser chamada pelo feminino de presidente. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/presidenta-ou-presidente>>. Acesso em: 27 set. 2016.

COELHO, Izete. GÖRSKI, Edair. **Variação Linguística e Ensino de Gramática.** Revista Working Papers. Florianópolis, 2009.

COELHO, Izete; SEVERO, Cristine; MONGUILHOTT, Isabel. **Norma Linguística do Português do Brasil.** Florianópolis, 2014.

COELHO, Izete. et al. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

DIVERSIDADE TEXTUAL: **os gêneros na sala de aula.** Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Xampinas: Mercado de Letras, 2004. P. 95-128.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 12.

FARACO, Carlos Alberto. Novo acordo ortográfico. CBN, Curitiba, 11 maio 2007. Disponível em: <http://www.acervocbncuritiba.com.br/index.php?pag=noticia&id_noticia=9624&id_menu=148&conjunto=&id_usuario=¬icias=&id_loja=>. Acesso em: 8 out. 2016.

FILHO, Domício Proença. **Guia prático da ortografia da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987

GERALDI, JoãoWanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: _____ (org.). **O texto na sala de aula:** Leitura & Produção. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. **Prática da Leitura de textos na escola.** In: **O texto na sala de aula.** Org. por João Wanderley Geraldi. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. **Portos de Passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1991].

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Escrevendo pela nova ortografia**: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa. Coordenação e assistência técnica de José Carlos Azeredo. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. Série Princípios. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
LEITÃO; SOUSA. Liane V.; Socorro Cláudia T. **O Acordo Ortográfico**: as políticas linguísticas percebidas nas vozes dos usuários da língua portuguesa. ALFAL, Paraíba, 2014. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1014-2.pdf>. Acesso em: 9 out. 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria A.; DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Anna Raquel (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Org.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa**. Rio Grande do Norte, 2013.

MENEZES, Eduardo Silveira de. **O mau uso microfone não pode matar o jornalismo**. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/o-mau-uso-microfone-nao-pode-matar-o-jornalismo/>. Acesso em: 27 set. 2016.

MOLON, S.I. **A questão da subjetividade e da constituição do sujeito nas reflexões de Vygotsky**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1995.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Guia da Reforma Ortográfica**. Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.bparah.azores.gov.pt/PDFs/acordo+orto/guia+ortografico-museu+da+língua+ptg.pdf> Acesso em: 15 set 16.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

Preconceito e a língua que falamos: Linguística para leigos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hfpfFQ_NVgg>. Acesso em: 18 set. 2016.

RAMIL, Kledir. Língua brasileira. In: _____. **Crônicas para se ler na escola.** Seleção de Regina Zilberman. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 17-19.

_____. Os porquês. In: _____. **Crônicas para se ler na escola.** Seleção de Regina Zilberman. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RONCARATI, Cláudia. **Prestígio e Preconceito Linguísticos.** Caderno de Letras da UFF. n. 36, 2008.

ROSA, Ana Denise Silva da; ZANOTTO, Normelio. Aplicação do gênero notícia no ensino. **Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais.** 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/aplicacao_do_genero_noticia_no_ensino.pdf> Acesso em: 2 de set. 2016.

SANTA CATARINA. **Projeto Político Pedagógico da EJA do Colégio Municipal Maria Luiza de Melo,** São José, 2012.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares.** Florianópolis: COGEN, 1998.

SCHERRE, Marta. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SOARES, José Francisco. **O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos.** In: REICE – Revista Eletrônica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación, 2004, v. 2, n. 2. Acesso em 27 nov 2016. Disponível em: <<http://www.ice.deusto.es/RINACE/reice/vol2n2/Soares.pdf>>.

TUFANO, Douglas. **Guia prático da nova ortografia.** São Paulo: Melhoramentos, 2008.

Varição lexical. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WwP_b48TpgE. Acesso em: 25 set. 2016.

Varição Tu/Você. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HwHfkuRCflc>>. Acesso em: 25 set. 2016.

Varição fonológica. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>. Acesso em: 25 set. 2016.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Pechada.** Disponível em: <<http://atividadeslinguaportuguesa.blogspot.com.br/2013/08/pechada-luis-fernando-verissimo.html>>. Acesso em: 18 set. 2016.

_____. **Desafiando a sorte.** In: O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/desafiando-sorte-11247259>. Acesso em: 27 set. 2016.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de Gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [1968]. Trad. Marcos Bagno. Revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: como ensinar. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

7. ANEXOS

(ANEXO 1)

Questionário do espaço escolar

O espaço do colégio
Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Pergunta	Resposta
Data de fundação do colégio	1988
Data de início das atividades do colégio	1989
Motivação do nome do colégio	Mãe de ex-prefeito e educadora
Nome completo dos/as Diretores/as do colégio	Rosângela da Silva Bama Rociléia Karla Beatriz
Os/as diretores/as do colégio também são diretores/as da USJ?	Não
O colégio possui quantas turmas de ensino fundamental regular?	anos iniciais = 35 turmas anos finais = 32 turmas
O colégio possui quantas turmas de ensino fundamental na EJA?	2
O colégio possui turmas de ensino médio regular e de EJA? Quantas turmas? (se for o caso)	Regular: 03 Eja: 05
Quantos alunos estão matriculados no ensino fundamental regular e na EJA?	Regular: 1923 AI-940 AF-1013 Eja: F-68 ME 126 MR 84
Quantos alunos estão matriculados no ensino médio regular e na EJA? (se for o caso)	Regular: 90 alunos Eja: 194 alunos
Quantos alunos com necessidades educacionais especiais estão matriculados no colégio? Quantos na EJA?	Em atendimentos no ABE 22 Ensino fundamental EJA = 1 com atendimento
A Universidade São José passou a utilizar o espaço do colégio a partir de qual ano?	2010
O espaço físico da escola é composto por quantos prédios?	3 blocos do 3 andar
Qual é a área desses prédios em m ² ?	

A Universidade São José utiliza qual prédio?	Bloco A/B/C período noturno
O colégio possui quantas salas?	37
Quantas bibliotecas?	01
Os livros da/s biblioteca/s podem ser utilizados por quais alunos?	TODOS
Quais os dias e os horários de utilização da/s biblioteca/s?	NOTURNO + TODOS
O colégio possui quantos laboratórios de informática? Quantos computadores?	02
O colégio possui quantos laboratórios de ciências?	desativado
Quantas/os (sala de vídeo, auditório, sala de hora-atividade, sala de arte, cozinha, cantina, secretaria escolar, sala de recursos humanos, sala de assessoria, sala de direção, sala de professores, sala de supervisão escolar e orientação educacional, outras)?	SV = 01 SA = 01 SW/A = 01 SD = 02 SA = — SP = 01 C = 01 SSE = 03 C = 01 SOE = 03 SE = 01 sala dança = 01 SRH = 01
Quantos banheiros a escola possui?	25
O colégio está adaptado para o acesso de alunos com deficiência física e/ou visual?	sim * Elevador e banheiros adaptado
O corpo docente do colégio é formado por quantos professores?	TOTAL Profes = 113
Quantos são da EJA?	TOTAL EJA =
Quantos de língua portuguesa?	S.P. = 10
O colégio possui auxiliar de sala? Quantos? (se for o caso)	Auxiliar ensino 10 (substitui professor que falta)
O colégio possui intérprete de libras? Quantos? (se for o caso)	01 (noturno)
O corpo de funcionários é composto por quantas pessoas?	210 aproximadamente
Quais funções são exercidas por elas?	Demanda da escola
As merendeiras são terceirizadas ou contratadas pela prefeitura?	Terceirizadas

secretaria 0

231 funcionários
120 - ACT'S
111 - efetivos

<p>Os professores da EJA possuem algum tipo de apoio para a reprodução de cópia dos trabalhos/exercícios escolares? (por exemplo: máquinas fotocopadoras e/ou folhas A4)</p>	<p>Sim. Cada profe possui uma cota que depende do nº de aulas.</p>
<p>Em caso de indisciplina, quais as punições que os/as alunos/as da EJA estão sujeitos?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa • Advertência • Suspensão

(ANEXO 2)

Questionário aplicado à turma



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ESTÁGIO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
2º semestre de 2016**

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

Identificação

Nome completo:

Idade:

Cidade de nascimento:

Bairro e cidade onde você mora atualmente:

Utiliza algum meio de transporte para chegar à escola? Qual?

Quantas pessoas moram com você? Identifique-as.

Você trabalha? Se a resposta for sim, qual sua profissão?

E as pessoas que moram com você, trabalham? Quais profissões?

Sobre sua vida escolar

1. Você já estudou em outras escolas de ensino fundamental? Quais? Indique a cidade.
2. Em que série/ano começou a estudar no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo?
3. Por que você escolheu estudar no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo?
4. Atualmente você participa de algum projeto no colégio? Qual? Qual o período de envolvimento neste projeto?

5. Qual a disciplina que mais te atrai? Por quê?
6. Você considera a disciplina de Língua Portuguesa importante? Por quê?
7. Após a conclusão do ensino fundamental, você pretende concluir o Ensino Médio?
8. Pretende fazer algum curso superior? Qual?
9. Você gosta de ler? Explique o porquê.
10. Você leu outros livros, além dos indicados pela professora de Língua Portuguesa? Quais?
11. Você tem mais interesse em leitura do tipo: romance, poesia, ...? Por quê?
12. Você utiliza a internet para tirar dúvidas sobre os conteúdos ministrados em sala de aula?
13. Na sua casa alguém te auxilia na execução das atividades escolares? Quem?
14. Quais atividades você mais gosta quando são solicitadas:
- produção textual individual;
 - leitura de obras clássicas;
 - exercícios de interpretação de texto;
 - leitura em voz alta;
 - atividades gramaticais;
 - outras _____
15. Você presta mais atenção nas aulas e aprende mais, quando:
- O professor explica a teoria e passa exercícios no quadro (aulas expositivas);
 - As atividades são realizadas em grupo;
 - Apresentações individuais de trabalhos sobre assuntos determinados pelo professor;
 - Conversam e discutem idéias diferentes a respeito de um texto, de uma história, de um conto, etc. (debates).
 - Outras _____

16. Por que você acha que deve aprender Língua Portuguesa? (Sendo que você desde seu nascimento já tem contato direto com tal instrumento de comunicação e sabe utilizá-lo para se comunicar).

Sobre seu cotidiano e interesses

1. O que você costuma fazer em seu tempo livre (ler, praticar esportes, lazer, etc.)? Comente a importância dessas atividades para você e como ela reflete no seu desenvolvimento escolar?
2. O que você gosta de fazer quando usa a internet (redes sociais, jogos, filmes, séries, músicas, blogs, notícias, curiosidades, etc)? Em que sites você costuma navegar?
3. Você acredita que a internet facilita a realização das atividades escolares, sendo uma boa fonte de pesquisa? Explique.
4. Qual a sua opinião sobre a utilização da informática (computador/internet/celular, etc) como ferramenta educacional dentro da sala de aula?

Resumo do questionário sociocultural

QUESTIONAMENTOS	MENINAS	MENINOS
Entrevistados	15	16
Idade	Entre 16 e 40 anos	Entre 16 e 60 anos
Residencial atual	São José: 12 Florianópolis: 2 Palhoça: 1	São José: 14 Florianópolis: 2
Meio de transporte para ir à escola	Ônibus: 9 Carro/moto: 3 Bicicleta/a pé: 3	Ônibus: 7 Carro/moto: 4 Bicicleta/a pé: 5
Trabalha	Sim: 5 Não: 10 Desempregado:	Sim: 11 Não: 4 Desempregado: 1
Estudou em outras escolas de ensino fundamental	Sim: 14 Não: 1	Sim: 11 Não: 5
Em que série/ano começou a estudar no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo	1ª série: 1 5ª série: 1 6ª série: 2 7ª série: 1 8ª série: 4 9ª série: 6	3ª série: 1 5ª série: 2 6ª série: 2 7ª série: 5 8ª série: 3 9ª série: 3
Por que escolheu estudar no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo	Tem bom ensino: 2 Gosta da escola: 2 Próxima de casa/serviço: 9 Existência da EJA: 2	Tem bom ensino: 6 Próxima de casa/serviço: 5 Indicação/influência: 3 Existência da EJA: 2
Participa de algum projeto na escola	Sim: Não: 15	Sim: Não: 16
Disciplina que mais atrai	Química: 2 Filosofia: 2 História: 1 Geografia: 1 Ciências: 1 Português: 5 Matemática: 2 Inglês: 1 Não respondeu: 2	História: 4 Geografia: 3 Biologia: 1 Ciências: 2 Português: 2 Arte: 1 Matemática: 3 Inglês: 1 Nenhuma: 1 Não respondeu: 1 Fez uma brincadeira: 1
Considera a disciplina de Língua Portuguesa importante	Sim: 15 Mais ou menos: Não: Não respondeu:	Sim: 15 Mais ou menos: Não: Não respondeu: 1
Após concluir a EJA, pretende concluir o EM	Sim: 15 Não: Não sabe: Não respondeu:	Sim: 15 Não: Não sabe: Não respondeu: 1
Pretende fazer um curso superior	Sim: 13 Não: Não sabe: 1 Não respondeu: 1	Sim: 12 Não: 1 Não sabe: 1 Não respondeu: 2

Gosta de ler	Sim: 11 Mais ou menos: 3 Não: 1 Sem resposta:	Sim: 2 Mais ou menos: 4 Não: 9 Sem resposta: 1
Leu outros livros, além dos indicados pela disciplina de Língua Portuguesa	Sim: 11 Não: 3 Não respondeu: 1	Sim: 3 Não: 12 Não respondeu: 1
Tem mais interesse por qual tipo de leitura	Romances: 5 Poesia: 4 Biografias: 1 Contos: 4 Sem resposta: 2 Qualquer gênero: 1 Nenhum: 1	Romances: 1 Poesia: 3 Biografias: 1 Comédia: 1 Contos: 3 Autoajuda: 1 Notícia: 1 Sem resposta: 2 Nenhum: 5
Utiliza a internet para tirar dúvidas sobre os conteúdos ministrados em sala de aula	Sim: 14 Sem resposta: 1 Não:	Sim: 11 Não: 5
Alguém o auxilia nas atividades escolares	Sim: 7 Sem resposta: 1 Não: 7	Sim: 5 Não: 11
Quais atividades mais gostam quando são solicitadas (os)	Produção textual: 11 Leitura de clássico: 5 Interpretação de texto: 7 Gramática: 7 Leitura em voz alta: 3 Trabalho em grupo: 1 Sem resposta: 1	Produção textual: 5 Leitura de clássico: 4 Interpretação de texto: 6 Gramática: 1 Leitura em voz alta: 2 Artes: 1 Nenhuma: 1
Tem atenção nas aulas e aprende mais, quando	A professora explica a teoria e passa exercícios no quadro (aulas expositivas): 9 As atividades são realizadas em grupo: 6 Apresentações individuais de trabalhos sobre assuntos determinados pelo professor: 1 Conversam e discutem ideias diferentes a respeito de um texto, de uma história, de um conto, etc: 11 Sem resposta: 1	A professora explica a teoria e passa exercícios no quadro (aulas expositivas): 5 As atividades são realizadas em grupo: 7 Apresentações individuais de trabalhos sobre assuntos determinados pelo professor: 2 Conversam e discutem ideias diferentes a respeito de um texto, de uma história, de um conto, etc: 7

Por que acha que deve aprender Língua Portuguesa	Serve para a vida: 1 É importante: 3 Aperfeiçoamento: 5 Conhecer a gramática/ortografia: 1 Melhorar a escrita/fala: 2 Sem resposta: 3	Serve para a vida: 2 É importante: 2 Aperfeiçoamento: 4 Conhecer a gramática/ortografia: 1 Por ser complexa: 1 Melhorar a escrita/fala: 4 Sem resposta: 2
O que costumava fazer em seu tempo livre	Descansar: 3 Ler: 7 Praticar esporte: 2 Lazer em geral: 1 Ver TV/filme: 1 Trabalhos domésticos: 1 Procurar emprego: 1 Sem resposta: 3	Descansar: 2 Praticar esporte: 2 Ir a velório: 1 Lazer em geral: 3 Ver TV/filme: 2 Jogos on-line: 1 Procurar emprego: 1 Sem resposta: 4
O que gosta de fazer quando usa a internet	Redes sociais: 8 Youtube: 2 Pesquisas diversas: 1 Música: 2 Netflix/filmes: 6 Notícias: 2 Sem resposta: 1	Redes sociais: 4 Youtube: 2 Música: 1 Netflix/filmes: 3 Notícias: 1 Compras: 1 Aplicativos: 1 Jogos: 2 Vídeos: 1 Não usa: 1 Sem resposta: 3
Acredita que a internet facilita a realização das atividades escolares	Sim: 13 Sem resposta: 1 Não sabe: 1 Não: 1	Sim: 11 Sem resposta: 4 Não sabe: 1 Não: 1
Qual a opinião sobre a utilização da informática (computador/internet/celular, etc) como ferramenta educacional dentro da sala de aula	Seria ótimo/bom: 9 Torna as tarefas mais fáceis: 3 Não seria bom: 2 Não sabe: 1 Sem resposta: 1	Seria ótimo/bom: 9 Torna as tarefas mais fáceis: 3 Não seria bom: 1 Não sabe: 1 Sem resposta: 3

(ANEXO 4)

Entrevista com a professora titular da turma 392



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ESTÁGIO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
2º semestre de 2016**

Entrevista com a professora titular da turma

Nome completo: Myriam Pereira Botelho Ramos

Idade: 59 anos

1. Qual a sua formação profissional? Em quais instituições?

Professora de Português e de Inglês
Graduação: UFRJ
Mestrado: UFSC

2. Há quantos anos você exerce a atividade docente? Há quanto tempo no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo? E em outros estabelecimentos de ensino?

Há 23 anos. No Colégio Maria Luiza de Melo, há 14 anos.

No Colégio de Aplicação da UFSC, por 4 anos;

Na UNIVAP-SP, por 2 anos;

No Colégio Militar Feliciano Nunes Pires-SC, por 7 anos,

No CTA- SP, por 2 anos.

3. Qual a sua carga horária semanal? Em que regime de trabalho (efetivo ou temporário)?

35 h/semanais em regime efetivo

4. Qual a sua metodologia de trabalho? Como planeja suas aulas? Que materiais acostuma utilizar (audiovisuais, músicas, xerox, livros, etc)?

Procuro variar bastante as aulas para torná-las mais interessantes.

O planejamento ocorre no dia a dia, após cada aula ministrada. Normalmente, uma aula dá encaminhamento a uma outra.

Costumo usar o data-show, pelo menos, uma vez por mês; ir à Biblioteca uma vez por semana; utilizar a sala de Informática, principalmente para pesquisa e

jogos concernentes à Língua; levar os alunos para o pátio, ora para leitura, ora para fazer exercícios; assistir a um filme em cada final de Bimestre, para debater sobre os temas pertinentes a ele.

Embora tenhamos o Livro didático, que é usado esporadicamente por mim, utilizo muito o xerox da Escola para impressão de atividades diversas (exercícios, caça-palavras, textos para interpretação, palavras cruzadas).

5. Como você avalia o seu grau de autonomia em relação aos conteúdos aplicados e à metodologia?

Tenho total liberdade de ação em relação à ministração das aulas.

Sempre há assessoramento da Equipe pedagógica (supervisão). Todo mês, os professores têm encontro marcado para discutir assuntos relacionados ao ensino de sua disciplina.

6. Atualmente você desenvolve algum projeto na escola? Qual e quanto é o período de envolvimento?

Neste ano, não.

7. Você faz uso da biblioteca na escola? Como é a aceitação dos alunos com idas a biblioteca?

Sim. Uma vez por semana. Alguns adoram ler na Biblioteca, mas outros preferem ficar fora.

8. Como você avalia o suporte dado pela escola para os docentes? Há supervisão de apoio? E como é o contato com a direção da escola?

Considero muito bom. A supervisão realmente funciona na Escola, e temos apoio da direção sempre que solicitamos.

9. Como você descreve a experiência de trabalhar com turmas da EJA?

Vejo como um desafio gratificante, visto receber alunos de diversas faixas etárias. Alguns voltam a estudar após 30, 40 anos fora da Escola.

10. Você realizou algum curso e/ou preparação específica para trabalhar com a EJA? Quais? (se for o caso)

Não.

11. Por se tratar de uma turma da EJA sabemos que o conteúdo acaba ficando mais compacto. Como você administra suas aulas em relação à oralidade, leitura, escrita e análise linguística?

Procuro enfatizar atividades de interpretação de textos (crônicas, contos, charges, cartuns). Aproveito para pedir que se faça leitura silenciosa do texto e, depois, convido alguns para que, oralmente, leiam para a classe. Sempre que possível, peço a produção de um texto sobre algum tema discutido e, após

correção deles, preparo atividade concernente a aspectos da gramática que precisam ser revistos e peço a reescrita do texto.

12. Você, como uma profissional docente de Língua Portuguesa, possui o hábito de leitura? Que tipo de livros/autores costuma ler?

Sim. Amo ler os clássicos da Literatura e releio alguns, até por conta do Vestibular. Também da Literatura inglesa (Jane Austin)

Machado de Assis, Cecília Meireles e Luís Fernando Veríssimo encabeçam minha preferência.

13. Qual sua concepção de língua?

Penso que é um fenômeno marcante de um povo, é o retrato de sua cultura.

14. E de sujeito?

É um ser social, movido de inteligência, que tem como papel agir no seio da sociedade como integrante ativo dela com autonomia para tomar decisões.

15. Há alguma observação relevante que você gostaria de deixar registrada?

Apenas reforçar a importância da integração dos alunos com equipe de estagiários, que motiva, atualiza conceitos, dinamiza, de certa forma, as aulas. Percebo que os alunos apreciam a presença desses profissionais e, com eles, interagem de forma respeitosa.

(ANEXO 5)

Relatos de opinião de alguns(mas) alunos(as) sobre “O que é preconceito linguístico?”

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebelo Duarte
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 11/10/16
ALUNA/O: *Andressa Talizandra Richter D.*

ATIVIDADE

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, escreva a sua opinião sobre “O que é preconceito linguístico?”.

Eu entendi que o preconceito linguístico é que não tem jeito certo de falar, o certo como diz.
Que a pessoa não precisa mudar seu jeito de falar, para entrar nos padrões da sociedade. Por que o jeito de falar dela, é a identidade da pessoa "seu jeito".
Que qualquer coisa podemos receber a justiça, que se alguém "zorra" por falar errado "não corre".
Que se ela sair da cidade natal dela e ir para outro, não é preciso mudar de escrever certo.
Título: O Preconceito na Sala

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebelo Duarte
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 11/10/16
ALUNA/O: *Yvonne Stubbell*

ATIVIDADE

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, escreva a sua opinião sobre "O que é preconceito linguístico?".

Entendo que preconceito linguístico refere-se a tudo o que impede as pessoas de formas diferentes de falar das palavras e costumes. Entendo que todos têm cultura mas por falta de instruções escolares diferentes de alguns que acreditam ser privilegiada por acreditarem serem mais cultos também exercendo o preconceito linguístico. Entendo que o que falta é o respeito entre diferenças de cultura por região, falta de instruções escolares e por mídia.

Steffany R. Nascimento (392)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebelo Duarte

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

DATA: 11/10/16

ALUNA/O: _____

ATIVIDADE

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, escreva a sua opinião sobre "O que é preconceito linguístico?".

No meu ponto de vista o preconceito linguístico é tão humilhante como os demais preconceitos existentes, o preconceito linguístico para mim é algo desrespeitoso com as diferentes culturas e sotaques que temos em nosso país. O preconceito linguístico praticamente obriga as pessoas, em especial aquelas que não tiveram acesso ao estudo, a assumirem outra identidade e fazer falar da maneira padronizada por toda a sociedade. Na minha opinião não existe maneira correta de se falar, e sim existe um modo dramaticamente correto de se falar em alguns determinados lugares como entrevistas de emprego, aulas etc...

Cada um tem jeito de falar e nenhum está errado, por isso não devemos rir de outras pessoas por isso.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rafaela Rebelo Duarte
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 11/10/16
ALUNA/O: Vanda Ferreira de Jesus

ATIVIDADE

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, escreva a sua opinião sobre "O que é preconceito linguístico?".

Preconceito Linguístico.

Preconceito linguístico é a má avaliação da forma de uma pessoa falar, também é o julgamento disrespeitoso, feroz e consequentemente humilhante da fala do outro ou da própria fala o que afirma é que ninguém tem o direito de humilhar o outro só porque ele fala diferente, ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico, direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar, Porém todo mundo tem o direito de se expressar sem constrangimento.

(ANEXO 6)

Produção textual de alguns(mas) alunos(as) (Escrita da notícia)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 19/10/16
ALUNA/O: Steffany Rodrigues Nascimento

ATIVIDADE

Produção textual

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, escreva uma notícia da chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência. Não se esqueça de consultar a "Pirâmide Invertida (material de estudo).

Novo método de ensino
UFSC investe em educação de qualidade
para os alunos de Letras - Português

Os alunos/estagiários Laís, Rafaela e Rogério da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) do curso Letras - Português, chegaram no início de Agosto no Colégio Maria Luiza de Melo (Melão), para completar com chave de curso a 10ª fase de seu curso, ensinando e aprendendo com os alunos do EJA da turma 392 (matutino).

Os estagiários do curso de Letras - Português da UFSC iniciaram ^{seus} trabalhos de ensino e aprendizagem em 16 de Agosto (terça-feira) no Colégio "Melão" junto a sua professora/orientadora Izabel, com a turma do EJA - Fundamental II (392), no período matutino, às terças, quartas e quintas-feiras, tendo atividades extra curriculares as

sextas-feiras por 3 semanas. Os estagiários
contam com um método de ensino qualifica-
do e inovador, trazendo mais informações e
tirando dúvidas nas aulas de Língua Portuguesa.
Eles vão ensinar e aprender com os alunos,
debatendo assuntos como: preconceito linguístico, varia-
ção linguística, gênero textual - notícia e iniciaram
atividades⁵ extra curriculares as sextas-feiras com
o propósito de nova ortografia portuguesa. Os alunos
fazem um belo trabalho e terminaram a sua
estágio em Novembro/2016. 7

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 19/10/16
ALUNA/O: Brenda Scheidt

ATIVIDADE

Produção textual

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, escreva uma notícia da chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência. Não se esqueça de consultar a "Pirâmide Invertida (material de estudo).

ello

Estagiários chegam às Salas

Escola Maria Luiza de Melo recebe estagiários

<p>Alunos esta- giários do curso da UFSC, Laís Cristina, Rafaela Rebello, Rodrigo Cruz começaram seus trabalhos na primeira semana do ano letivo.</p> <p>Há escola Maria Luiza de Melo na turma 392 do ho- rário Noturno rece- beu em sua sala os estagiários para</p>	<p>estagiários na sala, para que futuramente sejam professores. De acordo com a Mestra Myriam Botelho Ramos os alunos estagiários dirigem as aulas e passam trabalhos aos alunos do EJA no horário Noturno.</p>	
--	---	--

(Imagem modificada. Fonte de eu mesma.)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
 PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
 DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
 TURMA: 392
 DATA: 19/10/19
 ALUNA/O: Camilla Matos da Silva

ATIVIDADE

Produção textual

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, escreva uma notícia da chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência. Não se esqueça de consultar a "Pirâmide Invertida (material de estudo).

Estagiários salvam o semestre
 Estagiários da UFSC mudam de forma surpreendente sala de aula

Depois a chegada de três estagiários (Laís, Rogério e Rafaela) ao colégio Maria Luiza de Melo, em agosto, os alunos demonstraram uma incrível melhora.

Na 392 que era uma sala dada como perdida acaba demonstrando grande interesse pelos conteúdos trazidos pelos estagiários, tais como: variação linguística, gênero textual e preconceito linguístico.

Por todo o esforço e dedicação os três estagiários da UFSC foram surpreendidos pelos alunos, com uma comemoração no final do mês letivo, acompanhada de muita gratidão.



ROVER!

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 19/10/16
ALUNA/O: Guilherme de Aguiar Soares

ATIVIDADE

Produção textual

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, escreva uma notícia da chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência. Não se esqueça de consultar a "Pirâmide Invertida (material de estudo).

Olá do Estagiários da UFSC na escola
5-8

Projeto sobre Variação Linguística Leia e Uma dos alunos
5 5

Os Estagiários da UFSC chegaram na Escola
Maria Luzia de Melo, com o nome de Projeto no início
do mês de agosto de 2016. Eles anunciaram seu
Projeto assumindo a aula da Professora Myriam
e o comportamento dos alunos na sala de aula
no início do mês de agosto os Estagiários começaram
a dar aula para os alunos do colégio Melo, falando
sobre Variação Linguística, A importância da
norma culta no Português Brasileiro, e o que é o
Português Linguístico.
5

Esses 3 temas fazem parte do Projeto dos
estagiários e a importância dela é de que nos
ajudem mais sobre o Português Brasileiro
o Projeto terminará em novembro de 2016.

(ANEXO 7)

Produção textual de alguns(mas) alunos(as) (Reescrita da notícia)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestre Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 26/10/16, quarta-feira
ALUNA/O: Steffany Rodrigues Nascimento

ATIVIDADE DE REESCRITA

Com base na sua primeira escrita e em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, REESCREVA a notícia da chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência. Não se esqueça de consultar a "Pirâmide Invertida" (material de estudo) e de utilizar a sua primeira escrita como ponto de partida.

Novo método de ensino
UFSC investe em educação de qualidade para
os alunos de Letras - Português

Os alunos/estagiários da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) do curso Letras - Português chegaram no início de Agosto no Colégio Maria Luiza de Melo (Melão), para completarem com aulas de curso e 10ª fase do seu curso, ensinando e aprendendo com os alunos do EJA turma 392 (noturno).

Os estagiários do curso de Letras - Português da UFSC iniciaram ^{os} ~~a~~ seus trabalhos de ensino e aprendizagem em 10 de Agosto (terça-feira) no Colégio "Melão", com a orientação da professora Isabel, com a turma do EJA - Fundamental II (392), no período noturno, às terças, quartas e quintas-feiras ^{com} ~~com~~ atividades extracurriculares as sextas-feiras por 3 semanas. Os estagiários contam com um

311 DXXX

metodo de ensino qualificado e inovador, trazendo
mais informações e tornando discussões nas aulas de
Língua Portuguesa. Eles irão ensinar e aprender, com
os alunos, ^{trabalhando} assuntos como: lexiconeco linguísti-
co, variação linguística, gêneros textuais - notícia e
iniciam atividades extracurriculares os resumos-para
com o projeto da nova ortografia portuguesa. Os alunos
fazem um belo trabalho, eles terminam a esta-
gia em novembro (2016)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 26/10/16, quarta-feira
ALUNA/O: Brenda Scheidt 392

ATIVIDADE DE REESCRITA

Com base na sua primeira escrita e em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, REESCREVA a notícia da chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência. Não se esqueça de consultar a "Pirâmide Invertida" (material de estudo) e de utilizar a sua primeira escrita como ponto de partida.

Melão em crescimento

Escola Maria Luiza de Melo abre as portas aos estagiários do curso de UFSC


Alunos estagiários do curso de letras da UFSC, Luís Cristina Rafaela Rebelo e Rogerio Cruz, deram início aos seus trabalhos nas salas da Escola Maria Luiza de Melo no início do semestre, dia 16 de agosto (terça-feira).

A turma 392 do horário noturno, recebeu em sua sala os estagiários que, futuramente serão Professores. De acordo com a Mestra Myriam Botelho Ramos, os Professores seguem exercendo seus trabalhos com sucesso e dedicação, proporcionando aos alunos da EJA aulas mais completas e profundas da Língua Portuguesa.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogério Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 26/10/16, quarta-feira
ALUNA/O: Lamila Matar

ATIVIDADE DE REESCRITA

Com base na sua primeira escrita e em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, REESCREVA a notícia da chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência. Não se esqueça de consultar a "Pirâmide Invertida" (material de estudo) e de utilizar a sua primeira escrita como ponto de partida.

<p>Mudando a forma de Pensar</p>	<p>Varição "Pechaca" Modo de falar</p> 
<p>Estagiários surpreendem alunos com temas envolventes.</p>	<p>certo ou errado?</p>
<p>Após a chegada dos três estagiários (Leis, Rogério, Rafael) ao colégio Maria Luiza de Melo, em agosto, os alunos demonstraram muito interesse, com isso apresentaram uma incrível melhora.</p>	
<p>Le 392 que usa uma sala dada como perdida, acaba surpreendendo a todos com sua interesse nos conteúdos trazidos pelos estagiários. Fazendo seus trabalhos incríveis, com os temas: Variação linguística, gênero textual e parâmetro linguístico.</p>	

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 26/10/16, quarta-feira
ALUNA/O: Gustavo de Aguiar Soares

ATIVIDADE DE REESCRITA

Com base na sua primeira escrita e em tudo que foi lido e discutido na sala de aula, REESCREVA a notícia da chegada dos estagiários na escola, considerando desde o primeiro dia de observação até o início do projeto de docência. Não se esqueça de consultar a "Pirâmide Invertida" (material de estudo) e de utilizar a sua primeira escrita como ponto de partida.

Chegada dos Estagiários da UFSC no Colégio

Projeto sobre Variação Linguística Será o Tema de Aula

Os Estagiários da UFSC chegaram na Escola Maria Luiza de Melo, conhecida como Melão, no início do mês de agosto de 2016. Eles iniciaram seu projeto apresentando a aula da Professora Myriam e o comportamento dos alunos na sala de aula. No início do mês de outubro os Estagiários começaram a dar aula sobre os alunos do Colégio Melão, falando sobre Variação Linguística, a importância da norma culta no Português Brasileiro e o que é a Presença Linguística.

Essas três questões fazem parte do projeto dos Estagiários, a importância delas é de que ^{OS ALUNOS DA 3ª} ~~os alunos aprendam~~ mais sobre o Português Brasileiro. AFRONS

O projeto terminará em novembro de 2016, e espera-se que todos alcancem suas metas, e se formem e tenham ótimos professores, como estão sendo um sala de aula.

RAM

(ANEXO 8)

Produção textual de alguns(mas) alunos(as) (Escrita da crônica)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 08/11/16, terça-feira
ALUNA/O: Felipe Souza

ATIVIDADE DE ESCRITA

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula sobre o gênero crônica, **ESCREVA** uma crônica sobre variação linguística e/ou preconceito linguístico. A crônica poderá ser escrita como uma ficção ou como uma experiência própria.

Conheci um gaúcho muito engraçado.
Ele falava de uma maneira engraçada e ~~foi~~ eu
comecei a fazer ^{a partir de} preconceito linguístico sem perceber.
Ele falava "O meu nome era um cacetinho"
e ele falou nessa na meia de muitas pessoas e todos
começaram a rir dele (inclusive eu).
Depois ^{disso} ele foi pesquisador ^{em linguística}
Sobre o preconceito linguístico e foi eu ^{que} descobri
que essa era crime e ^{além disso} também ele ficava
muito ~~chateado~~ ^{chateado} e ^{diz} eu e meus amigos
começamos a fazer uma campanha #NÃO AO
PRECONCEITO LINGUÍSTICO. Em algumas
redes sociais.
E ^{essa} ^{as vezes} eu ajudamos muitas pessoas que
também sofriam com esse preconceito linguístico.
Hoje em dia eu sou muito feliz ^{sem}
~~o preconceito~~ pois ^{isso} ^{me} ^{ajuda} ^{na} ^{vida} ^{de} ^{quem} ^{sofre} ^{com} ^{esse} ^{tipo} ^{de} ^{preconceito}.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO

PROFESSORA REGENTE: Mestre Myriam Pereira Botelho Ramos

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura

TURMA: 392

DATA: 08/11/16, terça-feira

ALUNA/O: Júlia de Souza

ATIVIDADE DE ESCRITA

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula sobre o gênero crônica, ESCREVA uma crônica sobre variação linguística e/ou preconceito linguístico. A crônica poderá ser escrita como uma ficção ou como uma experiência própria.

O preconceito linguístico não é legal

Eu sou mineira e tenho a minha forma de falar de se expressar. Eu passei uma situação por quando fui em Curitiba na casa do meu pai e fui na padaria comprar pão. Eu pedi pão de Trigo e eles riram e fiquei confusa na hora depois que me toquei que lá eles falam gaúcho. Também pedi bolacha e lá é vira. Fiquei com muita vergonha, mas aprendi que cada um tem sua jeito de falar e não tem forma ~~de~~ correta.

É comum ~~me fazer um~~ ^{preconceito} ~~preconceito~~ com o modo dos ⁴ anos falar. Sabendo que não há forma ⁺ certa de falar. A língua tem como ⁺ ~~ferrão~~ o ato em diferentes situações, na escola, no trabalho, na família, amigos etc, tem cada lugar os ⁺ ~~preços~~ de expressão de forma diferentes. e é isso que os ~~preços~~

não intencionalmente acaba tomando um
preconceito com a ⁺ modo que ⁴ as pessoas
falarem ~~apenas~~ expressam etc.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
 PROFESSORA REGENTE: Mestre Myriam Pereira Botelho Ramos
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
 DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
 TURMA: 392
 DATA: 08/11/16, terça-feira
 ALUNA/O: Camilla Mater

ATIVIDADE DE ESCRITA

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula sobre o gênero crônica, ESCREVA uma crônica sobre variação linguística e/ou preconceito linguístico. A crônica poderá ser escrita como uma ficção ou como uma experiência própria.

Desde as primeiras palavras, quando pela primeira vez a mãe falou, desde que "pasta" e "pasta" passaram a ter um tom mais pesado, desde pequeno eu já falava assim. Meu pai sempre falava assim, e quando grande é a honra ter eles até no modo de falar. Parece mim ^{ficou} "caí um tombo", ^{contou} "troupequei", mas ^{ficou} eu já falava assim. Mas as ^{ficou} outras mães, elas ^{ficou} não falavam estranhas, todas juntas com palavras tão diferentes. Mas para mim estava tudo bem, tinha artigos que desde pequenos eles já falavam assim. Então assim as primeiras risadas, as apelidos e por fim a famosa "você fala errado". Mas quem usam eles para me julgar de tal forma, se ^{ficou} trocam diferentes na forma de nos vestir, de se comportar na aparência, ^{ficou} porque ^{ficou} na fala. Trocam que são iguais? Eu já falava assim, e continuarei falando, então ao invés de mudar minha fala, mudei sua forma de pensar.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 08/11/16, terça-feira
ALUNA/O: Talita Rodrigues

ATIVIDADE DE ESCRITA

Com base em tudo que foi lido e discutido na sala de aula sobre o gênero crônica, ESCREVA uma crônica sobre variação linguística e/ou preconceito linguístico. A crônica poderá ser escrita como uma ficção ou como uma experiência própria.

Não há um grupo de amigos conversando sobre o cotidiano, até que um fala:

- Mas que barbaridade, tu deu essa rotidão mesmo? Pexer mela e mem de desculpar? Merrou o tapaco que levou nos beico.

Todos caíram na risada perguntando aos amigos o que diabos era aquilo.

- Rotidão? - um perguntou.

- Pexer? tapaco? - a outra falou zombando do amigo.

O gaúcho nem um pouco intimidado com as risadas e o julgamento dos amigos falou:

- Isso que estão fazendo não é certo, isso é preconceito. Por acaso, já ouviem eu rindo de jeito totalmente diferente de vocês falarem? Isso é meu jeito de falar, morei e cresci em um estado que é normal falar assim. Se vocês quiserem saber o que é "tapaco, pexer e rotidão" significa, ficarei três feliz e orgulhoso de explicar, mas não é legal ficar rindo das diferenças das pessoas, porque pra elas isso é normal.

(ANEXO 9)

Produção textual de alguns(mas) alunos(as) (Reescrita da crônica)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 10/11/16, quinta-feira
ALUNA/O: FELIPE FREIRE

ATIVIDADE DE REESCRITA

Com base na sua primeira escrita e em tudo que foi lido e discutido na sala de aula sobre o gênero crônica, REESCREVA uma crônica sobre variação linguística e/ou preconceito linguístico. A crônica poderá ser reescrita como uma ficção ou como uma experiência própria.

Essa crônica é sobre um menino
onde chamamos Gabriel e seu amigo gaúcho Júlia.
Eles estão indo a padaria e ao chegar
a gaúcha Júlia falou para a atendente:
"Maga, aí tem cacatinis?"
A atendente respondeu:
"O que é isso?"
Todos começaram a rir de gaúcha e ele
falou:
"Isso é pão francês na minha cidade."
A atendente respondeu:
"Ah! meu ~~deus~~ desculpa eu não sabia."
Na final das contas ele comprou o pão e
foi para a sua casa.
Seu amigo Gabriel na escola falou para
o gaúcho
"Vamos começar uma campanha contra o preconceito
língua mas redes sociais."
O seu amigo gaúcho Júlia respondeu:
"Vamos sim, isso será muito bom para
nossa comunidade."

Com essa, eles questionam muitas pessoas que sabiam com esse problema e ficaram chatos.

Hoje em dia, os amigos têm a maior página sobre a precariedade linguística na internet.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 10/11/16, quinta-feira
ALUNA/O: Júlia de Souza

ATIVIDADE DE REESCRITA

Com base na sua primeira escrita e em tudo que foi lido e discutido na sala de aula sobre o gênero crônica, REESCREVA uma crônica sobre variação linguística e/ou preconceito linguístico. A crônica poderá ser reescrita como uma ficção ou como uma experiência própria.

Eu percebi que existem inúmeras formas de preconceito, mas uma das mais praticadas e menos discutidas é o preconceito linguístico.

- Tem pessoas que se ^{perguntam} perguntam.
- O que é, como se faz, esse tipo de preconceito? É a noção de idios que há uma única língua portuguesa correta, além disso, acaba gerando também o preconceito com determinadas construções linguísticas que variam de acordo com os ^{de} regiões do país.
- É importante saber que a língua que falamos não é a mesma que usamos, portanto ninguém fala errado.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 10/11/16, quinta-feira
ALUNA/O: Lamilo M. da Silva

ATIVIDADE DE REESCRITA

Com base na sua primeira escrita e em tudo que foi lido e discutido na sala de aula sobre o gênero crônica, REESCREVA uma crônica sobre variação linguística e/ou preconceito linguístico. A crônica poderá ser reescrita como uma ficção ou como uma experiência própria.

<p>Desde as primeiras palavras, quando minha mãe passou a ser estagiária, desde que "pôta" e "pôtão" passaram a ter um tom mais puxado, desde pequena eu já falava assim.</p>
<p>↳ Quem falou isto?</p>
<p>"Mas está errado, não fala assim." - É isso que eu meio ouvia. Mas é algo passado de geração, já era dito antes de mim. Fala é origem, é identidade. Sendo com sotaque eu não. E isso ninguém tem o direito de me tirar, isso não me permite perder.</p>
<p>Finalmente, eu já falava assim, e continuarei falando, então ao invés de mudar minha fala, mudei sua forma de pensar.</p>

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Laís Cristina Oliveira Afonso
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 10/11/16, quinta-feira
ALUNA/O: Talita Rodrigues

ATIVIDADE DE REESCRITA

Com base na sua primeira escrita e em tudo que foi lido e discutido na sala de aula sobre o gênero crônica, REESCREVA uma crônica sobre variação linguística e/ou preconceito linguístico. A crônica poderá ser reescrita como uma ficção ou como uma experiência própria.

Ele bar um grupo de amigos conversam sobre o cotidiano, até que um fala:

- Mas que barbaridade, tu deu essa "rotiada" mesmo? "Pexex" nela e nem se desculpa? Exerciu o "tapex" que letra nem beico.

Todos caíram na risada perguntando ao amigo o que diabos era aquilo.

- "Rotiada"? - um perguntou.

- "Pexex"? "Tapex"? - a outra falou zombando do amigo.

→ FALTOU REESCREVER E TERMINAR A ESCRITA.

(ANEXO 10)

Resumo visando a realização da prova

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Rogério Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 16/11/16, quarta-feira

RESUMO DAS AULAS

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O que é **Variação Linguística**?

A variação linguística é um fenômeno que ocorre na língua, possibilitando que a existência de vários falares diferentes em um mesmo lugar. Essa variação ocorre porque a língua é dinâmica, mutável e histórica. Ela se transforma no tempo em função das mudanças que também ocorrem na sociedade.

A língua tem como função o ato da comunicação e a utilizamos em diferentes situações: na escola, no trabalho, na família, com os amigos etc.

Em cada lugar as pessoas se expressam de formas diferentes: pelo som, pelas palavras, pela entoação etc.

Quais são os **TIPOS DE VARIAÇÃO** existentes?

- ✓ **Varição Regional;**
- ✓ **Varição Social;** e
- ✓ **Varição Histórica.**

VARIAÇÃO REGIONAL

Esse tipo de variação é caracterizada, principalmente, pelas formas diferentes de nomearmos uma mesma palavra, isto é, a possibilidade de um vocabulário ter mais de um sentido e forma, dependendo da região em que se situa o falante. Quando conversamos com um gaúcho, carioca, manezinho, mineiro etc., nós conseguimos identificar que eles não pertencem à nossa comunidade fala. Nomeamos essas formas diferentes de se falar como **dialetos**. Pode-se dizer que esse tipo de variação acontece devido à imigração de determinados povos para algum local, como o caso dos açorianos em Santa Catarina, o contato entre paulistas e gaúchos na rota dos tropeiros para o comércio de gado, e imigrantes europeus a partir do século XIX.

VARIAÇÃO SOCIAL

Esse tipo de variação é condicionada, principalmente, por fatores socioeconômicos e nível de escolaridade. Essa variação, por sua vez, é caracterizada pelo **grau de escolaridade** da pessoa, pelo seu **nível socioeconômico** dos falantes. Geralmente, as pessoas se expressam conforme seu nível de escolaridade e oportunidade de estudos. Por exemplo, uma pessoa que possui curso superior, dificilmente falará “nóis vai” ou “nóis foi”. Isso acontece porque ela conhece a importância da norma culta e do seu impacto social. Uma pessoa que não teve acesso à escola, sem oportunidade de estudo, infelizmente, não conhece a norma culta, tendo domínio apenas da sua própria norma.

VARIAÇÃO HISTÓRICA

É importante termos em mente que a língua evolui e se modifica no tempo. Algumas palavras que usamos para nos expressarmos hoje não são as mesmas de 100 anos atrás. Dependendo de seu uso ela pode ou não mudar.

Ex: A mudança do nome VOCÊ. Essa palavra era um pronome de tratamento com base em VOSSA MERCÊ.

VOSSA MERCÊ > VANSUNCÊ > VACÊ > VOCEÊ > OCÊ > CÊ.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

○ que é Preconceito Linguístico?

○ preconceito linguístico caracteriza-se pela não aceitação da forma como a outra pessoa fala. Geralmente, quem sofre esse tipo de preconceito são as pessoas sem escolaridade e de baixo nível econômico, pois são as que não tiveram oportunidade de frequentar a escola. Esse preconceito nasce da ideia de que existe apenas uma língua portuguesa, idealizada nos moldes lusitanos. A língua, enquanto atividade social, é dinâmica e mostra a sua verdadeira identidade.

No Brasil existem, atualmente, segundo o IBGE, mais de 206 milhões de habitantes. Imagine todos eles se comunicando impecavelmente igual, sem nenhum tipo de variação. É impossível. Para compreender o preconceito linguístico é preciso entender a diversidade cultural do nosso país. Um país com grande fluxo de imigração e migração não poderia limitar-se a regras do “bemfalar”.

Entender as limitações linguísticas da outra pessoa é, sobretudo, um ato de respeito e bom senso. Quando se busca a padronização da língua, anula-se a identidade de cada indivíduo, sua origem e valores.

Pare e pense: qual será o maior disseminador de preconceito linguístico que existe, atualmente, no Brasil?

A MÍDIA É ela que, na maioria das vezes, incita a sociedade a rir de pobres e analfabetos que não tiveram acesso à educação. Esse comportamento é reflexo de uma mídia (jornais, televisões) conservadora, padronizada e preconceituosa, intolerante com as variações linguísticas que existem na sociedade. Segundo a linguista Marta Scherre (2005, p. 43):

“INFELIZMENTE, A LÍNGUA É TAMBÉM INSTRUMENTO DE PODER; LÍNGUA É TAMBÉM INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO; LÍNGUA É TAMBÉM INSTRUMENTO DE OPRESSÃO.”

NORMAS

○ que é uma norma?

Segundo Faraco (2008, p. 40) é um “conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo aos fenômenos em variação.” Há a norma das comunidades rurais, normas de cidades urbanas, normas das periferias. Essas normas são identitárias, isto é, nada mais são que a identidade de um grupo social, determinadas por fenômenos e expressões linguísticas compartilhadas naquela comunidade de fala. Considerando que o sujeito não pertence somente a um grupo social, pode-se afirmar que há o domínio de mais de uma norma linguística. Entretanto, há uma norma, privilegiada socialmente, que pertence a um grupo social escolarizado: chama-se norma culta.

NORMA PADRÃO

Entende-se por norma padrão uma escrita baseada nos moldes lusitanos e literários, uma norma abstrata e idealizada. Muito tem a ver com projetos políticos de uniformidade, sendo considerada uma norma artificial. Geralmente, essa é a norma que dissemina preconceito linguístico, sendo seus adeptos pessoas extremamente conservadoras e inflexíveis.

NORMA CULTA

Sabemos que cada grupo social usa expressões próprias no momento em que se comunica e que não existe um “certo” ou um “errado”, apenas situações em que essas expressões precisam ser empregadas conforme exigências. Apesar de toda as normas existentes na sociedade, a norma culta é a mais prestigiada, sendo associada às pessoas com alto grau de escolaridade e letradas. Diferentemente da norma padrão (superficial e idealizada) a norma culta também sofre processo de variação. Por exemplo:

✓ No sul do Brasil os falantes letrados utilizam a 2ª pessoa do singular (TU) sem a concordância com o verbo: TU PEGOU. No Sudeste (São Paulo e Minas Gerais) usa-se VOCÊ PEGOU. Ambas as formas são aceitáveis.

Para a norma padrão somente a forma TU PEGASTE seria a correta. Ou seja, toda norma, sendo de maior ou menor prestígio, sofre processo de variação, uma vez que possui caráter histórico.

GÊNEROS TEXTUAIS

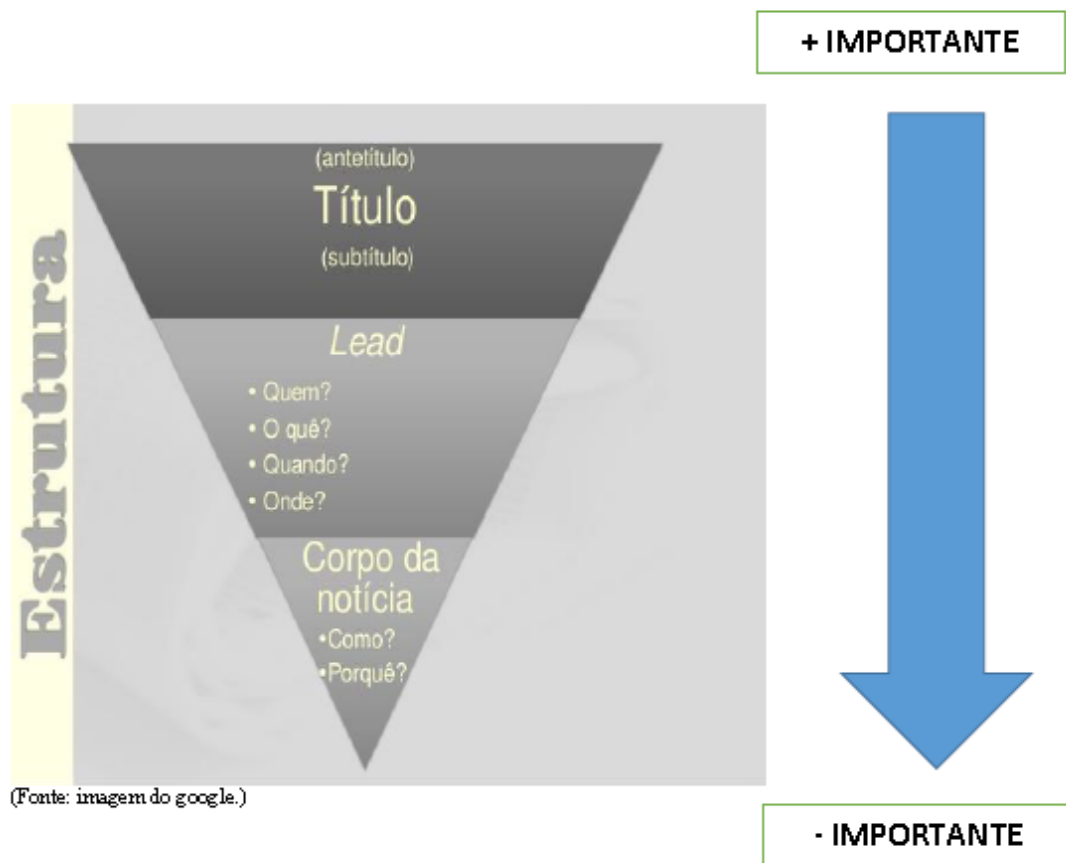
O GÊNERO NOTÍCIA

É o gênero básico do jornalismo, em que se relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião. É um gênero genuinamente informativo, em que, em princípio, o repórter não se posiciona, pois o que vale é o fato. (BALTAR, 2003, p. 119)

[...]. Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém *pensou, imaginou, sonhou, sonhou*, mas o que alguém *disse, propôs, relatou ou confessou*. [...] O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro. [...] Do ponto de vista técnico, a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político; o que importa é *se de fato aconteceu aquilo* ou, no caso de uma entrevista, se o entrevistado *disse realmente aquilo*. (LAGE, 1987, p. 25)

[...] Não *basta ser* verdadeiro; é preciso *parecer*. Daí a aversão a referências imprecisas. Não se escreve *alguns manifestantes* mas, sempre que possível, *10, 12 ou 15 manifestantes*. Não se diz que uma vila está *perto* de uma cidade; antes, procura-se informar qual a distância em quilômetros ou tempo de viagem. A placa do carro, a hora exata do desastre, o número de desabrigados pela enchente cumprem, no veículo de massa, um *dever de realidade*. (LAGE, 1987, p. 26)

PIRAMIDE INVERTIDA



(Fonte: imagem do google.)

❖ Título:

- ✓ Encabeça a notícia;
- ✓ Contém a informação básica para orientar o leitor;
- ✓ Deve ser breve.
- ✓ Tem duas funções fundamentais: informar e captar a atenção do leitor;
- ✓ Pode ser complementado por: - antetítulo e/ou - subtítulo.

❖ Lead/Lide:

- ✓ Parte inicial da notícia: contém a informação essencial sobre a notícia;
- ✓ QUEM? O QUÊ? ONDE? QUANDO?

❖ Corpo da notícia:

- ✓ Corresponde ao desenvolvimento do lead;
- ✓ Explica por que razão se deu o acontecimento: PORQUÊ?
- ✓ Descreve como ocorreram os factos: COMO?

O GÊNERO CRÔNICA

A crônica é, primordialmente, um texto escrito para ser publicado no jornal. Este, como se sabe, é um veículo de informação diário e, portanto, veicula textos efêmeros. Um texto publicado no jornal de ontem dificilmente receberá atenção por parte dos leitores hoje.

O mesmo tende a acontecer com a crônica. O fato de ser publicada no jornal já lhe determina vida curta, pois a crônica de hoje segue-se muitas outras nas próximas edições.

Há semelhanças entre a crônica e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se alimenta dos **acontecimentos diários**, que constituem a base da crônica.

Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo, elementos que o texto essencialmente informativo não contém.

Com base nisso, pode-se dizer que a crônica se situa entre o Jornalismo e a Literatura, e o cronista pode ser considerado o poeta dos acontecimentos do dia a dia.

A crônica, na maioria dos casos, é um texto curto e narrado em primeira pessoa, ou seja, o próprio escritor está "dialogando" com o leitor. Isso faz com que a crônica apresente uma visão totalmente pessoal de um determinado assunto: a visão do cronista.

Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão de mundo. Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

Geralmente, as crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária. Isso contribui também para que o leitor se identifique com o cronista, que acaba se tornando o porta-voz daquele que lê.

Principais Características

- ❖ Apresenta uma narrativa informal, familiar, intimista;
- ❖ Uso da oralidade na escrita, ou seja, linguagem coloquial;
- ❖ Leveza, apresenta coisas sérias por meio de uma linguagem descontraída;
- ❖ Uso do humor;
- ❖ Brevidade: apresenta um fato moderno que está sujeito à rápida transformação e à velocidade ou aspecto passageiro da vida moderna;
- ❖ É o único gênero literário produzido principalmente para ser veiculado na imprensa, em páginas de uma revista, ou em um jornal;
- ❖ Há semelhanças entre a crônica e o texto apenas informativo, porém a crônica contém elementos como ficção, fantasia e criticismo, já o texto informativo não.

FONTE:

Ana Denise Silva da Rosa, Nonelio Zanotto. **Aplicação do gênero notícia no ensino**. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. 2009

DIVERSIDADE TEXTUAL: **os gêneros na sala de aula**. Organizado por Carmi Ferraz Santos, Márcia Mendonça e Marianne C.B. Cavalcanti. 1. ed., 1ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

www.asesbp.com.br/literatura/cronica.htm

<https://www.todamateria.com.br/cronica/>

<http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cronicas/caracteristicas.htm>

3. Após a leitura da notícia **Médico debocha de paciente na internet: “Não existe pneumonia”**, preencha o quadro abaixo:

ELEMENTOS DA NOTÍCIA	NOTÍCIA
○ QUÊ?	
QUEM?	
QUANDO?	
ONDE?	
COMO?	

4. Transcreva o texto do LEAD/parágrafo guia.

5. Após a leitura da crônica **Desafiando a sorte, de Luis Fernando Veríssimo**, responda qual é o tema.

6. Onde costumam ser veiculadas as crônicas?

(ANEXO 12)

Provas realizadas pelos(as) alunos(as)

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORES ESTAGIÁRIOS: Laís Cristina Oliveira Afonso, Rafaela Rebello e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 17 de novembro - Quinta-feira
ALUNA/O: *Joana Reis de Souza*

PROVA

1) Leia a tirinha abaixo e assinale a alternativa correta:



Os dialetos estão relacionados às variedades linguísticas próprias de uma região ou território

- a) Pode-se identificar, no último quadrinho, a fala de um nordestino, exemplo de variedade linguística regional.
- b) O último quadrinho mostra um tipo de fala que não deve ocorrer em nenhum local do Brasil, pois é considerada errada.
- c) A variedade padrão é a única correta, devendo ser utilizada por todos os falantes, pois obedece às regras gramaticais e possui maior prestígio social. Sendo assim, a fala utilizada pelas meninas na tirinha está totalmente errada.
- Nesta tirinha, no último quadrinho, podemos perceber um tipo de variedade linguística: a variedade regional, a qual consiste nas diversas formas de pronúncia (sotaque), de vocabulário e de estrutura sintática utilizadas nas diferentes regiões do País.

2) Considerando o que você aprendeu sobre crônica, escreva duas características deste gênero.

A tão realidade da notícia,

3) Ao pensarmos no gênero notícia, quais são as quatro perguntas que devem ser respondidas no Lead/Lide/Cabeça?

quem, onde e quando.

4) Com base nos conceitos do gênero notícia, marque com um "X" a(s) afirmativa(s) **correta(s)** sobre o gênero notícia.

() Relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião.

() Em princípio, o repórter se posiciona, pois o que vale é a sua opinião.

(X) Do ponto de vista técnico, a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político; o que importa é se de fato aconteceu aquilo

() É notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou.

() Não basta ser verdadeiro; é preciso parecer verdadeiro.

(X) O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro.

5) De acordo com as aulas sobre variação linguística, a professora explicou que cada grupo social compartilha de um tipo de norma relacionada à língua, isto é, cada grupo social compartilha das mesmas características linguísticas quando está inserido em grupo. Dessa forma, podemos dizer que existe a norma linguística da família, a norma linguística do grupo de amigos etc. Além disso, que essas normas não são erradas, pois se há entendimento entre os falantes, há o ato da comunicação. Entretanto, há uma norma da qual devemos ter conhecimento e domínio, pois pertence ao grupo social dos letrados. Disserte sobre que norma é essa e qual sua importância na vida dos falantes.

Norma que domina a norma dos letrados, pois vale se impor em determinado local. A fala correta é a norma, mas se houver uma ~~norma~~ ~~de~~ ~~comunicação~~ ~~entre~~ ~~os~~ ~~falantes~~, ~~é~~ ~~considerado~~ ~~uma~~ ~~fala~~ ~~correta~~.

6) A partir do que foi explicado sobre preconceito linguístico, assinale a questão **correta**. Em seguida, escolha **uma** das três restantes e explique porque ela está errada.

a) O preconceito linguístico é a aceitação da forma como a outra pessoa fala, independentemente de sua origem e forma de expressar seus pensamentos, sem desrespeitar, julgar ou humilhar a fala de outro cidadão.

b) Todos os grupos sociais inseridos na sociedade compartilham de uma única forma de falar, isto é, todos os falantes do Brasil falam da mesma forma. Sendo assim, não preconceito linguístico, pois todos os indivíduos compartilham da mesma forma norma linguística.

c) As pessoas que sofrem o preconceito linguístico são discriminadas pela forma como falam, muitas vezes porque são de outra cidade, porque não possuem escolaridade etc. A prática do preconceito linguístico gera no indivíduo baixa autoestima e a anulação de sua própria identidade.

e) Pessoas que dominam a norma culta sofrem preconceito por serem letradas e terem mais prestígio social. Elas não aceitam a ideia de que existe variação linguística e todas elas falam exatamente da mesma maneira.

A Preconceito linguístico é não aceitar a forma que todo um fala independente do lugar que se vive.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORES ESTAGIÁRIOS: Laís Cristina Oliveira Afonso, Rafaela Rebelo e Rogerio Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 17 de novembro - Quinta-feira
ALUNA/O: *gustavo oliveira* *392*

PROVA

1) Leia a tirinha abaixo e assinale a alternativa correta:



DJOTA. Só dando gizada. *Correio Popular*, Campinas, 12 ago. 2005.
 Os dialetos estão relacionados às variedades linguísticas próprias de uma região ou território.

- a) Pode-se identificar, no último quadrinho, a fala 'de um nordestino, exemplo de variedade linguística regional.
- b) O último quadrinho mostra um tipo de fala que não deve ocorrer em nenhum local do Brasil, pois é considerada errada.
- c) A variedade padrão é a única correta, devendo ser utilizada por todos os falantes, pois obedece às regras gramaticais e possui maior prestígio social. Sendo assim, a fala utilizada pelas meninas na tirinha está totalmente errada.
- d) Nesta tirinha, no último quadrinho, podemos perceber um tipo de variedade linguística: a variedade regional, a qual consiste nas diversas formas de pronúncia (sotaque), de vocabulário e de estrutura sintática utilizadas nas diferentes regiões do País.

2) Considerando o que você aprendeu sobre crônica, escreva duas características deste gênero.

* linguagem informal, ironia e humor
* Diferentemente da notícia, é informal,
personal e é uma "conversa do leitor
leitor com o autor.

3) Ao pensarmos no gênero notícia, quais são as quatro perguntas que devem ser respondidas no Lead/Lide/Cabeça?

Quem, o que, quando, onde.

4) Com base nos conceitos do gênero notícia, marque com um "X" a(s) afirmativa(s) **correta(s)** sobre o gênero notícia.

() Relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião.

() Em princípio, o repórter se posiciona, pois o que vale é a sua opinião.

() Do ponto de vista técnico, a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político; o que importa é se de fato aconteceu aquilo

() É notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou.

() Não basta ser verdadeiro; é preciso parecer verdadeiro.

() O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro.

5) De acordo com as aulas sobre variação linguística, a professora explicou que cada grupo social compartilha de um tipo de norma relacionada à língua, isto é, cada grupo social compartilha das mesmas características linguísticas quando está inserido em grupo. Dessa forma, podemos dizer que existe a norma linguística da família, a norma linguística do grupo de amigos etc. Além disso, que essas normas não são erradas, pois se há entendimento entre os falantes, há o ato da comunicação. Entretanto, há uma norma da qual devemos ter conhecimento e domínio, pois pertence ao grupo social dos letrados. Disserte sobre que norma é essa e qual sua importância na vida dos falantes.

A norma que devemos ter conhecimento é a norma culta, é ela que dá flexibilidade que devemos falar em cada grupo social. Pois na família falamos de um jeito de se expressar, na igreja nós temos um jeito de se expressar. Então a importância para nós dos falantes é que tem que ter exatidão e saber que cada momento requer a ~~fa~~ fala.

6) A partir do que foi explicado sobre preconceito linguístico, assinale a questão **correta**. Em seguida, escolha **uma** das três restantes e explique porque ela está errada.

a) O preconceito linguístico é a aceitação da forma como a outra pessoa fala, independentemente de sua origem e forma de expressar seus pensamentos, sem desprezar, julgar ou humilhar a fala de outro cidadão.

b) Todos os grupos sociais inseridos na sociedade compartilham de uma única forma de falar, isto é, todos os falantes do Brasil falam da mesma forma. Sendo assim, não preconceito linguístico, pois todos os indivíduos compartilham da mesma forma norma linguística.

c) As pessoas que sofrem o preconceito linguístico são discriminadas pela forma como falam, muitas vezes porque são de outra cidade, porque não possuem escolaridade etc. A prática do preconceito linguístico gera no indivíduo baixa autoestima e a anulação de sua própria identidade.

e) Pessoas que dominam a norma culta sofrem preconceito por serem letradas e terem mais prestígio social. Elas não aceitam a ideia de que existe variação linguística e todas elas falam exatamente da mesma maneira.

a) a) está errada é a letra a,
da que preconceito linguístico é o
avulso a forma da outra falante,
e é totalmente o contrário;

resposta

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO
PROFESSORA REGENTE: Mestra Myriam Pereira Botelho Ramos
PROFESSORES ESTAGIÁRIOS: Laís Cristina Oliveira Afonso, Rafaela Rebello e Rogério Cruz Pereira
DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura
TURMA: 392
DATA: 17 de novembro - Quinta-feira
ALUNA/O: *Lamila M. da Silva*

PROVA

1) Leia a tirinha abaixo e assinale a alternativa correta:



DJOTA. Só dando gizada. *Carreio Popular*, Campinas, 12 ago. 2005.

Os dialetos estão relacionados às variedades linguísticas próprias de uma região ou território

- a) Pode-se identificar, no último quadrinho, a fala de um nordestino, exemplo de variedade linguística regional.
- b) O último quadrinho mostra um tipo de fala que não deve ocorrer em nenhum local do Brasil, pois é considerada errada.
- c) A variedade padrão é a única correta, devendo ser utilizada por todos os falantes, pois obedece às regras gramaticais e possui maior prestígio social. Sendo assim, a fala utilizada pelas meninas na tirinha está totalmente errada.
- d) Nesta tirinha, no último quadrinho, podemos perceber um tipo de variedade linguística: a variedade regional, a qual consiste nas diversas formas de pronúncia (sotaque), de vocabulário e de estrutura sintática utilizadas nas diferentes regiões do País.

2) Considerando o que você aprendeu sobre crônica, escreva duas características deste gênero.

Posição humanista, e lhe oferece a oportunidade de participar da crônica.

3) Ao pensarmos no gênero notícia, quais são as quatro perguntas que devem ser respondidas no Lead/Lide/Cabeça?

Onde, quando, quem e porque.

4) Com base nos conceitos do gênero notícia, marque com um "X" a(s) afirmativa(s) **correta(s)** sobre o gênero notícia.

(X) Relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião.

() Em princípio, o repórter se posiciona, pois o que vale é a sua opinião.

(X) Do ponto de vista técnico, a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político; o que importa é se de fato aconteceu aquilo

() É notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou.

() Não basta ser verdadeiro; é preciso parecer verdadeiro.

(X) O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro.

5) De acordo com as aulas sobre variação linguística, a professora explicou que cada grupo social compartilha de um tipo de norma relacionada à língua, isto é, cada grupo social compartilha das mesmas características linguísticas quando está inserido em grupo. Dessa forma, podemos dizer que existe a norma linguística da família, a norma linguística do grupo de amigos etc. Além disso, que essas normas não são erradas, pois se há entendimento entre os falantes, há o ato da comunicação. Entretanto, há uma norma da qual devemos ter conhecimento e domínio, pois pertence ao grupo social dos letrados. Disserte sobre que norma é essa e qual sua importância na vida dos falantes.

É a norma social, da qual precisamos ter conhecimento para nos comunicarmos sem outros problemas. A norma social é a que usamos no dia-a-dia, independente de onde estamos, ou da origem. Não permite expressar variedades, é a modo como falamos.

6) A partir do que foi explicado sobre preconceito linguístico, assinale a questão **correta**. Em seguida, escolha **uma** das três restantes e explique porque ela está errada.

a) O preconceito linguístico é a aceitação da forma como a outra pessoa fala, independentemente de sua origem e forma de expressar seus pensamentos, sem desprezar, julgar ou humilhar a fala de outro cidadão.

b) Todos os grupos sociais inseridos na sociedade compartilham de uma única forma de falar, isto é, todos os falantes do Brasil falam da mesma forma. Sendo assim, não preconceito linguístico, pois todos os indivíduos compartilham da mesma forma norma linguística.

c) As pessoas que sofrem o preconceito linguístico são discriminadas pela forma como falam, muitas vezes porque são de outra cidade, porque não possuem escolaridade etc. A prática do preconceito linguístico gera no indivíduo baixa autoestima e a anulação de sua própria identidade.

e) Pessoas que dominam a norma culta sofrem preconceito por serem letradas e terem mais prestígio social. Elas não aceitam a ideia de que existe variação linguística e todas elas falam exatamente da mesma maneira.

Alternativa A =

O preconceito linguístico é a não aceitar a modo de falar de outras pessoas, por ser de outra origem. É desprezar suas raízes, julgar seu modo de pensar, é humilhar ou zombar da forma de falar de outras pessoas.

(ANEXO 13)

Notas dos(as) alunos(as)

TABELA DAS NOTAS DA TURMA 392

ALUNA (O)	NOTÍCIA	CRÔNICA	PROVA	PARTICI- PAÇÃO
Alcides Jorge Luz Rodrigues	-	-	-	-
Alcione Xavier Cascaes	6,0	7,7	3,7	7,0
Amanda Schneider da Silva	8,6	7,7	7,75	8,0
Andresa Elizandra Ricchter Dolberth	Cópia (Não refez)	9,0	7,0	5,0
Antônio Paulo de Moura Neto	7,7	-	4,5	6,0
Arthur Bitencourt Tusi	6,6	7,2	7,5	7,0
Brenda Santana Scheidt	9,6	9,9	-	7,5
Bruno Barbosa	-	-	-	-
Camila Matos da Silva	8,9	7,8	7,25	7,0
Claudiane da Costa	9,4	9,5	9,5	9,0
Dayana Makowiecky da Silva	9,5	8,8	-	9,5
Débora Antunes	7,8	8,2	6,2	7,0
Dykauan Martins Cordeiro Tolentino	8,6	8,7	9,0	8,5
Eduarda Jordana Saraiva Tomich	7,8	8,2	5,0	7,0
Erikson José Correa	9,4	-	-	5,0
Felipe da Luz Freire	7,3	8,4	6,0	9,5
Felipe Moacir os Santos Voigt	-	-	-	-
Giovana Regina Barbosa	8,0	8,6	7,0	8,5
Gustavo de Azevedo Soares	8,6	8,7	-	8,5
Gustavo Oliveira Lima	7,9	10,0	9,9	9,0
Jéssica de Souza	8,6	7,7	8,25	8,0
Jimmy Lucas Silva Cidral	7,1	7,7	7,2	7,0
João Victor Rosa Souza dos Santos	-	7,8	3,5	6,5
José Carlos Marcílio	9,5	9,8	7,0	9,0
José Vinicius Marques Cimiano	8,0	8,2	-	8,5
Júlio César de Matos Vieira	-	9,1	6,5	7,0
Kevin Reis de Sousa	8,4	9,7	8,25	7,0
Luann Gabriel Cardoso Formigoni	-	-	-	-
Marcos Vinício de Sousa	7,0	8,9	7,0	6,5
Maria Eduarda Alexandre Caetano	-	-	-	-
Marielen de Oliveira	-	-	-	-
Mateus Augusto Toriani	-	-	-	-
Maurício Steinbach	8,6	8,6	5,3	8,0
Mike da Silva	-	-	6,75	6,0
Nicolas Camargo de Souza	-	-	-	-
Paloma Pires da Silva	9,5	6,5	-	6,0
Steffany Rodrigues Nascimento	9,3	8,2	-	7,5
Talita Oliveira Rodrigues	-	8,5	7,5	7,0
Vanda Ferreira de Jesus	9,0	8,2	9,5	9,0
Victor Adriani Forbici	7,2	8,4	7,0	7,5
Vinicius Roberto de Campos	-	-	-	-

Fim